

REVISTA EDIÇÃO Nº 106 | ABRIL DE 2024

# CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Incentivo à  
leitura

**CONFIRA DICAS PARA LEITURA, DICAS PARA PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIAS E MUITO MAIS...**



EDIÇÃO 105



ÍNDICE

# CONTEÚDO



- Expediente, pág. 03**
- Editorial, por Ademir Pascale, pág. 04**
- Encontros, por Bert Jr., pág. 06**
- Poema: Saldade, por Bert Jr., pág. 11**
- Transformações, por Gianni Maria Carneiro, pág. 12**
- Poema: A negação do eu, por Sellma Luanny, pág. 18**
- Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 20**
- Dicas para leitura, pág. 28**
- Poema: O resplendor da Rainha, por Maria Eduarda B.S, pág. 29**
- Conversas interdisciplinares: do direito à arte e a 2ª edição do Prêmio Mestre das Letras, por Loecy Rosa Damasio, pág. 30**
- Poema: Ângulo Obtuso, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 34**
- Poema: Caminhos, por Marco Antônio Frozi Filho, pág. 36**
- Textos diversos de Flavio Joppert, pág. 38**
- Entrevista com Luciana Simon de Paula Leite, pág. 50**
- Entrevista com Alexandre Perobelli, pág. 54**
- Entrevista com Antonio Di Bianco, pág. 59**
- Entrevista com Fernando Carvalho, pág. 65**
- Entrevista com Gisele Garcia, pág. 69**
- Entrevista com Kelly Cristina Santos de Oliveira, pág. 74**
- Citações de grandes autores, pág. 79**
- Conto: A caixa de lápis de cor, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 84**
- Conto: O pó dos mortos, por Luiz F. Haiml, pág. 90**
- Conto: A pensão de Dona Amélia, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 99**
- Conto: A garota de amarelo, por Max Moreira, pág. 105**
- Conto: Carne avanço, por Idicampos, pág. 109**
- Conto: Janelas, por Iraci J. Marin, pág. 115**
- Conto: Entre areia e mistérios, por Mônica Palacios, pág. 119**
- Conto: O outono do tio Maneco, por Roberto Schima, pág. 122**
- Conto: Lembre-se de me deixar rasgar seu coração, por Ney Alencar, pág. 129**
- Conto: Passos para o cosmos, parte VI, por Sellma Luanny, pág. 134**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 145**



## NESTA EDIÇÃO

*Dicas para leitura*

*Entrevistas*

*Artigos*

*Poemas e Contos*

## RICARDO LEON

“Os livros me ensinaram a pensar, e o pensamento me fez livre.”

## FERNANDO PESSOA

“Ler é sonhar pela mão de outrem.”

## QUEM FAZ A REVISTA

### EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

CONHEÇA O NOSSO SITE: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura® é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/edicoes-da-revista](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/edicoes-da-revista)

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/midia-kit](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/midia-kit)

CONTATO:  [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org) - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd



conexaogramatica

# EDITORIAL

Querido(a) leitor(a)!

Chegamos em nossa edição de nº 106 com mais um vasto conteúdo de incentivo à leitura: entrevistas com escritores, contos, poemas, dicas para leitura e muito mais. Confira nas próximas páginas.

*“Ler um livro é para o bom leitor conhecer a pessoa e o modo de pensar de alguém que lhe é estranho. É procurar compreendê-lo e, sempre que possível, fazer dele um amigo.” - Hermann Hesse*

Para saber como participar da nossa edição de maio/2024: **clique aqui**.

Tenha uma ótima leitura!

*Ademir Pascale*

EDITOR



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# O LADO BOM DA VIDA

CONTOS E POEMAS



ANTOLOGIA  
NACIONAL



CONTOS E POEMAS

E-BOOK

O lado bom  
da vida



"Às vezes ouço passar o  
vento; e só de ouvir o  
vento passar, vale a  
pena ter nascido."  
— Fernando Pessoa



Ademir Pascale  
Organizador

saiba mais: clique aqui

# ENCONTROS

POR BERT JR.



*Do assento junto à mesinha costumeira,  
Thomas Chopim contemplava o mar, para  
além da zona de formação das ondas.*

**D**o assento junto à mesinha costumeira, Thomas Chopim contemplava o mar, para além da zona de formação das ondas. Era o começo do verão; já o calor exigia uma bebida gelada. Inclinando levemente o copo, que retinha colado aos lábios, Chopim verteu um pouco do líquido garganta abaixo. Porém, o desejado refrigério viu-se contrariado por uma sensação ebuliente, que lhe trespassou as entranhas no avançado da manhã. Percorrendo o trecho de calçada rente ao bar, uma escultura de bronze maleável locomovia-se em direção à praia, de costas para ele. Segundo seus cálculos — pouco fiáveis porque mentais, além de afobados —, a garota devia medir mais do que ele próprio em altura, embora tivesse uma circunferência abdominal muitíssimo menor, coisa indiscutível à vista do modo como as ancas cingiam o seu tronco esguio, sugerindo o trabalho de mãos invisíveis na moldagem da cintura e dos volumes semiglobosos, evidenciados logo abaixo.

Conforme ocorria em ocasiões imprevisíveis, Thomas Chopim tamborilou na madeira da mesa, para logo cantarolar uma linha melódica. Nii-na, nãñanananii-na, nanina nanãã-nã... Ei, isso não está mal — pensou. Enquanto compunha a melodia, resolveu convocar dois de seus amigos das artes musicais, letristas da pesada, para que viessem emprestar carnadura poética à peça. “Venham rápido”, pediu ele, “pois quero a canção concluída antes do cair da tarde”. Embora sem saber os pormenores do que se passava, os dois amigos, habituados àquele modo enigmático de se comunicar, atenderam ao apelo do estimado Chopim.

O primeiro a chegar foi Vinícolo de Novaes; de boina, um velho calção de banho, e camisa de linho branca, de mangas curtas, meio desabotoada, salpicada de suor. Sentando-se à direita de Chopim, indagou o que havia de tão urgente para fazê-lo enfrentar o calor das doze horas. Àquela altura, Chopim já havia finalizado a melodia. Antes de apresentá-la, teve que esperar o amigo pedir ao garçom:

— Traz um canídeo engarrafado; mas que venha do polo norte, pois hoje a canícula está braba!

O garçom, conhecedor do código para a dose dupla de uísque com três pedras de gelo, apenas respondeu “pode deixar, doutor” e foi buscar a bebida. Chopim não segurou a risadinha; adorava as frases originais do amigo Vinícolo, e essa, comparando uísque a cachorro, só que engarrafado, era irresistível.

— Como anda essa voz de barítono subaquático, depois de meia dúzia de cervejas estupidamente geladas?

— Melhor que a sua, que parece com a de quem habita uma pipa de vinho vazia.

Essas provocações eram comuns entre eles; uma espécie de invocação preparatória à sessão de talento artístico que viria a seguir. Assim que o uísque chegou, Chopim cantarolou a melodia para os ouvidos poéticos de Vinícolo. Como o amigo se mostrasse pensativo, inquiriu-o com o olhar, para saber sua opinião.

— Me soou como uma peça do Glenn Miller. Tem certeza que não é plágio?

— Que Glenn Miller o quê, Vinícolo? Fiz agora; não é jazz, não. É pura bossa-nossa!

— Tá bem, meu Xangô, não se ofenda, não. Vejamos o que o nosso amigo ali vai dizer — ponderou Vinícolo, apontando na direção de Kiko Conhaque d'Yolanda, que vinha chegando.

Kiko Conhaque instalou-se à mesa com aquele seu sorriso característico, como se a tampa do teclado de um piano vertical novinho em folha fosse retirada de repente. Depois dos gracejos habituais e de ter diante de si o copinho de cachaça, ouviu, atentamente, Chopim cantarolar sua nova melodia. Ao final, comentou, para desconcerto de Vinícolo:

— Vai dar uma bossa-nossa das boas! O que foi que te inspirou, Chopim?

Contente em ver superada a questão acerca do possível plágio, Chopim descreveu a visão que tivera da escultura ambulante, de bronze maleável, caminhando em direção à praia, de costas para ele.

— Então, na volta do mar ela passará de frente para nós — concluiu Kiko Conhaque.

— Temos que fabricar logo essa letra — exclamou Vinícolo, pedindo que lhe trouxessem outro cachorro engarrafado, de bom pedigree.

Chopim confessou sentir-se como que golpeado por uma força da natureza. Subjugado, disse ele, e isso sem que o seu olhar tivesse encontrado o dela.

— É como uma lua, que chega de repente e flutua no céu, inatingível — declamou Vinícolo.

— Se ela passar de frente para mim, posso cometer uma insensatez... — confessou Chopim.

— É, meu irmão, são demais os perigos dessa vida pra quem tem paixão; mas vai sofrer, vai, vai penar!

— Acho que vou mesmo é pegar um avião e levar o meu coração pra longe, pra não ter que queimar todos os meus navios.

— Vai pra Angola — sugeriu Conhaque d'Yolanda. — Lá tem cada morena... e todas vêm com chocalho amarrado na canela.

— Todo mundo sabe que a minha música não é de levantar poeira, Kiko. Aqui, quem é chegado num samba, além de você, é o Vinícolo. Sou o único parceiro dele que não é sambista.

— Tá com inveja dos violonistas bons de síncope que eu arranjei?

— E por que teria, Vinícolo, se a minha música combina perfeitamente com a garota dourada, que passou a caminho do mar?

— Que tal se a gente inventasse uma história em torno dela, pra deixá-la mais normal, menos inacessível? Ela por exemplo, podia se chamar Genilda e ser uma prostituta desprezada por todos, mas que salva sua cidade da destruição num autossacrifício altruísta.

— Genilda não, Kiko, tenha paciência! E prostituta, ainda por cima? Essa molecagem sua me faz pensar que você é ainda muito jovem para estar nesta mesa, não acha, Vinícolo?

— Sei lá, Chopim, a vida tem sempre razão... Até que a ideia de se inventar uma personagem não é má. Podia ser uma mulher traída pelo seu homem, que se cansa e abandona o lar, enquanto o marido, vendo tudo desmoronar, se dá conta de que queimou a regra três.

— Vou te contar! Os olhos de vocês não viram o que eu vi e não podem entender o que só o coração pode saber — rebateu Chopim. — Agora, se for para pensar num nome, tem que ser algo musical, assim como Dindom, ou Dindim. Um nome que é como um sinal sonoro, destinado a anunciar uma visão: a coisa mais linda que existe, embora não exista.

No intuito de contestar o argumento sobre ser demasiado jovem, Kiko Conhaque acabou discorrendo sobre um Zepelim gigante, que surgia e carregava a garota embora, antes que uma união carnal se consumasse. Foi nesse ponto que Vinícolo de Novaes interveio, estarecido, agarrando com força o antebraço dos dois amigos, o olhar fixado na direção do mar, de onde a estátua perambulante, de bronze maleável, retornava para fazer sua aparição em versão frontal diante do grupo.

— Olha, que coisa mais linda... — balbuciou Thomas Chopim.

— É ela, dourada, que vem e que passa... — agregou Vinícolo de Novaes.

— Ah, por que sou tão novinho...? — completou Kiko Conhaque d'Yolanda.

E assim se compôs “A garota de Itapoã e o Zepelim”.

\*\*\*

**Bert Jr.** é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Tem seis livros publicados: dois de contos, três de poesias e um de crônicas humorísticas. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura. Em 2024, publica seu romance de estreia, intitulado *Antes do fim do riso*.

Instagram: @\_bertjunior.

Facebook: Bert Jr.

Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).

Novos vídeos no canal  
**CONEXÃO NERD**



**INSCREVA-SE**

**[www.youtube.com/conexaonerd](http://www.youtube.com/conexaonerd)**

**APRESENTADO POR  
ADEMIR PASCALE**



# SALDADE

POR BERT JR.

Tua saudade  
realça o gosto de ti  
fazendo sentir  
o quanto te quero feliz  
enche minha mente com flores  
que espero amanhã te dar  
e lugares desconhecidos  
onde conhecer-nos melhor  
pois  
amor  
vinte anos  
são tempo distante  
de ser demasiado  
e bodas de prata  
logo ouro, diamante  
num estalo mágico serão presentes  
por isso  
hoje é preciso  
saber que escreveremos  
um longo romance pelos próximos séculos  
assim como plantaremos versos  
nos vindouros  
milênios  
e  
disso tudo  
nossa prole nutrir-se-á

Tua saudade  
amor  
é meu sal  
e com ela trago os instantes  
quando não te acho perto  
de mim



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre. Graduou-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia, pelo Instituto Rio Branco. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Tem seis livros publicados: dois de contos, três de poesias e um de crônicas humorísticas. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura. Em 2024, publica seu romance de estreia, intitulado Antes do fim do riso. Instagram: @\_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).

**POR GIANNI MARIA CARNEIRO**

# TRANSFORMAÇÕES



O mundo tem passado por muitas transformações, desde o século XIX: mudanças de pensamentos, de forma de trabalho, de se comunicar, de se transportar. Mas o homem não mudou, continua tão boçal, quanto nos tempos antigos. Nos deparamos hoje, com um grande desenvolvimento tecnológico e científico, mas não nos desenvolvemos moralmente, não desenvolvemos em nós, o respeito ao ser humano, (aquele que é diferente, preferencialmente). O diferente para nós, é como um inimigo que precisa ser no mínimo excluído; nos tornamos boçais com armas tecnológicas; não aprendemos que o diferente pode ser aliado, um amigo ou mesmo um irmão, queremos sempre estarmos fechados em nossas bolhas onde todos dão apoio, e, cobertura.

Um exemplo disso: é o trabalho escravo.

Em pleno 2024, o homem continua a escravizar seus irmãos, onde é preciso uma autoridade para libertá-los.

O meio ambiente, é destruído pela ganância, de alguns setores, que querem o fim dos povos indígenas e quilombolas; eles só têm direitos a terra, se não ameaçar o interesse de alguns do agronegócio, e da mineração; povos indígenas sendo dizimados com doenças, águas contaminadas por mercúrio, tirando sua base alimentar, e a violência predominando.

Conflitos armados acabando com a vida de crianças, jovens e velhos, populações inteiras sendo dizimadas; isso está acontecendo no mundo todo. E as pessoas ficam no seu mundinho, sem se importarem com que está acontecendo no Brasil e no mundo; sempre fechados dentro de suas bolhas.

Mas há ainda pessoas com um pouco de senso crítico, que tentam a custo do próprio sossego, levar a verdade, para todos os cantos, pois outro grande problema, é a disseminação de fake News, elegendo governos com tendencias autoritárias, e gerando uma série de problemas, inclusive com suicídios de crianças e jovens, por causa das ditas fake News.

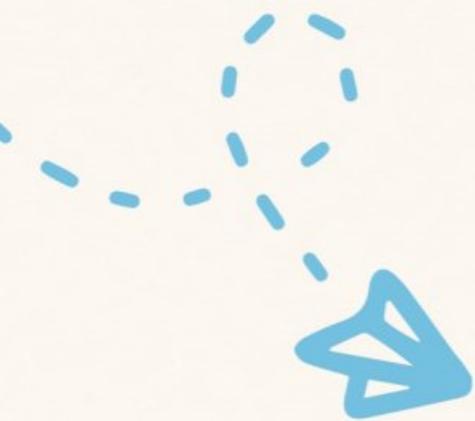
Entretanto às pessoas que eu falava antes, são verdadeiros heróis que com esforços, procuram levar a verdade e o esclarecimento, diante de tanta inverdade.

E lutemos para que o bicho-homem, se conscientize, de que o diferente é também seu irmão, e que todos tem direitos a vida e a dignidade. Brancos, negros, indígenas, quilombolas, e toda as formas de vida humana, animal e vegetal.

\*\*\*

SOBRE A AUTORA:

Sou escritora, gosto da natureza, viajar, aprecio criações e tenho três gatinhos.



# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

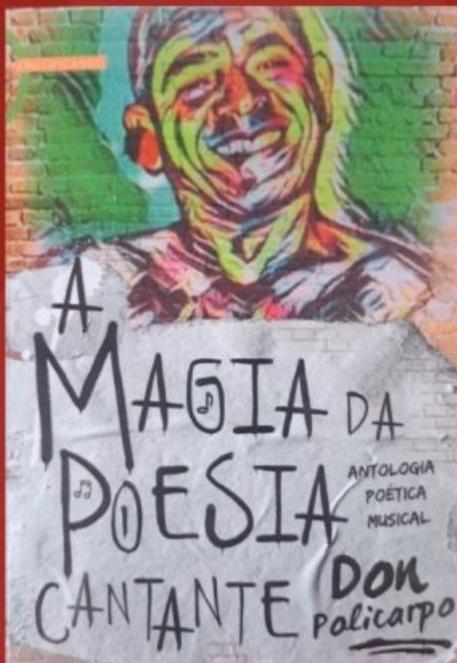
## A NOSSA REVISTA VIAJA NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ



# CONHEÇA

## A MAGIA DA POESIA CANTANTE

### de Don Policarpo



Poemas que viraram canções que se desviram em poemas, que se desmembram, juntando-se a outros poemas, que viraram outras canções, que desviram e nunca se acomodam. Poesias são letrinhas juntadas que separadas não dizem nada, mas que bem colhidas, podem se transformar em palavras juntadas, rimadas, que podem, também, virar canções. Falando canções ou cantando versos e poemas, reforça-se o universo das poesias, abrindo-se caminhos, pavimentando-se estradas que levarão ao coração de quem lê, um pouco do poeta que habita em todos nós.

Sobre o autor Don Policarpo:

São Paulo – SP

20 de janeiro de 1964

Escritor, poeta, contista e compositor, Don é Técnico de Meio Ambiente, Graduou-se em Geografia, Professor do Estado e Pós Graduou-se em História da África e Docência Superior. Membro Imortal da Academia Internacional de Literatura e Artes Poetas Além do Tempo – AILAP 2021. Antologista, autor com 18 livros publicados sendo os últimos, MAÇÃ, MORRE-SE SOB A CIIDADE e A MAGIA DA POESIA CANTANTE.

FACEBOOK: Dalvilson Policarpo /

Don Policarpo/ Loja: O Peteleco

INSTAGRAM: Don Policarpo

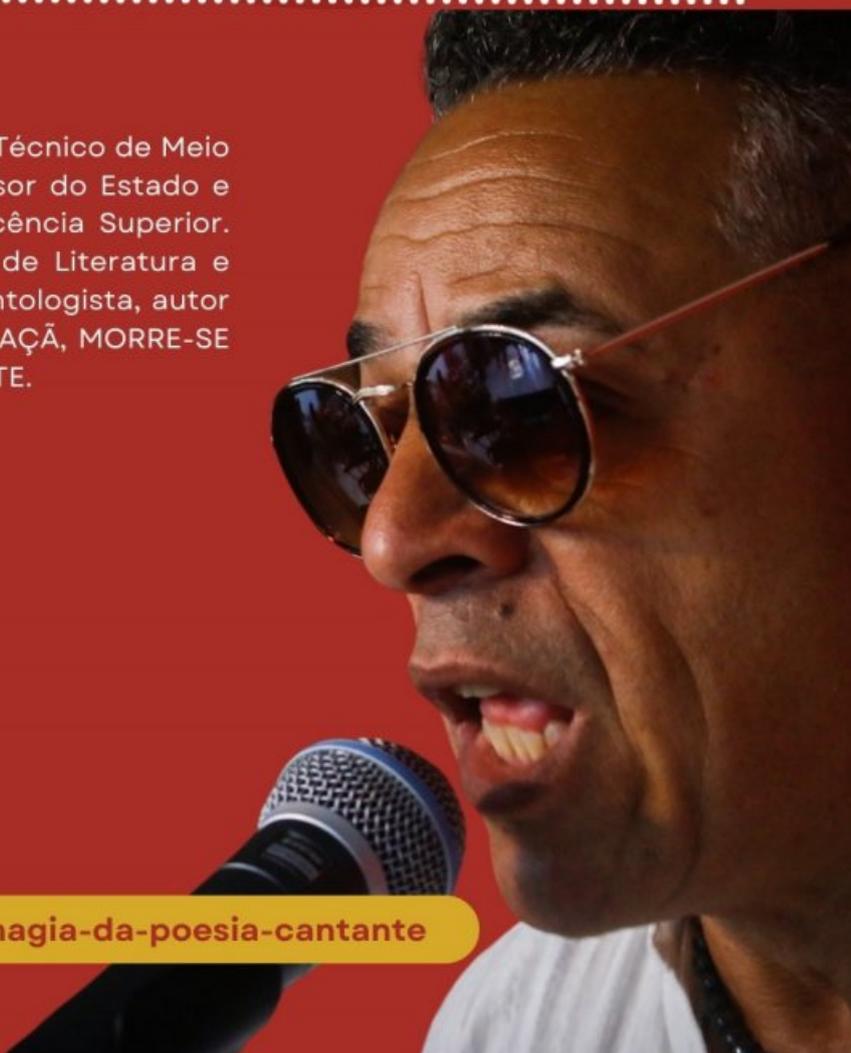
SITE: falapoli.wordpress.com

EMAIL: donpoetapolicarpo@gmail.com

YOUTUBE: @falapoli

saiba  
mais

[www.editorafrutificando.com.br/a-magia-da-poesia-cantante](http://www.editorafrutificando.com.br/a-magia-da-poesia-cantante)



atinja o seu público alvo

ESCRITOR(A)

**divulgue o seu livro**

NAS EDIÇÕES DA

**Revista Conexão Literatura**



**ENTRE EM CONTATO**  
[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

Você não sabe como divulgar

# O SEU LIVRO?



FIQUE TRANQUILO,  
NÓS FAZEMOS ISSO  
PARA VOCÊ!

DIVULGUE PARA MAIS DE **870 MIL**  
LEITORES POR APENAS R\$ 180,00

SAIBA MAIS: **CLIQUE AQUI** ←

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

Por Sellma Luanny

# A Negação do Eu

Se sou eu, o que me separa  
do outro e do todo?  
Se sou eu, por que incompleta  
com acréscimos a necessitar?

Não fui testada... eu. Não nasci... eu.  
Com duas metades de célula  
num impreciso início, gestada...  
Metades que numa genérica  
célula se completaram.

De extrínsecas matérias acrescida,  
esta célula se multiplicou.  
Estimularam os aumentos  
e sopraram velas,  
os naturais processos.  
Codificaram o andamento,  
tomos não lidos mas lídimos.

Agora, a reversão da formação...  
a dissociação e a perda...  
sem autocontrole,  
sem permanência.  
Começando o desmonte  
esta estrutura.

Não sou o esperado "eu"!  
Se pudesse realmente sê-lo,  
este arranjar e desarranjar,  
para mim, jamais!  
Uma impermanência, eu estou.  
Da existência, um blefe.  
Quanto mais penso  
concluo: menos sou.

## **SOBRE A AUTORA:**

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

2024

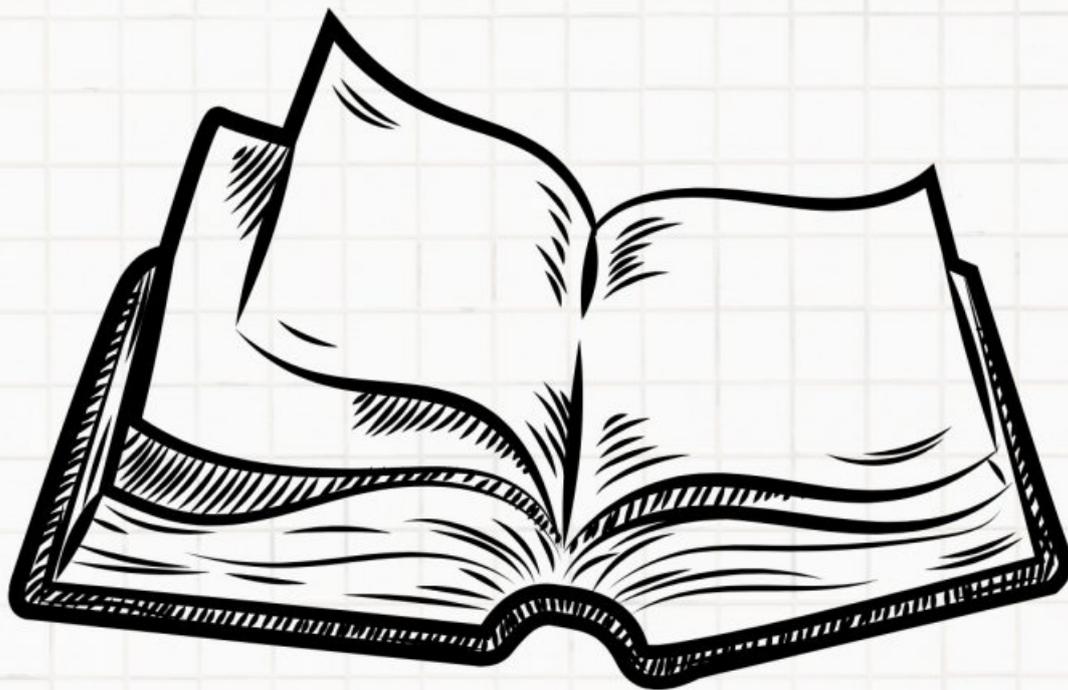
Patrocine a

REVISTA

## CONEXÃO LITERATURA

Editoras, livrarias, autores. etc., saibam como patrocinar a revista Conexão Literatura e ter a sua marca (site, produto) divulgado no site da revista, edições mensais e redes sociais, que somam mais de 1 milhão de seguidores.

Escreva para o editor Ademir Pascale:  
ademir@divulgalivros.org



[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

# NÃO ESPERE!

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Foi, de fato, com você  
Que consegui alcançar  
Modificar e me transformar em “alma” nova  
Neste momento

Amanheceu, em mim, um novo pensamento  
Surgindo radiante como prova  
Da verdade que se tem em amar  
Fazendo renascer a bela vontade de viver

Ah! Levante a cabeça! Não espere acontecer  
Procure aceitar ardentemente  
O passado que se vá! Tão sábia essa ideia de o esquecer

Viva e descubra outra alegria... em você somente  
Abra os braços para o “Céu” ao receber nova vida  
Irá, então, sorrir de felicidade pois será, novamente aquela querida

# AINDA “CRIANÇA”

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

De você alegremente sorrindo... o belo viver  
Como me encanto dessas lembranças escrever

Embora não pareça a cada hora  
A escrita me toma envolvendo “elogios”  
Na pele, por todo o corpo, “calafrios”  
Pelas delicadas conversas como estou recordando agora  
Muitas delas um tanto “avessas”  
Imitando, no olhar, crianças “travessas”

Surgem de indagações, do árduo desejo em saber  
Se tais sensações ocorrem também no “ninho” ao adormecer

O sorriso na lembrança? Ah! Como desperta a “cavinha”  
Que nos lábios andava bem “quietinha”  
O levantar dos braços acorda para ao redor dominar  
Os desejos que afloram se jogam para somente amar  
E eu, ainda infantilmente sorrindo  
De brincadeira, finjo estar partindo

Ah! Quanta alegria para real sentimento  
Essa de somente amar a cada momento

Das estranhas conversas, mas engraçadas  
Por mais que se tenha vontade em parar  
A felicidade de pessoas amadas  
Não deixa faltar, pois implora o desejar  
Assim, estabelecem várias emoções  
Em nossos ansiosos corações

De você alegremente sorrindo... o belo viver  
Como me encanto dessas lembranças escrever  
Surgem de indagações, do árduo desejo em saber  
Se tais sensações ocorrem no “ninho” ao adormecer  
Ah! Quanta alegria para real sentimento  
Essa de inteiramente amar a cada momento

# "AME OUTRA VEZ"

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Esqueça o medo  
Este, o grande segredo  
Para se amar  
E, queira ou não, "ame outra vez" sem parar

Esteja, por Ele segura  
Olvide... tire de a cabeça ser novamente uma aventura  
Para em outra emoção viver... se maltratar  
E, por certo, voltar a chorar

Abrace, com carinho, esta delícia que é o amor  
Sinta, no "ninho", o amanhecer jorrando perfume  
Da força de tal sentimento, não haverá mais ciúme

Em outro lugar, assim, repousará a antiga dor  
No interior, só o "borbulhar" da felicidade  
Esteja certa! Sorrirá o coração dessa tão falada "saudade"



# SÉRIAS PALAVRAS

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Quando você “aparece”  
De todas as adversidades meu interior esquece  
Renasce voluntariosa a “Paixão”  
E, no amanhecer, o inteiro viver sob emoção

Ao exato momento de a hora chegar  
Imaginações me torturam se eu lá não estiver  
Soluções, então, para no encontro nada falar  
E ser, de fato, “aquela” mulher

O sorriso que surge? Sim, de alegria e nervoso  
Pura ansiedade ao momento tão maravilhoso  
E, como sempre, a tímida “cavinha” de soslaio cresce

Se nada acontece... ao espelho o belo rosto envelhece  
Desfiladeiros por toda a face se “assanham” rapidamente  
E aí, bem escondido, o “choro” faz jorrar lágrimas em uma danada  
“corrente”

# O SINCERO PEDIDO

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Você, infelizmente, brincou  
Com algo, em mim, muito sensível... indevido  
Por pensar ou até mesmo ter esquecido  
Que já sofreu pelo tanto, com a outra, que amou

Eu, aqui, gostaria de dizer, por você, não sinto mais nada  
Essa a “mentira” da desesperada  
Que chora em outro lugar, sozinha, lá fora  
Pelos “momentos” passados até agora

Para frente repense! Bem sabe ter sofrido idêntica dor  
No “momento” em que viveu a nostalgia pela razão da separação  
Quando partiu o seu querido amor  
Da ocasião não preciso relembrar: muito chorou!  
Ah! “Querido”! Não faça isto assim comigo, por favor!



# JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo Poemas publicados mensalmente, no Brasil, na – REVISTA CONEXÃO LITERATURA – em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024. No exterior, destacada participação no Projeto da Editora Colibri em Lisboa – Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive meu início na Edição 06 e, agora, estamos na Edição 24.

Tenho editado Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros de Poemas, com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE...

No mesmo passo, dois outros Livros de Poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a Editora ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, dois Romances com os Títulos: ARDENTE ENCONTRO e SEIS MESES.

Possuo Menção Honrosa concedida ao meu Poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho sou ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco Letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea\_

Email: mjgouvea@hotmail.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# POEMAS AO AMANHECER

VOL. II

## POEMAS AO AMANHECER

VOL. II

E-BOOK

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

saiba mais: clique aqui



# PACOTE

## DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

DIVULGUE O SEU  
**LIVRO** CONOSCO

- **DIVULGUE  
PARA + DE  
870 MIL  
LEITORES  
POR**
- **R\$ 180**

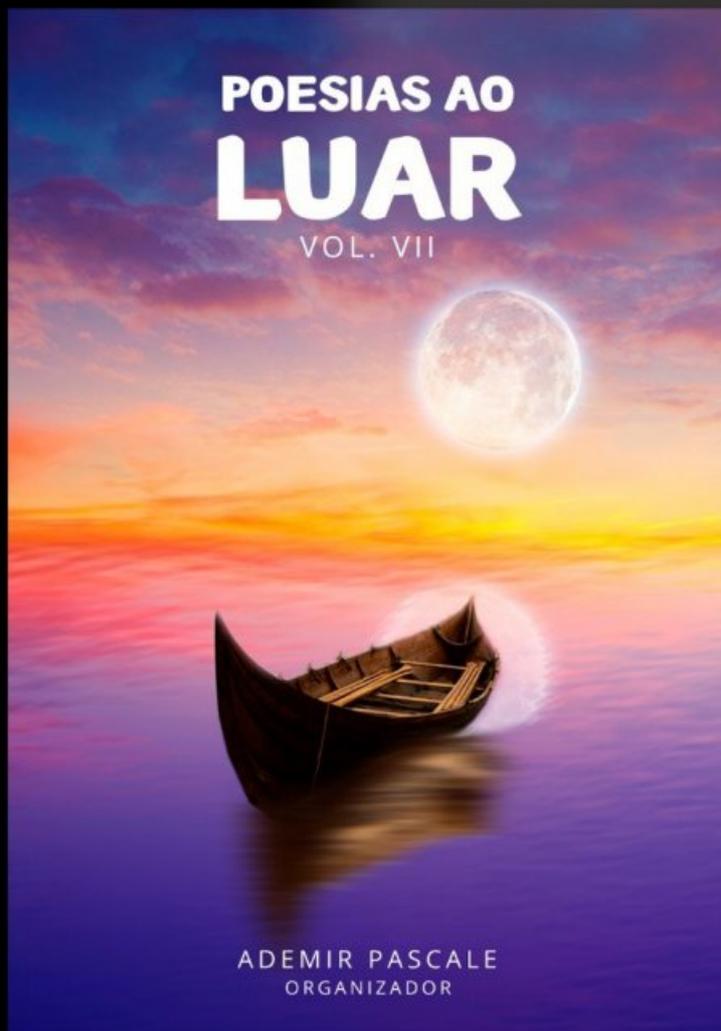


[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

- **ENTRE EM CONTATO:**
- e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

## DICAS PARA LEITURA

POESIAS AO LUAR - VOL. VII, REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR) E NO SITE DIVULGA LIVROS: [WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG).



POEMAS FLORAIS - VOL. IV, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM E-BOOK GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR) E NO SITE DIVULGA LIVROS: [WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG).

# O RESPLENDOR DA *Rainha*

POR MARIA EDUARDA B.S

Na morada de luz e sombra, reina ela,  
A matriarca da casa, uma estrela singela.  
Com sua aura de sabedoria, tece os fios do destino,  
Rainha da casa, seu império, um hino.

Nas paredes que ecoam histórias e risadas,  
Seus passos firmes são notas encantadas.  
Ela é a coluna que sustenta o lar,  
A força que todos podem admirar.

Com olhos de águia, sabe ler o tempo,  
Nos gestos mais sutis, vê o vento.  
Seu coração, um abrigo, um farol,  
É a calma em meio ao anzol.

Mas uns dias atrás uma sombra tocou sua pele,  
Um mal silente, um sinete na corrente.  
E o que era forte se desfez em dor,  
A rainha ferida, o lar sem fulgor.

As paredes murmuram o lamento,  
Enquanto o mundo vira um tormento.

A casa, outrora palco de felicidade,  
Hoje reflete a força e a coragem na adversidade.

Os filhos perdidos, o marido sem chão,  
Encontram na luta dela inspiração.  
A essência da casa, agora em batalha,  
Irradia amor, mesmo em meio à mazela.

Mesmo na fragilidade, um brilho resplandece,  
A força da mulher não se esquece.  
Em meio às sombras, um raio de luz,  
Ela luta, mesmo quando a dor a conduz.

Porque a verdadeira força não morre na doença,  
Ela se ergue, mesmo na adversidade densa.  
E assim, a rainha, com sua coroa abalada,  
Segue adiante, na jornada infinda e alada.

Pois sua essência é eterna, sua marca indelével,  
Mesmo na dor, seu amor é imensurável.  
E mesmo que o mundo pareça desmoronar,  
Ela é a luz que nunca deixará de brilhar.



**SOBRE A AUTORA:** Maria Eduarda B.S é uma autora que tece narrativas com a intensidade de quem vê o mundo através de um prisma criativo, encontrando inspiração em tudo que a cerca, seja nas experiências mais luminosas ou nas sombras da vida.

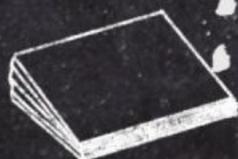
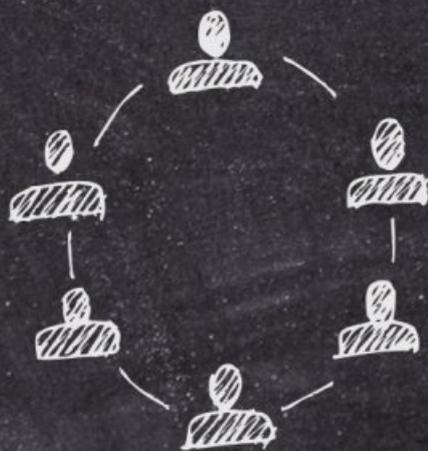
Sua jornada na arte de contar histórias começou cedo, aos 8 anos, um marco que coincide com seu encantamento inicial pela leitura e escrita. Apesar desse amor precoce pela criação, foi apenas em 2023 que Maria Eduarda decidiu compartilhar sua voz com o mundo.

Essa estreia no universo literário a levou a participar de concursos e antologias, ampliando sua presença no cenário artístico. Com um coração repleto de histórias para contar, Maria Eduarda está determinada a continuar desbravando novos horizontes, prometendo trazer mais de seus projetos para o público.



POR LOECY ROSA DAMASIO

CONVERSAS INTERDISCIPLINARES:  
DO DIREITO À ARTE  
E A 2ª EDIÇÃO DO PRÊMIO MESTRE DAS LETRAS



Engraçado... Inaugurei a Oficina de Escrita Criativa Rosa Damasio num prédio ocupado por escritórios de advocacia, num dos quarteirões mais burocráticos da capital gaúcha, no bairro Praia de Belas, tomado por espaçosos estabelecimentos de servidores do estado. Ainda recorro-me da difícil escolha que tive de fazer, diante da Secretaria da Educação, entre a escola pública, onde começaria a lecionar em período integral, e a pequena sala, para onde se dirigiam, naquele exato instante, a mobília do que viria a ser, pelos próximos meses, a minha sala de aulas particulares, logo naquela mesma esquina. Duas advogadas compartilhavam o mesmo espaço, no mesmo andar, embora estivéssemos em salas diferentes. A amizade foi instantânea e espontânea, logo fui convidada a lecionar aulas de interpretação textual e português juramentado ali perto, mas senti-me em um campo inexplorado por mim e, aparentemente, distante dos objetivos da minha oficina literária. Sobretudo, quão interessante é a maneira como tudo acontece, reunindo pouco a pouco as peças, a fim de que uma imagem completa se revele ao destino. O *genius loci* inspirava-me a leituras repetidas, atentas e fascinantes do conto “O príncipe feliz”, de Oscar Wilde, o qual, mais tarde, resultou em um conjunto de aulas sobre clássicos da literatura adaptadas ao público infantil. Por razão de tais estudos, deparei-me com o artigo<sup>1</sup> de Urnauer<sup>2</sup> & Barreto<sup>3</sup> cuja proposta de aproximação de diferentes áreas de pesquisa, interligava, de maneira harmoniosa, a Filosofia, o Direito e a Literatura. Em tardes de horas livres, encontrava-me constantemente em minha mesa, ao lado da janela, com os ouvidos cientes do som de um trânsito que se recusa a dar trégua, mas com os olhos compenetrados no artigo, ávidos pelo conhecimento, espantados pela coerência dos argumentos. Minha mente fez conexões antes improváveis entre essas áreas e um novo mundo, mais amplo e mais justo, esclarecia-se, cada vez mais, para além de mim. De súbito, não só fazia sentido lecionar língua portuguesa e literatura naquele complexo, como também, parecia-me bastante familiar, como se tudo, enfim, complementasse-se, já que, nesse ano, eu também estava envolvida com a criação de uma série de seminários internos – aos quais estou envolvida até hoje – sobre possíveis “erros” de tradução de passagens fundamentais do texto bíblico – cujas interpretações tendenciosas propiciaram e sustentaram teorias político-ideológicas que culminaram numa sequência de fatos intrigantes e, não raros, aterrorizantes na história da humanidade – e do texto literário – o que reforçou o cânone moderno, embora essa discussão não seja o objetivo da pesquisa etimológica citada; também se inaugurava, no ano seguinte, para o meu espanto, a Intercâmbios, um núcleo de estudo e pesquisa para alunos estrangeiros da minha oficina de escrita criativa. E quem diria, anos depois, que tudo isso estaria cada vez mais conectado e esclarecido?

\*\*\*

1 “O Príncipe Feliz”, de Oscar Wilde: entre Filosofia, Direito e Literatura, de Suellem Aparecida Urnauer e Ricardo de Macedo Menna Barreto.

2 Mestranda em Direito pelo Centro Universitário de Guanambi - UniFG, Bahia, Brasil. Advogada. Professora do Curso de Direito da UNIFAAHF, Bahia.

3 Doutor em Ciências Jurídicas Gerais pela Universidade do Minho, Portugal Mestre em Direito Público pela UNISINOS-RS. Graduado em Direito pela UNISINOS-RS. Professor Convidado da Escola de Direito da Universidade do Minho, Portugal.

Fatos recentes, através da minha pequena e independente Editora Mestre das Letras, que tem se esforçado a construir uma relação diferenciada no Mercado Editorial, entre a tríade autor-editora-livraria, trouxeram-me à tona essas memórias. O livro “Interdisciplinariedade entre Direito e Arte”, de Regina Coeli Costa<sup>4</sup>, recém-publicado, traz profundas análises de distintas obras artísticas sob o olhar atento do jurídico. Permeado de referências teóricas renomadas, as quais sustentam e ampliam as múltiplas perspectivas proporcionadas pelo diálogo entre o Direito e a Arte – especificamente, com a Literatura, o Cinema, a Música e a Pintura<sup>5</sup> –, o livro cumpre o que promete: a percepção e a compreensão mais ampla dos diversos contextos sociais. A abordagem interdisciplinar comprova sua relevância através da contextura refinada de conhecimentos que dão base ao pensamento crítico e trazem à luz, por ângulos menos estreitos, noções de justiça e direito.

Outro estudo que promete leituras enriquecedoras, é o livro, ainda em fase de desenvolvimento, pertencente à proposta em questão: “Para além das obras-primas: um projeto de tradução de autoras clássicas”, de Aline Lampert<sup>6</sup>. Com a promessa de tornar acessíveis textos de variados idiomas ainda inéditos em língua portuguesa de autoras renomadas e autoras desconhecidas – por motivo de censura editorial ou não –, a tradutora discute, ainda, os desafios da tradução de textos literários, principalmente, daqueles não pertencentes ao cânone ocidental. O pioneirismo de Lampert instiga autodidatas, acadêmicos, curiosos e amantes da literatura, bem como, inspira jovens tradutores a se aventurarem em projetos diversificados, que abrem portas para autores e obras ainda obscurecidas à crítica contemporânea.

Em 2022, ano inaugural da editora, realizou-se o 1º Prêmio Mestre das Letras<sup>7</sup>, concurso literário internacional, que contemplou os gêneros poesia e conto. Em 2023, ocorreu a 2ª edição do concurso, que contemplou o gênero conto, com a promessa do valor de R\$1.000 ao texto vencedor. O jovem angolano, Abel Sebastião Chenguene<sup>8</sup>, venceu a edição com o conto “Eu e o Ancião da Sabedoria”<sup>9</sup>. Além disso, o autor, em parceria com a Gráfica Mestre das Impressões, lançará e distribuirá uma simbólica tiragem da sua curta, porém, rica obra inspiradora do conto, ainda em 2024. Segundo o pesquisador, a

4 Nascida em Viçosa, MG. Lecionou Língua Portuguesa, graduou-se em Direito pela ESUV/Univiçosa. Posteriormente, mudou-se para Juiz de Fora-MG, dando continuidade aos estudos, elaborando artigos e acompanhando o departamento jurídico do grupo CSC de Transportes e Logística.

5 A autora analisa, respectivamente, as obras: “Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão”, de Michel Foucault, (Literatura); “Bicho de Sete Cabeças”, de Austregésilo Carrano Bueno, (Cinema); “Umás e Outras”, de Chico Buarque (Música); “O Retrato da Mona Lisa”, de Leonardo da Vinci, (Pintura).

6 Tradutora, revisora de texto e professora de inglês, com bacharelado em Letras inglês-português e mestrado em Literatura Comparada pela UFRGS.

7 Confira em: <https://youtu.be/o4dvMnrwFnME?si=0qMCleI3v3idUvme>

8 Mora em Angola. Professor de Física, pesquisador de Teofísica e escritor. Aluno do núcleo estrangeiro de estudo e pesquisa Intercâmbios, da Oficina de Escrita Criativa Rosa Damasio.

9 Confira a matéria a respeito, com acesso a parte inicial do conto: [Jovem Angolano. Vence o 2º Prêmio Mestre das Letras](#)

obra promete um diálogo entre as ciências Teofísica e Kabbalah – a ciência mais antiga do mundo - cujo título do conto é reflexo<sup>10</sup>.

Nós convidamos os pesquisadores, escritores e candidatos para uma conversa sobre os seus trabalhos<sup>11</sup>. Confira essas e outras novidades da Oficina de Escrita Criativa Rosa Damasio e Editora Mestre das Letras, em nosso site: <https://www.sociedademestre.com/>

### LOECY ROSA DAMASIO

Fundadora e Editora-Chefe da Editora Mestre das Letras. Escritora. Ex-aluna da Oficina Literária Charles Kiefer. Doutoranda em Teoria da Literatura (PUCRS). Associada Plena da Sociedade Mestre. Acesse o currículo: <https://lattes.cnpq.br/9317871369324140>



1 O “Ancião da Sabedoria” é referência cabalística ao “Ancião dos Dias” pela Chochmá Nistará (Sabedoria Oculta).

1 Confira em: <https://youtu.be/V9am9BCO2yo?si=78V0NpAN8OdkBV8i>

# ÂNGULO OBTUSO

Por Mirian Menezes de Oliveira

Retira as folhas secas da calçada e escuta o "remexer" do arvoredo. É fato que o bom som da passarada amplia e renova o enlevo.

E o grande homem de vista cansada, revela ao velho cão um dos segredos: que os pontos de partida e de chegada, confundem-se no ponto de desfecho.

Espalham folhas secas sobre o solo, as mãos, em atitude de carinho, embaladas no quente e doce colo...

restauram, às raízes, terno ninho...  
Cumprindo, nesse ciclo, o protocolo, nos galhos, saltitando o passarinho.



Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Um livro pode  
conter um  
universo  
inteiro, por  
mais infinito  
que seja.



Revista Conexão Literatura

# CAMINHOS

## Por Marco Antônio Frozi Filho

Refaço as linhas, desfaço intenções  
reorganizo os passos de uma estrada esburacada  
repleta de travas e pedras e amarras.  
Não disfarço, não há mais o porquê  
Não, não descanso mesmo precisando  
em lugar de seguir firme e reto, sigo torto  
ao menos sigo sem remorso  
mesmo que sem remanso.  
Isso que está sendo jogado na folha  
era para ser um conto,  
era para ser um romance,  
era para ser uma crônica,  
era para ser uma novela,  
não foi ...  
não é...  
não será..  
Isso jogado na folha,  
segue com seus indícios  
e seus artificios.  
Há algo de errado.  
Era para ser um ensaio  
ou não era?  
Faço e desfaço, refaço e  
segue torto não se emenda  
a linha já rasgada, o resto é só um remendo.  
Mas, sigo remendendo aqui e ali pelos caminhos tortos.  
Essas sombras das semanas  
Esses vultos das horas  
Esse avesso do dia  
me interroga,  
te  
oprime  
lhe  
fere  
e silencia.



Nasci em Porto Alegre no ano de 1986 na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, desde muito jovem tenho uma deficiência física na mão direita devido um problema de saúde, mas isso não me impediu de estudar, trabalhar e ter alguma autonomia na vida. Hoje tenho 37 anos, sou graduado em Licenciatura Plena em Letras pela instituição FAPA ( Faculdade Porto- Alegrense), Especialista em Assessoria Linguística e Revisão Textual (FAPA); Especialista em Educação Inclusiva e Políticas Públicas de Inclusão (UCAM-PROMINAS). Atualmente, sou servidor público na rede estadual de ensino público do Rio Grande do Sul, mas já fui professor da Prefeitura municipal de Canoas ( 2016-2024), professor da Prefeitura municipal de São Leopoldo (2014-2016) e Auxiliar Administrativo da prefeitura municipal de Alvorada (2010-2013).

# ANUNCIE NESSE ESPAÇO

Tem algo que deseja divulgar?  
Lojas, livros, sites e muito mais



REVISTA CONEXÃO LITERATURA - PERIÓDICO MENSAL

POR FLAVIO JOSSERT

# Por morrer de amor

Zeus, onde estás  
que não respondes?  
Em que estrelas  
tu te escondes?

Acaso Andrômeda,  
ou em alguma  
galáxia distante  
habitada por répteis.

Como os de Órion  
em seu cinturão,  
repleto de lágrimas  
da distante extinção.

Aqui eles viram  
o fim de sua era.  
Como répteis  
partiram saudosos.

Foram para lá.  
De onde habitam  
nossas tristes fossas  
dos fossilizados.





# ZEUS MEU DEUS

Por Flavio Joppert

Meu  
Zeus,  
meu  
deus.

Meu  
deus,  
meu  
Zeus.

Zeus  
meu  
deus!

Deus  
meu,  
Zeus...

ZEUS

ZEUS

ZEUS

ZEUS

FLAVIO



por Flavio Joppert

# O Sal do Beijo

Quando vivia no mundo dos vivos o que mais detestava era esse sal, esse gosto, esse tempero.

Dia a dia tu usavas para a carniça não estragar e minha juventude ia junto.

Esse tempero, esse veneno de planta é somente para carniça.

Tu tinhas o desejo de me dar desde a flor da idade: esse teu beijo, esse teu tempero, esse teu beijo de Judas...



por Flavio Joppert

# PELO MAR DE AMAR

Por mares nunca  
antes navegados,  
bem além do Japão,  
encontro corações.

De amantes afogados,  
sempre em busca  
da Ilha dos prazeres  
e dos amores.

Por Tropabana,  
no fogo da paixão,  
que emana  
do sopro do dragão.

Ao cruzar o Bojador,  
encontrando o caminho  
das paradisíacas  
especiarias.

O gosto do amor  
é desse tempero  
a febre e a dor  
de jejum severo.

Buda é o Gigante  
Adamastor,  
que une os amantes  
no verdadeiro amor.



Por Flavio Joppert

# Teu Beijo de Piedade

Coberto do sal  
de tuas lágrimas  
esse beijo  
é tudo o que  
detestei na vida:  
tempero.  
Da água doce  
desejei lara.  
pois teu beijo  
outrora amigo  
é um remorso  
vingativo.  
Beijado, a  
Gôndola parte  
porto afora.  
A tarde é cinza.  
A gôndola é negra.  
Todas as flores  
brancas como  
rosas de uma  
paixão temporã.  
A barcaça dos  
pescadores se  
aproxima do porto.  
Ela como a outra  
só silêncio.  
Tuas vestes de  
almirante transformam  
a natureza, é a Sereia  
quem se casa.



# POR FLAVIO JOPPERT

## O Romance

O romance que desejas, poder estar dentro de você, pode ser escrito pelas estrelas. Ele surge do nada, por uma completa falta de repulsa, por uma certa harmonia, por um olhar doce, por uma palavra carinhosa, por um gesto suave. Um desconhecido, da noite para o dia, se torna uma parte de sua alma, essa é a magia do destino escrito pelas estrelas.

Fim.

## O Lobisomem de "Itaboraí"

Um caso raro de licantropia causada por cachaça. Em toda noite, de qualquer fase da lua, de pois de alguns goles de cachaça, o bicho pega fogo. Se transforma, e começa com seus uivos sinistros: "Way Tomar Noku". Os gritos se repetem ao longo da noite, por alguns minutos como um caso neurótico de ideia fixa. O bicho aparentemente é manso, foram poucos os casos de violência e agressão que ele praticou. É dito que nunca ninguém foi morto por ele. Pelo menos o bicho anda solto. Mas, a influência da cachaça, é nítida. Completamente carnívoro, seria mais um caso de médico e monstro brasileiro. Assombrada a cidade tenta entender se o encosto é sobrenatural, ou se é a "mardita" mesmo.

Fim.



# POR FLAVIO JOPPERT

## O Psicoterapeuta

A exótica da análise de um cidadão que se declarou pacífico. Ele, Sabiano, foi encaminhado para a psicoterapia depois de se declarar não violento, pacifista, e como todos sabem ambientalista. Ele além de defender os bichinhos, as plantinhas, não estuprava a namorada, e também não saia a noite para espancar travestis. Como não tinha relações com os "skins heads" foi declarado idiota, um pouco cedo para se dizer um boçal. Nenhum dos médicos psiquiatras aceitava a versão. Todos partiam da definição que era necessária a violência e o vandalismo para a afirmação masculina em grupo. Até que um dia cantaram aquela música: "coitado, coitado, coitadinho dele comeram o rabo dele ainda bateram nele." A cidade não conhecia nada de outras culturas, a divindade da violência Moloque, ou Baal era cultuada solenemente entre seus jovens. Nunca ouviram falar das culturas orientais, em Mahatma Ghandi, pacifismo, e não violência. Fim.



# POR FLAVIO JOPPERT

## Gretel e sua Vida no Feudo

Numa manhã de outono, em quanto as árvores ainda têm folhas verdes, Gretel acordou, e sua mãe lhe disse: vá na casa de Mein Herr, ele deseja te ver.

Comeu um tasco de pão com um pedaço de queijo e seguiu em direção ao castelo nas escarpas. Passou pelos portões assombrados, um, ou dois gárgulas sorriram para ela, como sempre as portas estavam abertas para todos do clã e do povo.

Mein Herr desceu as escadas, chamou ela para um local menos estressante, perguntou sua idade, seus desejos, e linha linguagem completamente clara perguntou para ela se ela ainda era virgem.

Gretel, não se espantou, disse serenamente que não, que ela mesma tinha tirado seu cabaço com um chifre de bode. Mein Herr foi só sorrisos. Disse que: pode ser que tenha me poupado esforço. Perguntou para ela se conhecia algo de bruxaria, se praticava magia, e se sabia ler. Ela confessou que não conhecia de letras, mas sabia a lua de pegar esquilos saudáveis, conhecia as estrelas certas da colheita e do plantio, sabia das marés e peixes, e que algumas constelações marcavam as estações do ano.



Mein Herr sorriu de novo, como se todos seus problemas tivessem acabado por um momento, dirigindo a palavra de novo a Gretel lembrou a ela que ali era a Casa da Infância, que ela era bem vinda com toda sua vitalidade. O que deseja: ser uma sacerdotisa e desenvolver seus dons para seu serviço em sua sociedade secreta de magia? Ou ter uma vida de doméstica como todas as meninas do povoado trabalhando em alguma das fazendas da região.

Gretel disse, entre sorrisos, que seria um sonho realizado poder ser uma sacerdotisa em uma sociedade secreta de Mein Herr. Uma chance que poucas teriam, poder descobrir e conhecer diversos segredos guardados a sete chaves por tantos magos.

Mein Herr, levantou a cabeça falando, pegue seu irmão e vá com ele a Casa da Bruxa, que como sabe é feita de doces para ser a casa da infância, lá peça para seu irmão voltar daqui há algumas estações para trazê-la de volta ao povoado, quando voltar me procure, podemos ser bons amigos e vastas conversas.

- A magia me encanta desde a juventude, e você me traz de volta a alegria.

Gretel foi com seu irmão à casa da bruxa, apenas atravessando o bosque em algumas horas, a trilha era mantida sempre limpa, a casa tinha cheiro de bolo, e ela seguiu seus instintos, a Velha Bruxa que jogava migalhas aos

passarinhos como retribuição ao canto, se encantou com Gretel, saiu a seu encontro com as palavras: bem vinda a casa da Nona, sempre esperei por você, para que um dia eu descansasse.

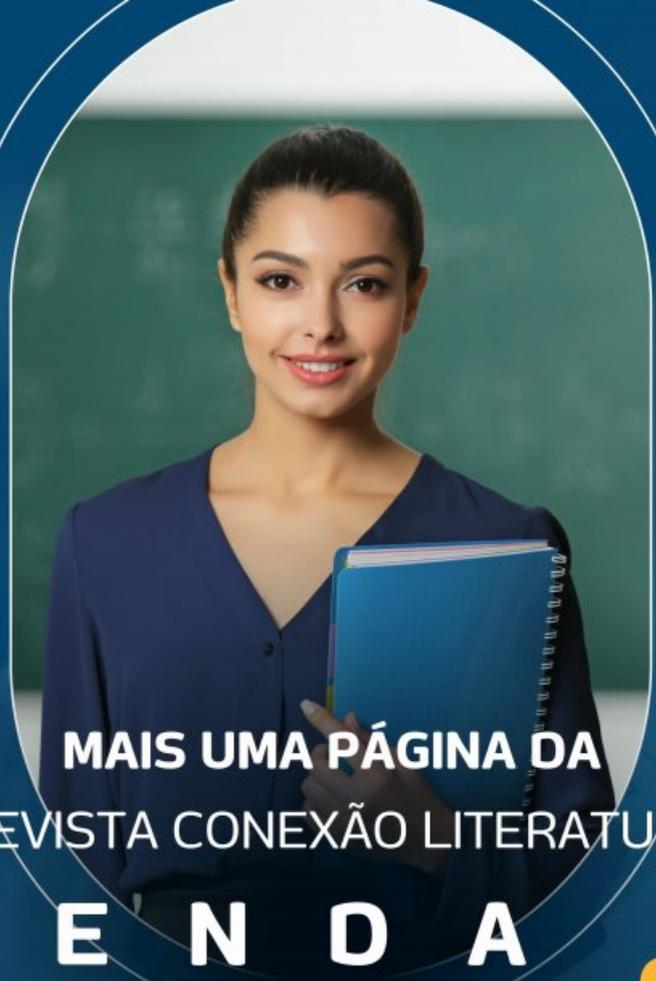
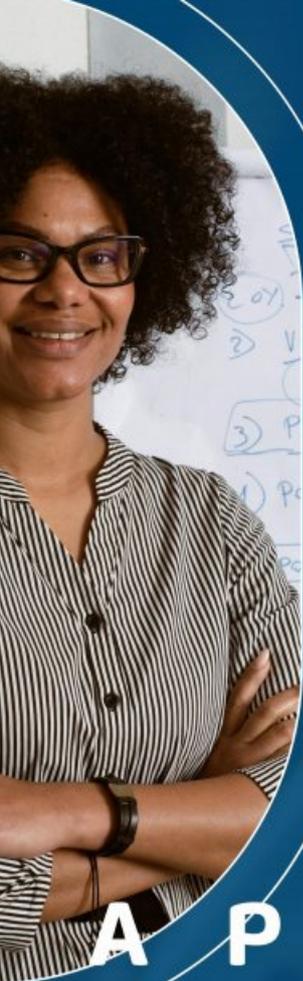
Curiosa pensava, aqui é a casa onde crianças comem doces, feitos com carinho, amor, cuidado, e magia. Mein Herr foi melhor comigo do que vocês pensam. A magia para fazer um brigadeiro é a mesma para afastar um gafanhoto. A bruxa lendo seus pensamentos, disse: é esse o caminho que veio buscar aqui e o que eu posso ser sua Cicerone.

Ela completamente entusiasmada, se despediu de seu irmão, pedindo para que voltasse para buscá-la daqui a algumas luas. Mein Herr esperava por ela, e ela não queria desapontá-lo.

# **SOBRE FLAVIO JOPPERT**

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.





MAIS UMA PÁGINA DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A P R E N D A C O M

# CONEXÃO

# GRAMÁTICA



# GRAMÁTICA

ACESSE

[WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA)

# ENTREVISTA

COM LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE



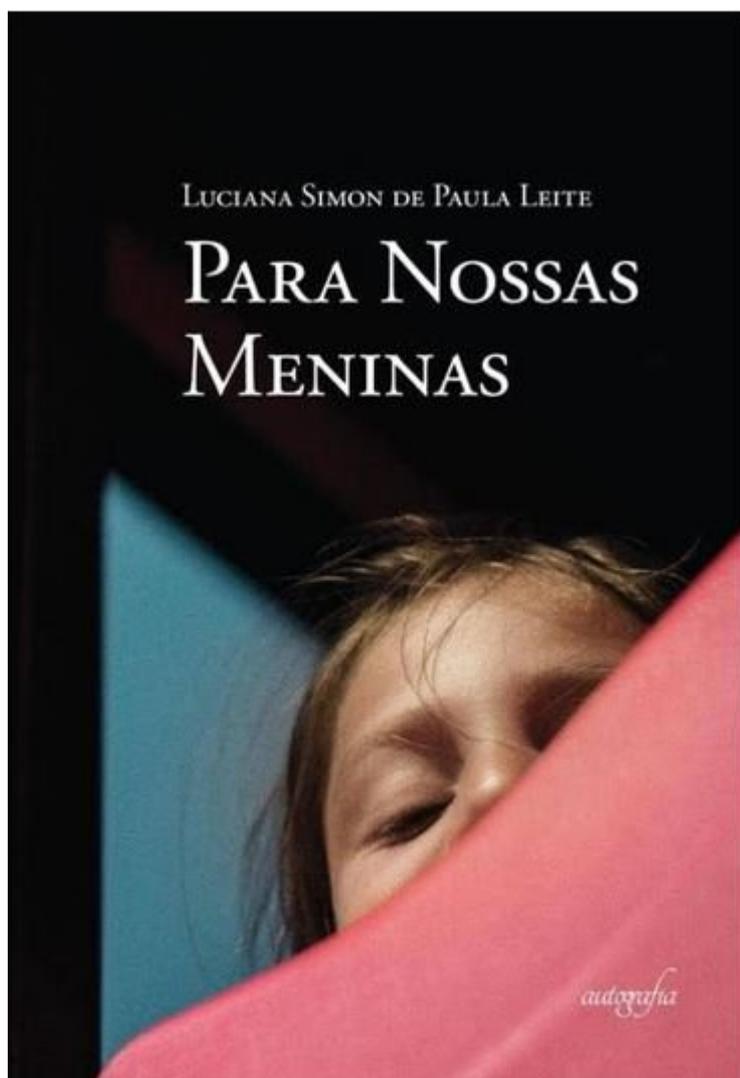
## Luciana Simon de Paula Leite

Luciana Simon de Paula Leite nasceu em São Paulo, em 27/10/1966, filha de Celia Therezinha Simon de Paula Leite e Roberto de Paula Leite. A primeira professora primária, grande educadora, o segundo (já falecido) assessor parlamentar na assembleia legislativa do estado de São Paulo, advogado, filósofo, escritor e professor universitário em faculdade de jornalismo. É juíza de direito em Vara de Família e Sucessões na Capital do estado de São Paulo. Escreve sobre direito das mulheres no portal digital Magis. Em 2021 lançou o romance "Para Nossas Meninas" pela Editora Autografia, sobre violência doméstica e familiar, com orientações jurídicas. Lançará dois romances no primeiro semestre de 2024.

**Entrevista**

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Na verdade, eu sempre escrevi e meu trabalho no meio jurídico está entremeado com a redação de decisões e sentenças. Em 2021 publiquei o Para Nossas Meninas com escopo de auxiliar mulheres vítimas de violência doméstica e familiar a compreenderem suas vivências e buscarem auxílio, a partir de um texto singelo onde foram expostas emoções dos personagens.



**Conexão Literatura:** Você é autora do livro "Para nossas meninas". Poderia comentar?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Sim, meu primeiro livro publicado, como dito. Tentei aliar com simplicidade a exposição dos sentimentos e pensamentos das mulheres que percebem violência doméstica com, a partir de dados da realidade, a apresentação de informações basilares sobre normas jurídicas incidentes e meios de se buscar ajuda. Enviei o pdf do livro a várias ongs de defesa dos direitos das mulheres, encontrando-se à venda no site da amazon e da editora Autografia, também em e-book.

**Conexão Literatura:** Para quem você indica a leitura do seu livro?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Às mulheres que não percebem o quanto são afetadas pelo machismo

estrutural e aos homens que buscam auto aprimoramento e compreensão do gênero feminino.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Minha realidade subjetiva, como todo escritor, bem como tudo o que me circunda, inclusive escuta de muitas mulheres em trabalho voluntário.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

**Luciana Simon de Paula Leite:** “...Eu tenho medo e hoje eu consigo verbalizar para você, minha amiga, eu realmente tenho medo dele. Acho que sempre tive medo de ficar sozinha com as crianças. De ser abandonada por ele. Porque eu sempre atribui a Fábio as melhores qualidades e lhe devotei sentimentos coerentes com essa visão. Mas finalmente entendi que sempre estive solitária ao lado dele. Certamente, muito mais do que se estivesse só de verdade” (págs 141/142).

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Pelo site da amazon, da Editora Autografia e instagram (@l.sleite);

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Sim. Publicarei em breve, ainda em 2024, dois romances: o primeiro sobre adoção tardia de uma criança negra por casal homoafetivo, contendo orientações jurídicas e o segundo, ainda segredo, meu primeiro romance sem o formato de inclusão em notas de rodapé de informações jurídicas, versando sobre desigualdade, preservação ambiental, aquecimento global, violência sexual contra incapazes e muitas coisas boas, inúmeras na verdade, com inspiração na obra de um personagem real, um homem ético e religioso que fez diferença na vida de muitas pessoas do belo lugar em que viveu.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: O Averso da Pele, Jeferson Tenório.

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro.

Um filme: Sob o sol da Toscana.

Um hobby: Me aventurar na cozinha. Nem sempre dá certo, mas tento...

Um dia especial: caminhar à beira mar, descalça, sem muita gente.

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Luciana Simon de Paula Leite:** Quando ofertamos o nosso melhor, podemos impactar positivamente o próximo.



Viva bem  
Viva com saúde!

bem estar

saúde

**PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150**

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com  
publicação no site  
e em uma edição da  
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses  
*uma nova*  
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista  
projeto

**AUTOESTIMA**

*edições*

acesse: [revistaprojetoautoestima.blogspot.com](http://revistaprojetoautoestima.blogspot.com)

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) - c/ Elenir Alves

# ENTREVISTA

## COM ALEXANDRE PEROBELLI



**Alexandre Perobelli**

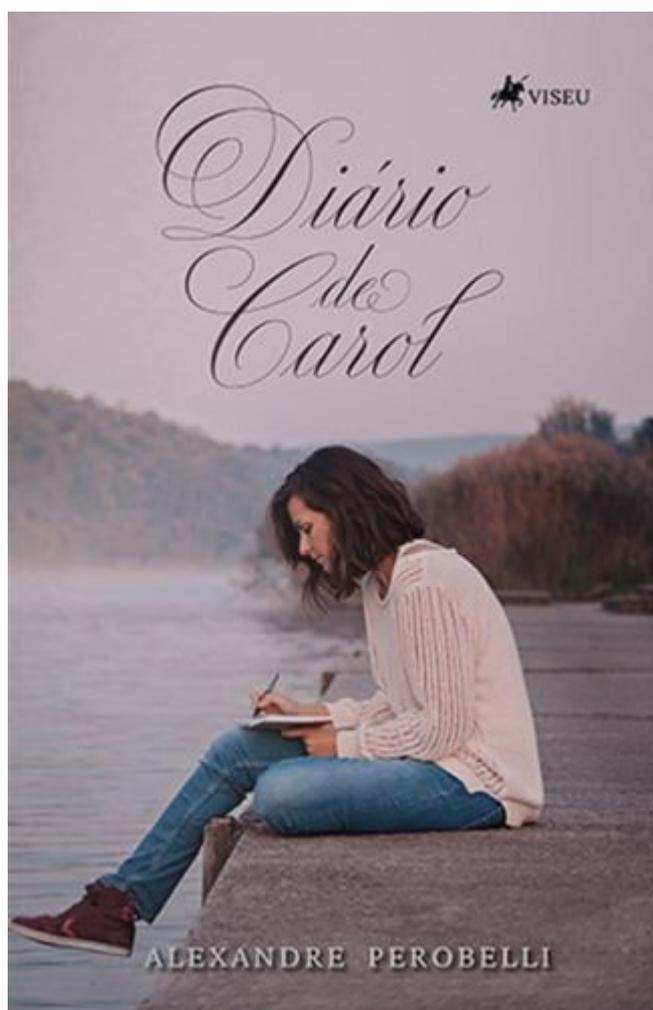
Eu me chamo Alexandre Perobelli Teixeira, tenho 26 anos, solteiro e natural de São Paulo. Eu sempre adorei a criar histórias. No ensino médio me apaixonei pela poesia, e deste então tenho me aprimorado e desenvolvido meu estilo. Gosto de aprender outros idiomas, e algum dia planejo desbravar o mundo, conhecer outras culturas; experiências como essas com certeza irão inspirar muitas novas histórias. Adoro cinema, games e quadrinhos. Essas outras mídias também são uma valiosa fonte de inspiração para mim. Me considero progressista, inclusive já tenho muito bem definido para mim minhas convicções e as bandeiras que defendo. Digo isso sem receio nenhum em meus versos.

**Entrevista**

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Alexandre Perobelli:** Mesmo inseguro sobre o potencial da minha escrita, eu me arrisquei, participei de concursos de poesias, e não é que fui classificado. Até hoje eu já tenho três poemas meus publicados pela editora Vivara em suas antologias poéticas. Inclusive um deles está na antologia deste semestre da Vivara (Seleção Poesia Brasileira, Poetize 2024).

Eu também arrisquei quando enviei o original de ‘Diário de Carol’ para a editora Viseu, e fiquei feliz quando meu projeto foi aprovado. Por mais que eu tenha conquistado esses feitos, eu não tinha a convicção de que os realizaria. Não sejam como eu, tão inseguros. Acreditem no potencial de vocês, e não esperem alcançarem a perícia de um Drummond ou de um Stephen King para finalmente publicarem seus projetos.



**Conexão Literatura:** Você é autor do livro "Diário de Carol". Poderia comentar?

**Alexandre Perobelli:** “Diário de Carol” é meu primeiro livro publicado, e foi um projeto que tive muito carinho e dedicação. Durante seu desenvolvimento eu estava totalmente imerso e entregue. A minha intenção ao escrevê-lo foi o que norteou todo o desenvolvimento da obra. A história, contada em versos, toca em vários temas como maturidade, sexualidade, autodescobrimento, mas sua principal temática é a violência de gênero e seus efeitos na vida de uma mulher. Escrevê-lo foi uma experiência catártica. Tantos pensamentos e ideias sendo extravasadas.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**Alexandre Perobelli:** Meu processo para escrever poesia é diferente do qual uso para escrever prosa. Para prosa eu sou mais formulaico, faço uso dos esquemas e paradigmas que aprendi em meus estudos de storytelling. Já meus poemas não seguem padrões, não seguem métricas, além das rimas (quando há). Os versos são construídos um

a um pelo caminho. O ‘estalo’, a ideia ou um tema surge na minha cabeça, e todo poema é criado em torno disto.

Inspirações? Acredito que minha principal fonte de inspiração é a música. As letras da banda *Linkin Park*, Legião Urbana e *Sleater Kinney* tiveram forte influência sobre mim.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

**Alexandre Perobelli:**

[...]

‘Poucas seriam as palavras para expressar o que você significa para mim’

‘A garota inteligente, esperta, mas solitária, de que eu estava a fim’

‘As palavras inauditas que você me falava’

‘Para eu te ouvir, imaginava que toda polifonia ao redor se calava’

‘O contraste do que você me dizia com as merdas que falavam a meu respeito’

‘Como você conseguiu achar algo de valor embaixo de um acúmulo de defeitos’

‘Só a tua voz ecoava nos meus ouvidos, os elogios que eu nunca havia ouvido’

‘O problema do meu desamparo emocional estava finalmente resolvido’

[...]

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Alexandre Perobelli:** ‘Diário de Carol’ está disponível no site da editora Viséu, também pela Amazon, e em formato ebook em diversos sites.

Meu instagram: @perobellialexandre

Facebook: Alexandre Perobelli

**Conexão Literatura:** Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

**Alexandre Perobelli:** ‘Batalhe pelos seus sonhos’. E principalmente: ‘Não postergue seus sonhos’. Eles são seu projeto de vida, é ‘criminoso’ negligenciá-los.

Tire do baú aqueles velhos escritos e ideias e mãos à obra.

Seja realista com suas metas e objetivos, mas encontre um tempo para se dedicar naquilo que você ama.

Como um sábio uma vez já disse: ‘Transporte um punhado de terra todo dia e fará uma montanha’ – Confúcio

Infelizmente o tempo não é nada democrático, tem quem o tem em abundância e quem está matando um leão por dia, gastando grande parte do seu tempo na caça. Trabalhe dentro das suas condições que um dia você verá a montanha, e isso é muito gratificante.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Alexandre Perobelli:** Existe um projeto finalizado que talvez seja publicado ainda esse ano, ‘Vidas Desgraçadas’, trata-se de uma coletânea de poemas que contam várias histórias de personagens em situações adversas, por vezes extremas. Trata-se de uma leitura tensa com temas sensíveis e fortes. Injustiça social, intolerância, prostituição são alguns deles. A principal inspiração para essa obra foi o livro ‘Olhando para o Outro Lado’ do escritor Júlio Emilio Braz, um livro que li no ensino médio.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: ‘Capitães da Areia’ – Jorge Amado

Um ator ou atriz: Robert De Niro

Um filme: Moonlight – Sob a Luz do Luar

Um hobby: Games

Um dia especial: Show da Pitty na Virada Cultural de São Paulo

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Alexandre Perobelli:** Só gostaria de dizer, para meus futuros leitores, que: todos aqueles que se identificarem profundamente com as personagens e as emoções despejadas nos versos deste livro, que você não está sozinho(a). Espero que meu livro possa, de alguma forma, lhe ajudar.



NOVOS VÍDEOS NO CANAL <sup>+</sup>

▶ **CONEXÃO  
NERD**

INSCREVA-SE

**@CONEXAONERD**

APRESENTADO POR ADEMIR PASCALE



# ENTREVISTA COM ANTONIO DI BIANCO



**Antonio Di Bianco**

Antonio Di Bianco, Italiano, psicólogo, fala 4 línguas e escreve desde os 16 anos de idade. Publica desde 2011 sem parar, e escreve principalmente poesias, mas também letras de músicas, artigos e contos. Até o momento, publicou em 13 países, escreve em: italiano, inglês, espanhol, português e romeno. "Que sejam olhos novos" é sua primeira coletânea de poesias, um projeto experimental e independente.

**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Antonio Di Bianco:** Comecei a escrever entre os 15 e 16 anos e, depois, decidi me lançar em 2011 aos 17 anos. Estreei em segundo lugar em um concurso local e, em seguida, fui publicado em uma revista importante na Itália. A partir daí, nunca mais parei; experimentei diferentes gêneros literários e participei de várias colaborações até 2019, quando decidi me apresentar no exterior. Comecei pela Venezuela e depois visitei outros 12 países, traduzindo meus trabalhos para 5 línguas.



**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Quem sejam olhos novos". Poderia comentar?**

**Antonio Di Bianco:** "Quem sejam olhos novos" é o meu primeiro livro, uma coletânea de poesias corajosa, que abrange todos os trabalhos de 2011 a 2023, que foram publicados para o mundo. É um projeto experimental e independente onde exploro o amor como um fio condutor através do qual falo sobre todos os sentimentos. Publiquei esta coleção em 4 idiomas até agora. Cheguei à primeira posição no México, tive um sucesso considerável na Índia e oscilei entre a 1ª e a 5ª posição na Itália por algumas semanas.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

**Antonio Di Bianco:** Eu encontro inspiração em todos os produtos artísticos, não apenas na minha experiência pessoal ou nas pessoas ao

meu redor. Um bom livro, uma bela canção, filmes ou pinturas podem me oferecer faíscas que depois reprocesso internamente, criando algo novo.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**Antonio Di Bianco:**

**Indelével**

Sua alma indelével  
em meu coração,  
Esses sorrisos inigualáveis  
Que chegavam direto à minha essência.  
Intrinsecamente infinitos  
e misteriosamente sem limites  
nosso fio vermelho.  
Imensamente emaranhado  
e, em seguida, novamente desenrolado durante a noite.  
Eu ouço a voz que procurei no vazio.  
Por muitos anos,  
Eu não entendi o que é o amor.  
Eu não aprendi ainda.  
Perto, indivisível, longe,  
mas sempre em toda parte,  
Agarro-me à vozes e olhos  
para te ver de novo,  
mas eles nunca são os seus.  
Infinidamente eu dei a você tudo de mim,  
Elusivo e indelével,  
o amor que sinto por você,  
que desarmou cada defesa  
Porque me apaixonei perdidamente por sua alma.  
Indeléveis,  
os dias que te dediquei com todo o meu ser.  
Não poupei esforços.  
Tudo que fiz foi espontâneo  
na história que mudou minha vida.  
No mistério da sua voz  
Isso eu já tinha ouvido antes de te conhecer.  
E que sempre soube me acalmar.  
Se houvesse uma maneira de explicar  
as energias universais,  
que fazem explodir  
essa luz que vem da alma  
quando te sinto perto  
Maravilhosamente  
Apreendido pelo eterno estupor,  
Eu teria te dado minha vida.  
Eu não sei o que é amor verdadeiro

Eu ainda não aprendi  
Mas eu sou forte te amando  
Mais forte que o tempo,  
das circunstâncias,  
e dos lugares.  
Sólido e indivisível.  
O amor é indelével.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Antonio Di Bianco:** Os leitores podem me encontrar na Amazon, tanto em versão e-book quanto em capa flexível (que é a versão que prefiro). Gostaria de destacar que mantive os preços baixos para tornar o livro o mais acessível possível. E em maio, coincidindo com o lançamento das outras edições, lançarei 5 dias nos quais o livro poderá ser "comprado" de forma absolutamente gratuita.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Antonio Di Bianco:** Tenham sempre a coragem de se colocar em jogo, experimentem e tentem. Saboreiem a arte em todas as suas formas, tornem-se receptivos ao belo que existe no mundo, esforcem-se para estar abertos às novidades e ao próximo, não tenham medo.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Antonio Di Bianco:** Certo, o meu novo livro será uma autobiografia, chama-se "as coisas que nunca contei" (título provisório), vou falar sobre muitas coisas desconfortáveis, revelarei detalhes da minha vida e de outros com os quais me libertei do peso do silêncio. Falarei sobre bullying, bulimia, cyberbullying, família, experiências e relações disfuncionais. Finalmente serei livre para falar nos meus próprios termos.

**Conexão Literatura: Existe um sonho na gaveta que você gostaria de realizar para o seu futuro?**

**Antonio Di Bianco:** Sim! Há muitas coisas que eu gostaria de realizar, obviamente gostaria de publicar vários livros, mas um sonho que tenho realmente no coração neste momento é o de poder viajar pela América do Sul, gostaria de visitar minha família na Argentina e depois me mover para ver todos os meus amigos no Chile, Brasil, Colômbia, Peru, México e Cuba. Este é o maior sonho na gaveta que tenho neste momento, e sinceramente, me encheria completamente o coração de felicidade poder realizá-lo.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Pequeno Manual para Aprender a Fazer e Receber Críticas, Barbara Berckhan.  
Um ator ou atriz: Na minha última entrevista de 2021, mencionei um ator, hoje menciono um cantor: The Weeknd.

Um filme: Na minha última entrevista de 2021 eu indiquei um filme, desta vez indico uma série de TV: Elite.

Um hobby: Coletar gemas e minerais e depois aprender o nome de todos em cada língua.

Um dia especial: 5 de agosto, a publicação do meu primeiro livro e também o aniversário do meu querido avô.

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Antonio Di Bianco:** Agradeço a todos pelo apoio e pelo carinho. Espero poder promover mais no vosso país, isso me faria muito feliz.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# AVENTURAS PELO MUNDO

CONTOS E POEMAS - VOL. II

## AVENTURAS PELO MUNDO

CONTOS E POEMAS - VOL. II

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

# ENTREVISTA

## COM FERNANDO CARVALHO



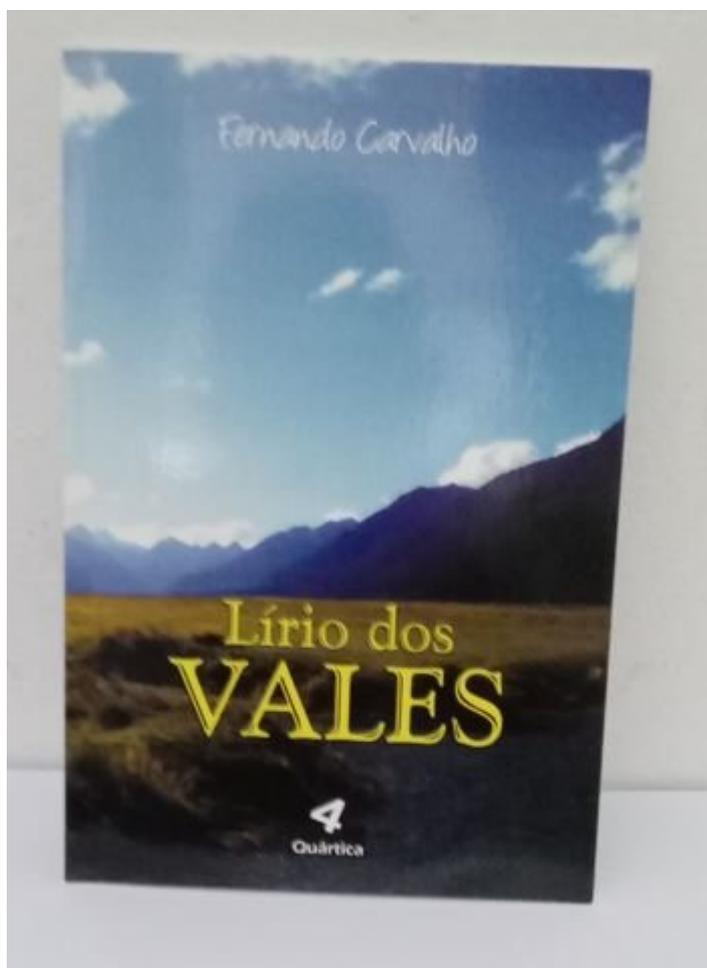
**Fernando Carvalho**

Fernando Carvalho nasceu no bairro de Santa Cruz na Cidade do Rio de Janeiro. Poeta sacro, escritor de autoajuda, cartunista, compositor e cantor gospel. Estudou desenho, piano clássico, pintura sobre tela, começou 3 cursos superiores, mas desistiu. Publicou 130 antologias e 43 livros em carreira solo. Diácono, ama a vida e sobretudo O Senhor Jesus Cristo!!!

**Entrevista**

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Fernando Carvalho:** O início da minha carreira foi depois de passar noites e mais noites acordado depois de um trauma na juventude. Depois fui servir a vida militar, parei os tratamentos e me afligi muito, me curvei ante os obstáculos da vida eu queria fugir da realidade da vida! Tentei uma solução com as próprias mãos mas Jesus Cristo tinha um propósito na minha vida! Conheci o evangelho através da minha tia e hoje sou diácono. Sou um dos três filhos; descobri o dom da escrita e em 1987 eu começava na antologia Escritores do Brasil 1987, organizado por Aparício Fernandes. Hoje sou feliz e evangelizar é minha missão!!!



**Conexão Literatura:** Você é autor do livro "Lírio dos Vales". Poderia comentar?

**Fernando Carvalho:** Sou sim autor do livro LÍRIO DOS VALES, lançamento em 2008 pela Litteris editora. Meus livros são mais poemas sacros e autoajuda. Sempre publiquei, num voto feito aO Deus Vivo!!! Estamos vivendo dias difíceis e falar de amor é muito importante sabemos que Jesus Cristo é O Senhor e é Ele que dá solução para os nossos problemas!!! Investir no Reino de Deus é a minha maior prioridade! Nunca desista dos seus sonhos, ande com Deus, semeie na vida do seu irmão, honra pai e mãe, leva a sua preciosa semente e obedeça a voz do Senhor Jesus Cristo!!! Felicidade faz parte da vida daquele que obedece o seu chamado; Jesus Cristo Nosso Senhor está voltando faça o seu culto doméstico, seja humilde e clame pelo

poder da Divindade pois isto lhe fará bem!!!

**Conexão Literatura:** Quanto tempo levou para concluir esse livro?

**Fernando Carvalho:** Este livro levou uns três a quatro meses para ser concluído. Estudei muito e amo a palavra escrita. Nunca desista de sonhar, seja perseverante, tenha entusiasmo e maturidade, ande para a frente, você tudo pode! Um bom escritor vive para

sonhar e passar para o papel!!! Quer um conselho? Sonhe todos os seus dias, planta nos corações a semente do amor. E conspire pela redenção do gênero humano!!!

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

**Fernando Carvalho:** Quero destacar um trecho do meu livro:

A mensagem da cruz traz remissão dos pecados!

Renova o horizonte a cada fulgor da aurora!!!

A mensagem da cruz dá vigor e robustez à alma cansada e aflita.

Eleva os mansos e os humildes de coração.

Este livro são poemas sacros inspirados por Deus!!!

Meu desejo maior é levar você até Cristo Jesus!

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Fernando Carvalho:** Para adquirir esta obra entre no site: [www.livrarialitteris.com.br](http://www.livrarialitteris.com.br)

Meus trabalhos estão no meu Facebook : Fernando Luiz de Carvalho e no meu canal no YouTube:

Fernando Carvalho adorando O Senhor Jesus Cristo

**Conexão Literatura:** Qual livro está lendo atualmente?

**Fernando Carvalho:** Estou lendo e pesquisando a Bíblia Sagrada.

Quer uma palavra boa? Busque uma comunhão com O Deus Criador!!! Que você vencerá!!!

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Fernando Carvalho:** Planos e projetos meus são semear livros a mão cheia!!!

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Fernando Carvalho:** Finalmente quero agradecer a você que participou comigo e toda a sua atenção! Parabéns por ouvir a minha voz! Que Jesus Cristo Nosso Senhor e Salvador esteja sempre lhe abençoando com toda a sorte de bênçãos!!!

Um abraço cordial do amigo e poeta Fernando Carvalho!!!

**Meu canal no YouTube:**

Fernando Carvalho adorando O Senhor Jesus Cristo (se inscreva e deixe uma mensagem)

# PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



## Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



## Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



## Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

## Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)



## Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

**NÃO PERCA TEMPO:** encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

# ENTREVISTA COM GISELE GARCIA



**Gisele Garcia**

Gisele Garcia se graduou em Educação Artística pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mesma instituição em que cursou a especialização “Arte na Educação Infantil”. Foi professora da rede municipal de educação de Juiz de Fora e da Secretaria de Educação do Distrito Federal, trabalhando com projetos de contação de histórias, poesia e teatro.

Em 2020, lançou seu primeiro livro infanto-juvenil: “O Menino que Tinha Medo de Criança”. A este, seguiram-se as obras “Vaca Amarela, Pule a Janela”, “A Noite dos Fantasmas” e “Toada da Terra de Lá”. Foi laureada com o Prêmio Funarte de Dramaturgia, em 2021, e com o Prêmio Cidade de Manaus - melhor livro infantil, em 2022.

**Entrevista**

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Gisele Garcia:** Eu sempre amei ler e sempre me saí bem em matérias e atividades que envolvem a escrita. Mas, com exceção de algumas brincadeiras quando ainda criança, a ideia de escrever um livro nunca havia passado pela minha cabeça. A guinada em direção ao meio literário se deu quando eu escrevi uma história para meu filho mais velho (O Menino que Tinha Medo de Criança). A ideia era presentear-lo com um livro baseado em uma dificuldade vivenciada por ele na primeira infância. Era para ser só isso: um livro; exemplar único. Mas alguns amigos próximos, ao tomarem conhecimento da história, se encantaram e me convenceram a compartilhá-la com o mundo.

Publicar meu primeiro livro funcionou como o pontapé inicial para eu querer mais. De lá

para cá, publiquei outras histórias infantis e comecei, também, a me aventurar na dramaturgia, área que sempre me atraiu muito, e na literatura voltada para adultos.

**Conexão Literatura:** Você é autora do livro "Toada da Terra de Lá". Poderia comentar?

**Gisele Garcia:** Claro! Essa é uma obra muito especial para mim, porque ela mescla literatura e música, duas linguagens que me acompanharam vida afora, impactando a minha formação como indivíduo. O livro entrelaça uma narrativa literária infanto-juvenil com canções clássicas da MPB. A ideia surgiu após a morte de Aldir Blanc e o projeto, inicialmente pensado como uma homenagem a este artista, acabou se tornando um

tributo a vários compositores que marcaram a vida cultural dos brasileiros.

A história acompanha as desventuras de Beatriz, protagonista que vai parar na fantástica Terra de Lá. Nesse universo, a garota conhece o desolado e triste pedreiro Pedro e, comovida, embarca em uma jornada em busca da Esperança, para devolvê-la ao coração do pobre homem. O enredo, que aborda importantes temáticas como solidariedade,



amizade, superação de medos e empatia, é um mergulho na necessidade humana do sonhar.

No decorrer da história, a narrativa vai brincando com as letras de algumas canções e com alguns personagens clássicos da MPB: Pedro Pedreiro, a Esperança Equilibrista, o Poetinha, Dona Ivone Lara... A obra é uma boa oportunidade para ampliação do repertório musical dos jovens leitores. O livro conduz a uma playlist disponibilizada em plataformas de áudio (Toada da Terra de Lá – o livro) e a playlist conduz o leitor de volta ao livro.

Enxergo Toada da Terra de Lá como uma obra para dois públicos: os jovens leitores, que se divertirão com uma boa história, e os pais desses leitores, que poderão se encantar com as referências musicais no decorrer do texto.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**Gisele Garcia:** Difícil descrever. É como se qualquer coisa pudesse ser uma inspiração: conversas, sentimentos, notícias, imagens. A ideia para Toada da Terra de Lá surgiu com a tristeza pela morte do Aldir. Em meio à minha consternação, imaginei uma “Esperança Equilibrista” em aquarela. Pensei em resgatar meus pinceis e desenhar essa imagem, mas minha imaginação logo se desviou para um diálogo de uma menina com essa Esperança. O livro surgiu a partir daí.

Em outras situações, criações surgiram a partir de uma memória, a partir de uma curiosidade contada por uma amiga em um bate-papo descontraído, a partir de uma charge recebida em um grupo de mensagens, a partir da tristeza com a desigualdade social, a partir da empatia com mulheres em situações de abuso. Como eu disse, qualquer coisa vira inspiração.

Meu problema é que eu tenho muito mais ideias do que eu dou conta de desenvolver. Assim, é comum eu registrar o esboço dessa ideia em um bloco de notas do celular, desenvolver uns dois ou três parágrafos e largá-la. Quando tenho tempo, resgato um desses esboços para desenvolver. Mas há vários na fila.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

**Gisele Garcia:**

*O carregador já vai saindo quando a garota lhe indaga:*

— *Espera, por favor. Que lugar é este?*

*Deixando a pressa temporariamente de lado, o homem para de súbito. Ele olha a jovem de alto a baixo, pela primeira vez prestando atenção naquela estranha criatura vestida para dormir.*

— *Não sabe? Aqui é onde o sol nasce amarelinho e queima de mansinho. É a terra onde o céu é sempre azul. Onde podemos sentir o sabor do sol e o cheiro azul do céu. Você consegue sentir?*

*Fechando os olhos, o carregador ergue a cabeça, estica os braços e respira fundo. Abrindo um divertido sorriso, encoraja a menina com uma piscadela:*

— *Tente, você consegue!*

*Curiosa, a garota o imita. De olhos fechados, Beatriz começa a sentir o céu azul, um azul infinito e denso que envolve seu corpo qual mar de águas paradas. Respira o cheiro do mar e das estrelas. Será esse o cheiro do azul? (...)*

*Quando a menina e o carregador abrem os olhos, ele lhe sussurra em segredo:*

— *Se você sentir bem, vai perceber que também o amor é azulzinho como o céu!*

*Estranhando o amor poder ter cor, Beatriz se põe a imaginar qual seria a cor da alegria ou da saudade. E a tristeza, que cor teria?*

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Gisele Garcia:** O livro está disponível na Amazon, na loja online da Editora Labrador e em algumas livrarias: Livraria da Vila, Livraria da Travessa, Livraria Martins Fontes e Livraria Loyola.

Quem quiser saber um pouco mais sobre mim e acompanhar meus trabalhos, pode me seguir na minha conta instagram - @giselegarcia.bsb - ou me enviar mensagem no e-mail giselegarcia.escritora@gmail.com

**Conexão Literatura:** Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

**Gisele Garcia:** Ler muito, interagir e conversar com pessoas diversas, ser criterioso e exigente com seu texto, estar aberto a críticas construtivas e ser persistente, pois publicar no Brasil não é algo fácil.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Gisele Garcia:** Sim. Sempre! A Engolidora de Palavras, obra vencedora do Prêmio Cidade de Manaus - melhor livro infantil, está para ser publicada. Além desta, tenho mais uma obra infantil concluída e outra em andamento. Também estou com duas dramaturgias finalizadas: uma peça longa, ambientada no Rio de Janeiro e voltada a jovens adultos, e uma dramaturgia curta.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Apontarei um brasileiro contemporâneo: Via Ápia, de Geovani Martins

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Cinema Paradiso

Um hobby: São tantos: ler, jogar tênis, capoeira, tocar violão, viajar...

Um dia especial: Muitos também. Destacarei os dias de nascimento dos meus filhos.

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Gisele Garcia:** Gostaria de deixar aqui um grande agradecimento aos escritores e compositores brasileiros que nos proporcionam uma base cultural/intelectual para o enfrentamento da vida.



# ENTREVISTA

COM KELLY CRISTINA SANTOS DE OLIVEIRA



## **Kelly Cristina Santos de Oliveira**

A autora Kelly Cristina Santos de Oliveira é poetisa, contista, pesquisadora e ficcionista brasileira. Aprecia o gênero suspense, mistério e fantasia. Gosta de uma boa conversa, café e plantas. E acha enriquecedor descobrir o que há de interessante em várias culturas, filosofias, psicologias e atitudes. Graduada em Comunicação Social pela PUC-MG, com especialidade em Publicidade, Marketing e Docência do Ensino Superior, atualmente ela é uma das editoras da “Revista Escritoras Brasileiras”. Com várias publicações, ficou conhecida no meio artístico e literário, a partir da publicação do seu primeiro livro de suspense psicológico: “A Mona Lisa do Sertão em Estado de Choque”.

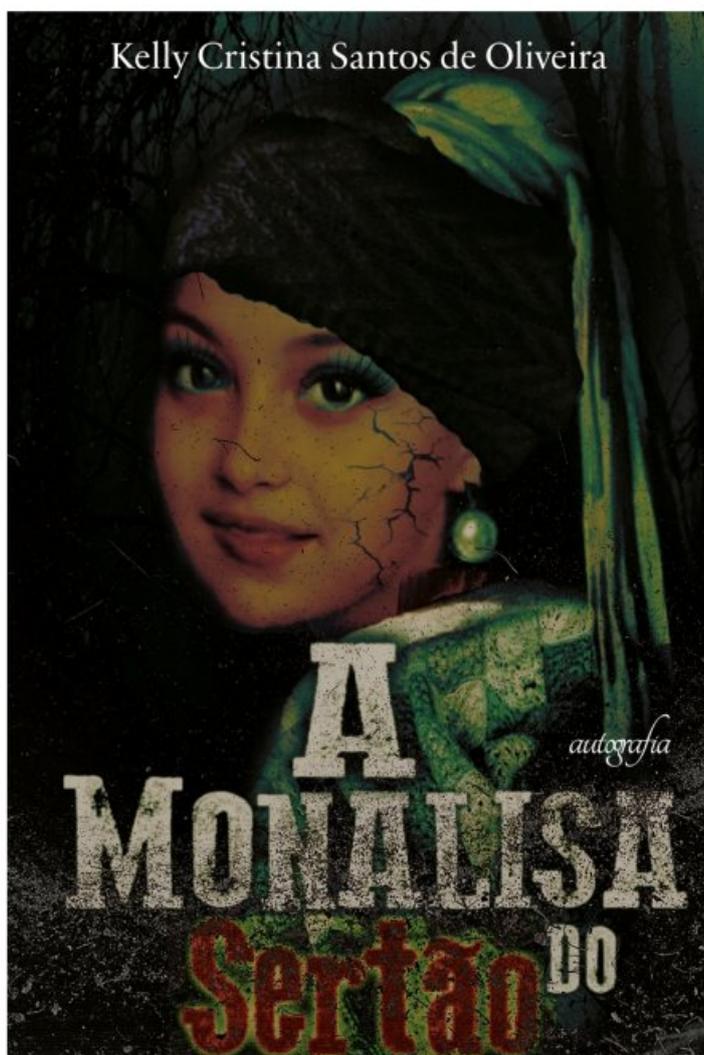


**Entrevista**

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Kelly Cristina:** Desde pequena eu senti que havia dentro de mim a vocação para o mundo fantástico da literatura. Ainda criança, escrevi uma poesia e coloquei um nome engraçado: “A cobrinha e o Jabuti”, e este pequeno texto foi exposto na minha escola e na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, numa exposição de redação dos alunos nessa época.

Anos mais tarde, em 2018, publiquei o meu segundo poema na Antologia Sarau Brasil e recebi menção honrosa nacional pelo poema: “Coração em Chamas”.



Durante o período de isolamento da pandemia, enfrentado por todos nós, voltei a escrever e publiquei mais um poema no Arautos da Literatura Brasileira. Nessa mesma época, resolvi escrever e publicar uma biografia, com meus irmãos, em homenagem ao nosso pai, uma pessoa extraordinária, Gecelito Freitas: Uma vida de lutas e sucesso.

Como eu tenho uma predileção por ficção, suspense e fantasia, então resolvi escrever um romance de entretenimento, que foi muito bem recebido por todos que tiveram a oportunidade de ler: “A Monalisa do Sertão em Estado de Choque”, pela Autografia Editora, RJ. O lançamento desse livro, aconteceu na Bienal Mineira do Livro no ano de 2022, em Belo Horizonte. Em seguida, o mesmo foi lançado também na FLIPI (Festa Literária de Pirapora) - MG.

Além das diversas participações em antologias, nesse período eu tive a grata satisfação de participar da Jornada das Escritoras Brasileiras, que resultou no lançamento de uma coletânea de poesias e narrativas curtas: ‘Um teto todo nosso’, na Festa Literária

Internacional de Paraty, quando publiquei junto com autoras incríveis de várias partes do país.

Para este ano, preparei a duologia; *Malditos Bruxos: “a Monalisa do Sertão 2 em Campeonato de Magia”*, que será lançado em breve pela editora Polifonia.

**Conexão Literatura:** Você é autora do livro "**A Monalisa do Sertão**". Poderia comentar?

**Kelly Cristina:** A Monalisa é uma personagem que foi silenciada, sofreu violência e exclusão social e cresceu carregando consigo as marcas de um trauma de infância.

**“A Monalisa do Sertão” em Estado de Choque**” é uma obra de função catártica não linear. A catarse nos ajuda a entender a realidade e melhora nossa cognição. Neste livro de estreia, eu trabalhei com tempo de terror psicológico sofrido pela protagonista: uma criança de 10 anos ainda em fase de desenvolvimento que sofre um estupro coletivo. Como se não bastasse essa tragédia, logo em seguida foi acusada de ser uma bruxa, e sofre várias perseguições, inclusive de bandos. É a Monalisa versus a sociedade. Um livro ambientado no sertão mineiro durante o período de ruptura democrática nos anos 80.

Com o intuito de castigar quem fazia bullying e espalhava a tragédia pela cidade, foi criada uma lenda de um espírito que aparecia para assustar todas as pessoas que tocassem no assunto do caso da criança. Como a vida é uma caixinha de surpresas, o espírito da menininha ganha vida e resolve participar desse terror psicológico em busca de justiça.

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**Kelly Cristina:** Eu sou apaixonada por palavras. Não luto com elas, como citou uma escritora que admiro, Lygia Telles. Escrever me deixa muito empolgada. E posso afirmar que me sinto realizada e feliz durante o processo criativo de uma obra, pois escrevo sobre algo que gosto: ficção, suspense e fantasia. É um processo prazeroso criar os personagens com suas histórias. Eu me divirto muito na criação das minhas obras. Então vejo possibilidade em tudo, como: belas-artes; artes visuais, música, dança, cinema e teatro.

Tudo me inspira.

Me alimento visualmente de arte. E as ideias, o estalo, o insight acontece a partir de uma conversa, notícia, algo que vi na televisão, ou rede social. Tudo isso contribui para o meu momento de criação, que geralmente acontece num local calmo e agradável, próximo à natureza.

Aproveito para agradecer o incentivo dos leitores que apreciam um bom suspense.

**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

**Kelly Cristina:**

A menina estava ali, em algum lugar, brincando feliz, pulando amarelinha, tinha sonhos...

De repente, a sua alegria escapou feito balão voando no céu...

Roubaram a sua inocência, a sua essência, identidade e vontade de viver...

Por exatos 30 anos, ela era só um corpo presente na terra.

Corpo sem alma.

A pequena Landa, sentia-se como Dorothy do Mágico de Oz, quando bateu um tornado e este levou embora toda a sua casa. A diferença entre as duas, é que a Monalisa era tempestade.

Até mesmo uma singela flor pertencente à família das rosáceas, a *Geum reptans* serviria como gatilho para aquelas lembranças.

- Foi por um triz!, disseram à criança sobrevivente do parque.

Landa sentia suas pétalas caírem dentro de uma redoma de vidro, como se o seu próprio corpo não lhe pertencesse, sentia-se acorrentada a um trauma de infância, vivendo uma vida inteira estigmatizada por ser diferente, sendo julgada como fera pela sociedade.

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Kelly Cristina:** A Monalisa do Sertão está disponível pela Amazon, no site da editora Autografia-RJ, livraria Cultura, Submarino, e em formato ebook em vários sites.

Link da Amazon: <https://www.amazon.com.br/Monalisa-Sert%C3%A3o-Em-Estado-Choque-ebook/dp/B0B18WW2VP>

Instagram:

***Kelly Cristina (@kell.escritora)***

Facebook: Kelly Cristina

**Conexão Literatura:** Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

**Kelly Cristina:** O mais importante é gostar do que faz e não desistir dos seus sonhos.

Leia muito, converse com escritores, pesquise e participe de festas e feiras literárias. Todo começo é difícil, ainda me considero no início da carreira...há um longo caminho a trilhar.

Acredite na sua produção e talento. E encontre um tempo para se dedicar àquilo que você ama. Lembre-se: nem todas as portas vão estar abertas. Prossiga assim mesmo, seja persistente e resiliente.

Seja criterioso, responsável e exigente com o seu trabalho. Cuidado com o juízo de valor. O respeito à diversidade é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. E incentive a leitura.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Kelly Cristina:** Para 2024 escrevi um livro que será lançado em breve, pela editora Polifonia e selo: “Escritoras Brasileiras”. Uma obra de suspense e fantasia que conta a história de um grupo de jovens em um cenário de festas e assassinato.

*“Quando uma adolescente é encontrada morta dentro de um lagar no sítio abandonado numa cidade do interior, Sinistro, o filho do mestre dos bruxos, vê à frente dois grandes desafios: livrar o seu pai das acusações dos moradores e vencer o Campeonato de Magia para se tornar o maior bruxo de todos os tempos”.*

*Entre feiticeiros, seres mágicos, gnomos, duendes e os fantásticos moradores da cidade de Despertar...  
Bruxos versus Rebeldes  
Quem será o próximo Mestre da Liga da Magia?*

*Leia: Malditos Bruxos: a “Monalisa do Sertão II em Campeonato de Magia”.*

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: E não sobrou nenhum.

Um ator ou atriz: Selton Mello.

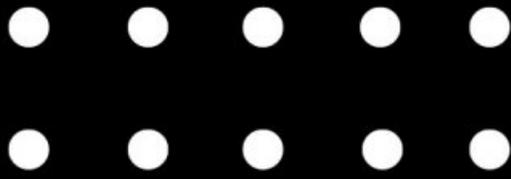
Um filme: O auto da compadecida.

Um hobby: Kung Fu.

Um dia especial: Sempre que um novo livro é publicado.

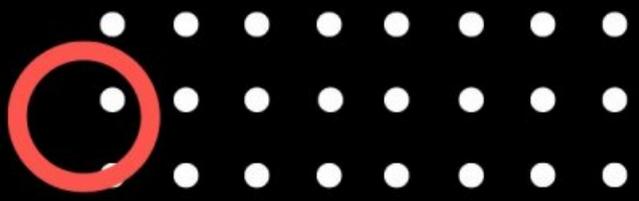
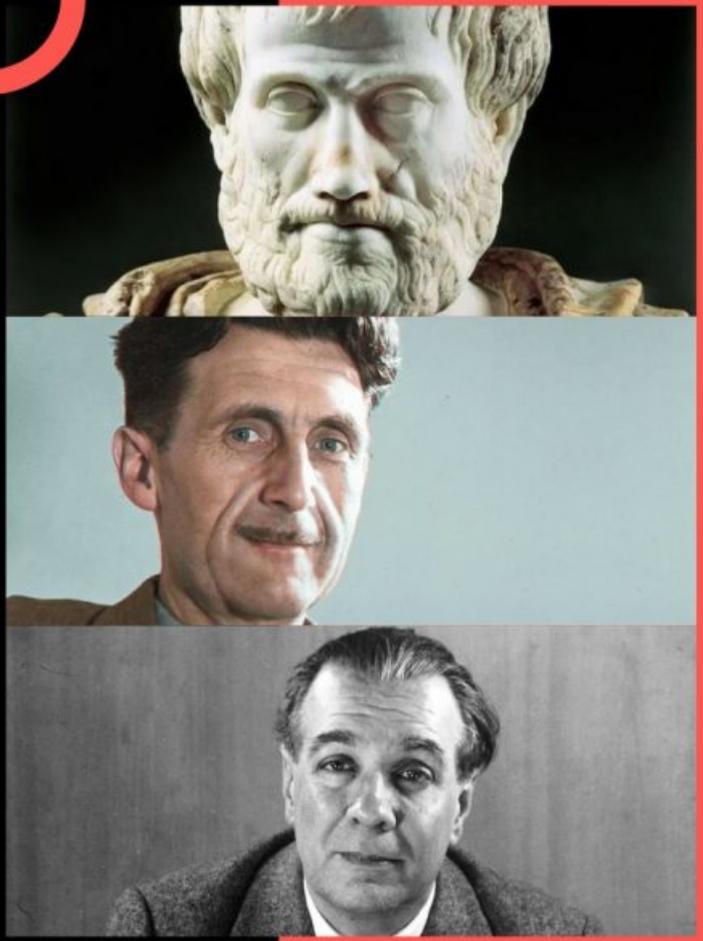
**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Kelly Cristina:** Menos julgamentos e mais seres humanos melhores. Leiam mais, leiam mulheres e leiam os meus livros. - **Kelly Cristina**.



# CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na  
Revista Conexão Literatura





A leitura é o caminho  
mais curto para o  
conhecimento.

**ARISTÓTELES**



Uma vida sem leitura é  
uma vida sem esperança.

**GEORGE ORWELL**



Sempre imaginei que o  
paraíso fosse uma espécie  
de biblioteca.

**JORGE LUIS BORGES**

TIRE O SEU CONTO  
OU POEMA DA GAVETA



# ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

---

**LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI**



CONTO POR  
LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE

# A CAIXA DE LÁPIS DE COR

Incentivo  
à leitura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

Isabel havia chegado na Flórida com três anos. Seu pai, professor universitário em Manágua, tratando-se de pessoa influente no meio científico, conseguiu, com muita dificuldade, asilo político nos Estados Unidos em virtude da revolução sandinista. A mãe, Maria Adelaide, era brasileira e havia conhecido o esposo no seu país de origem quando ele fora passar férias no litoral nordestino, especificamente no Recife. Apaixonaram-se, namoraram a distância e após alguns meses, casaram-se.

Isabel cresceu falando inglês, espanhol e com muita frequência, português no âmbito doméstico, eis que se tratava de idioma materno. Sempre ostentara facilidade para línguas, sua memória e dicção eram excelentes. Poder-se-ia dizer que se comunicava utilizando as três línguas com absoluta fluência e quase nenhum sotaque que evidenciasse sua nacionalidade, tamanha a naturalidade com que se expressava. Seus estudos e trabalho foram desenvolvidos a partir de tais inclinações, findando por ocupar há alguns anos quadro gerencial em hotel de luxo, em Miami.

Isabel se casou com Rogério dos Santos, um imigrante brasileiro que há quinze anos estava legalmente radicado no país estadunidense, após um casamento desfeito com americana, muito esforço e contratempos. Rogério possuía uma pequena empresa de serviços de marcenaria, era habilidoso, bastante educado e querido por quem o conhecia. Como atendia com eficiência e cobrava preços justos pelos produtos e serviços, sua clientela era considerável e usufruía o casal de vida abastada, residindo em casa situada em condomínio fechado nos arredores de Miami. A propósito, muitos brasileiros haviam se mudado para a Flórida nos últimos tempos, inclusive sob tal proporção que era mais comum ouvir as pessoas conversando em português do que em inglês nas ruas, especialmente em algumas localidades.

Isabel e Rogério tiveram uma única filha: a pequena Carmem, que contava com sete anos. Era uma menina magrinha, com cabelos negros um pouco enrolados e usualmente presos por tranças grossas, arrematadas com elásticos coloridos. Seu rosto era um pouco anguloso, sobrancelhas escuras bem assinaladas, arqueadas acima dos olhos grandes, adornados por longos cílios. O nariz era pequeno, secundado pela boca delicada e bem feita. Carmem tinha covinhas quando sorria, em ambos os lados da face na linha dos lábios, as quais lhe davam um ar gracioso. Já há anos trabalhando no hotel, dividindo-se entre os turnos contínuos, cuidados com a filha, casa, esposo e os pais que estavam envelhecendo, Isabel não podia dizer que sua vida fora fácil. O ambiente de trabalho era muito competitivo e por mais incrível que possa parecer, eram justamente mulheres que almejavam ou exerciam funções semelhantes às suas as que menos a respeitavam e solidarizavam.

Recordava-se quando, há cinco anos, havia sido nomeada gerente nível III. A remuneração aumentou expressivamente e passou a administrar o trabalho com maior elasticidade de horários, sem precisar cumprir turnos diários no prédio do hotel. Existiam na ocasião de sua escolha mais quatro candidatas. Uma delas era uma brasileira naturalizada americana, Ana Paula, casada com americano que trabalhava no mercado financeiro, Stevenson o sobrenome, ao que se recordava.

Sempre notou Ana Paula fazendo comentários críticos e negativos sobre sua atuação profissional como se ela, a dita concorrente, fosse repleta de qualidades inquestionáveis, de uma superioridade de conhecimentos e performance excepcionais e francamente superiores às que ela, Isabel, possuía.

Nem era preciso dizer que o simples fato de haver galgado à função gerencial na disputa por promoção acabou por agravar o dissenso. Não que Isabel compreendesse muito bem tamanha animosidade. Mas por certo nutria um sentimento de aversão pela ácida mulher, não havia como refutar. No frígido dos ovos, os salários delas eram similares por haver Ana Paula acumulado vantagens por tempo de serviço, além de cumprir horas extras em profusão. E pelo que era de seu conhecimento, o marido da oponente era muito bem sucedido financeiramente, aliás.

Era a tal arrogância. O jeito de se considerar melhor, superior ao próximo. A rigidez e prepotência de se apresentar como a mais competente para cortar gastos, por exemplo, repreendendo os subalternos quanto a proporção que era utilizada de materiais de limpeza, de escritório etc. Não que não houvesse necessidade de gestão. Mas não era exatamente isso que ocorria. Percebia Isabel que alguns empregados do hotel tinham receio de serem demitidos pelas intervenções incisivas e indelicadas de Ana Paula, que até mesmo se gabava por ser temida.

O fato é que aquela acabou se removendo para outra unidade do hotel, em distinta seção da cidade, em Palm Beach. Mesmo que isso haja se consumado, percebia Isabel que algumas ex-colegas de Ana Paula, que trabalhavam em sua unidade, eram lacônicas e não empáticas consigo. A tal mania de subjugar quem não se conhece com profundidade somada a prepotência, uma vez mais. Enfim, aceitava aquela conjuntura como um fato da vida já que parece ser impossível quer compreender, quer agradar a todos, mantendo-se, por sua vez, distante em atitude peculiar a autodefesa.

Carmem estudava em escola pública, próximo ao condomínio em que residia com os pais, Isabel e Rogério. Diante da concentração de brasileiros em bairros contíguos, grande parte dos alunos apresentava aludida origem, sem prejuízo de maior proporção de crianças e adolescentes cujos pais nasceram nos Estados Unidos da América, sob variadas ascendências étnicas e culturais, possuindo a língua inglesa como única.

Chegando em casa quinta-feira, às 18:00 horas, encontrou Carmem, remexendo no armário.

— Olá, filha, tudo bem com você? O que está fazendo?

— Ah, mãe, estou procurando umas presilhas e par de tênis cor-de-rosa, lembra, aquele que ganhei da vovó Maria? Amanhã teremos atividade fora da escola, uma excursão, iremos a outra escola para uma espécie de festival, não é legal?

Isabel achou estranha a ausência de anotação do evento na agenda escolar da filha. Mas como os profissionais que trabalhavam na escola eram extremamente criteriosos, cumprindo com rigor normas de segurança, até mesmo pelos infortúnios ocorridos em virtude de episódios de violência estudantil no país, sabia que não havia com o que se

preocupar, a professora certamente iria acompanhar os alunos, com assistentes. Ademais, iria pedir ao marido que confirmasse o evento ao deixar a filha na frente da escola.

No dia seguinte, às 13:00 horas, encontrava-se no hall do hotel orientando recepcionistas quanto ao atendimento a clientes estrangeiros, quando seu celular começou a tocar incessantemente.

Atendeu-o, de maneira mecânica, e ouviu em inglês que deveria buscar a filha em outro endereço pois a menina estava chorando. Que não se preocupasse, não era nada demais e estava na secretaria de escola acompanhada pela professora.

Tresloucadamente, saiu o mais rápido que pode do trabalho, dirigindo seu veículo com a velocidade maior que conseguiu imprimir sem ser multada ou se colocar em situação de risco iminente.

Ao chegar na referida escola, viu Carmem acabrunhada, com o rostinho inchado de tanto chorar, sentada numa cadeira no interior da sala que era identificada como secretaria. Apenas fez um sinal afirmativo com a cabeça para a professora, que abraçava a garota ao redor dos ombros e já foi falando:

— Filha, o que foi? O que aconteceu com você, por qual motivo chorou?

Os olhos de Carmem novamente ficaram marejados e seus lábios se curvaram para baixo. Queria chorar de novo, mas foi interrompida pela mãe.

— Não, querida, calma. Fala comigo. O que foi? — fixou os olhos nos olhos da criança.

Carmem acalmou-se e começou a narrar o ocorrido:

— Bom, mamãe... viemos a esta escola com a professora num ônibus escolar. Chegando aqui, fomos para uma sala grande. Existiam muitos cartazes e papéis empilhados. Era uma competição de artes e quem fizesse o desenho mais bonito iria ganhar prêmios, bichinhos de pelúcia, joguinhos e doces! Vi que todo mundo tinha lápis de cor, guache, giz de cera, as crianças foram tirando tudo da mochila, mas eu não sabia então não trouxe né, eu tinha só uma canetinha vermelha e outra preta, além da lapiseira e borracha! Sempre tem esse material na nossa sala de aula na outra escola!

Isabel ficou séria. Acrescentou:

— Mas aconteceu algo além disso?

Nesse momento, Carmem desandou a chorar e entre um soluço e outro, disse que a chamaram de “menina brasileira pobre” porque não tinha material de artes, os lápis de cor. Isabel sentiu a fúria chegando. Olhou ensandecida na direção da professora. Após indagar-lhe, ouviu em inglês que as mães dos alunos tinham retransmitido as orientações para levar estojos de lápis de cor via WhatsApp, especialmente as famílias brasileiras que se conheciam já que as crianças da série de Carmem não eram muitas.... quem criou o grupo foi Ana Paula, uma brasileira que trabalha em um grande hotel. Não havia mais necessidade de explicações. Então, seu nome não havia sido inserto no aludido grupo de

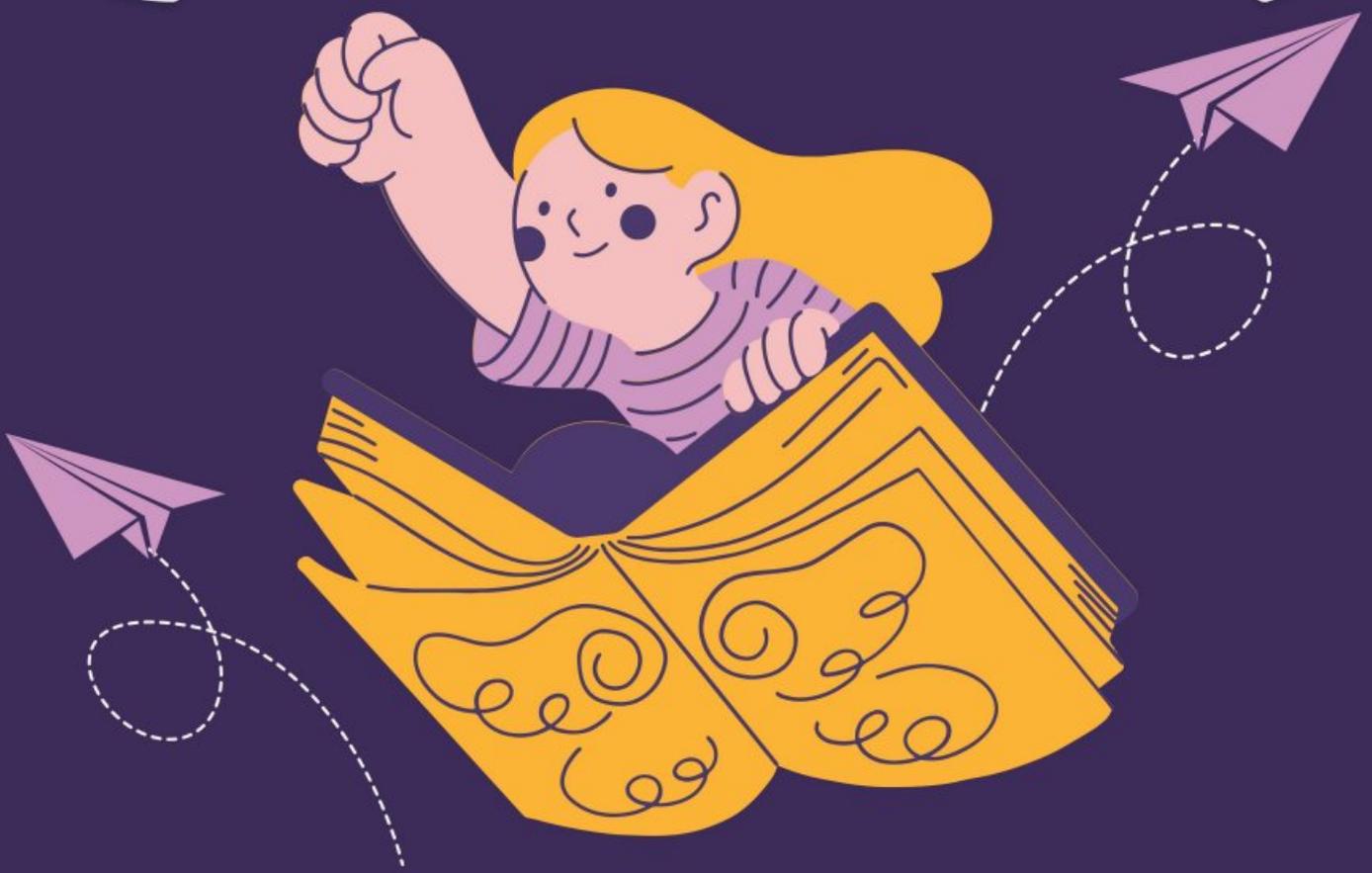
aplicativo de mensagens embora fosse igualmente mãe de menina com origem brasileira na escola, conhecidos por todos os alunos da série de Carmem, não eram mais do que oito alunos, em salas separadas. Pior, a ausência da caixa de lápis de cor serviu de estopim para que sua filha fosse vítima de bullying e xenofobia, o que bem sabia era repellido por normas e protocolos da Flórida, os quais iria acionar. Apenas pode lamentar a pequenez daquela mulher e de quem compactuara com a exclusão deliberada. Nada era preciso fazer, já que precisavam conviver consigo mesmas e suas ignoradas incongruências.



**Luciana Simon de Paula Leite** exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado *Para nossas meninas*, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

*conectando  
autores e leitores*



*acesse o nosso site e redes sociais  
e fique por dentro do que acontece  
no mundo dos livros*

 [@revistaconexaoliteratura](https://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)

 [@conexaoliteratura](https://www.facebook.com/conexaoliteratura)

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

CONTO  
POR LUIZ F. HAIML



*Arte by Edgar Loeser*



# O PÓ DOS MORTOS

Incentivo  
à leitura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

**S**e encerravam duas semanas, desde que eu deixara o Rio Grande do Sul, minha terra natal. Eu estava em Florianópolis, Santa Catarina, como gerente de uma agência bancária.

Não muito depois da mudança, iniciaram meus dias – e noites – de sensações esquisitas. Sem mais nem menos, acometiam-me agitações que eu nunca antes tivera. Tomavam meus pensamentos, atribulavam meu espírito, e comecei a ter um sonho perturbador. De uma coisa eu tinha certeza, tais incômodos não provinham do meu novo cargo, nem do lugar para onde eu fora transferido.

— Antônio?

— Sim, ainda estou aqui.

Eu falava com Amanda, irmã de Célia.

— Ah, ok.

Eu vira Amanda só uma vez. E não reconhecera a voz dela no celular.

— Tudo bem? – inquiri, com certa hesitação.

— Na verdade, não tenho boas notícias.

Teria eu ouvido um suspiro profundo?

— Minha irmã morreu.

Um silêncio, que pareceu sem fim, depois:

— Se matou.

\*\*\*\*\*

Desde a última vez que nos vimos, eu ainda não tinha procurado Célia. Na verdade, por conhecê-la bem, sabia ser ela aquele tipo de pessoa que não gostava de ter seu espaço invadido. Insinuar-se para ela, tentar se impor sobre ela, só acabaria em merda. Se ela realmente quisesse, daria abertura, viria atrás. Não respeitar isso trazia o risco de não se obter ou de se perder sua amizade.

Dez horas de uma manhã de sábado. Março de muito calor. Eu estava me despedindo dos lugares que gostava de frequentar, das memórias que tivera neles, quando Célia entrou no Café do Zé. Foi direto ao balcão comprar cigarros. Mas então, de repente se virou, me notou, pegou o maço e veio em direção a minha mesa.

— Oi, Antônio!

Aquele sorriso enorme e só dela, que me fazia “cair da cadeira”.

Sentou comigo.

Éramos muito amigos. Na real, do trabalho, era eu um dos poucos amigos dela. Mas então, Célia pediu demissão e sumiu. Uma loucura de mulher. Alta, olhos enormes, inteligente pra caramba, de forte energia, de marcante presença, um tom de voz firme e positivo. Não era de engolir sapos e, houvesse o que houvesse, sempre tentava parecer alegre. E olhem que ela havia passado, nos últimos tempos, por coisas bem ruins.

Primeiro, perdera o pai. Esse agonizara semanas no hospital. Não muitos meses depois, a mãe. Essa, porém, se fora rápido. Caíra, súbito, na frente de Célia. Coração. Não bastasse, um ano após, minha amiga teve um aborto.

Quando Célia me contou sobre o aborto, o fez com todos os mínimos detalhes. Perfeito filme de horror. Ela sozinha, num apartamento novo e ainda pouco mobiliado, num dia escuro de inverno, sem vizinhos, esperando um auxílio que chegaria tarde demais. Não muito depois, pediu demissão do banco. Já tinha mandado às favas o

imprestável do namorado que, com uma vergonhosa desculpa, não estivera junto quando ela mais precisava dele. Então ela sumiu de nossas vidas. E agora o destino nos colocava de novo juntos, ali no Café do Zé.

— E aí, guria?

— Te importa se eu fumar?

— Não, tranquilo.

Eu não gostava de cigarro. Para Célia, porém, abria exceções.

Acendeu daquele jeito estiloso que só ela sabia fazer.

— Tentei os tais cigarros eletrônicos. – ela disse. — Não deu certo. Também tentei parar. – e deu aquela risada exuberante, não alta, mas que parecia preencher o ambiente, que parecia rir de tudo, que meus olhos transformavam em arco-íris, e no fim dele eu esperava, gnomo ansioso, pelo pote de ouro.

— Quer um gole? – ofereci.

Eu não era de beber muito álcool, mas de vez em quando não negava uma latinha de cerveja, uma tacinha de vinho, ou uma dose disso ou daquilo. Naquela manhã, bebericava uma dose de absinto com um pouco de vodka, tudo de baixa categoria, mas era o que se tinha para o momento.

— Não, obrigada! Do álcool parei. Total.

— Tranquilo.

Olhei para o largo e longo espelho que já estava pendurado nas alturas das paredes da cafeteria desde muito antes de eu frequentar o lugar. Lá estávamos, Célia e eu, refletidos na vítrea superfície onde, por anos, eu me contemplara sozinho.

— Tá no banco ainda?

Pergunta que veio com uma expressão de desdém que eu muito conhecia.

— Sim, sim. Tô partindo, Célia, transferido para Florianópolis.

— Nossa, que legal, tu vais gostar de lá. Cada praia maravilhosa. Pra quem gosta de praia.

“Pena que não posso levar você comigo”, pensei.

— Mas e tu, Célia?

— Pois é. Eu tô em Porto Alegre. Lembra que eu falei que a mãe tinha um apartamento lá?

— Ah, sim.

— Tô dando aula particular, inglês e francês.

Célia, pelo jeito que segurava o cigarro, pelo jeito que tragava, pernas cruzadas sob uma saia longa estampada a mostrar um pouco de seus grandes pés em sandálias de salto grosso, era aquelas donas fatais que surgiam nas salas decadentes dos não menos decadentes investigadores dos filmes em preto e branco.

— Dou aula em casa, e pela Internet. Pra todas as idades. Olha aí, se precisares.

E de novo a risada gostosa, mas que não conseguia esconder de mim uma ponta de ironia, de amargura, um certo desprezo pelo mundo. Célia era fascinante.

— Vim trazer flores.

O riso tinha sumido.

Sacudi a cabeça em sinal de assentimento.

— Quer ir comigo?

— Você quer?

— Vamos sim. Mas termina aí teu absinto.

Eu ainda me sentindo um Bogart, um Robert Mitchum, tentando não demonstrar o tesão que me dava a blusa sem mangas, segura apenas por três grandes botões nas costas, feita sob encomenda para destacar os maravilhosos seios dela. Percebi que Célia tinha sacado meu lance e se divertia com o fato. No entanto, não comentou nada, e continuou:

— Tô fazendo também traduções para revistas de rock estrangeiras. Traduzo as críticas das bandas de fora para as revistas brasileiras, e o contrário. Bah, recebo de graça um monte de cds. E até ingressos para shows.

Célia era um estranho amálgama. Graduada em Química e Física, fluente em inglês e francês, fora trabalhar em banco. Seu gosto musical era o *heavy metal*, com todas as suas ramificações. Mas quem a visse, quem a conhecesse, presumiria que fosse algo mais refinado, do tipo *jazz* ou clássico.

Às vezes, eu pensava em Célia como uma fusão dos três andróides femininos do primeiro filme “Blade Runner”: força, beleza, suavidade, astúcia, loucura e uma eterna angústia de fugir de algo, de sobreviver, de poder viver em paz, achando seu lugarzinho seguro no mundo.

Entregues as flores a seus devidos destinatários, ajeitados os vasinhos fúnebres, tarefa na qual dei uma ajudinha, deixávamos o campo santo por seu largo e longo corredor entre os túmulos. Era quase meio-dia.

— Cara, tem túmulos muito legais aqui, né?

— Sem falar nas estátuas... Magníficas!

— Olha, uma cripta antiga aberta. Já espiou dentro de uma?

Era o lado metal gótico dela se manifestando.

— Não. E nem sei se quero.

Entrar na intimidade dos mortos nunca foi de meu interesse.

— Deixa de ser bobo, vem! – me pegou pela mão. Antes não o tivesse feito.

A cripta a que se referia já estava naquele lugar desde a primeira vez em que pisei no cemitério, ainda pequeno, para o enterro de uma das minhas avós. Na verdade, a cripta já existia há muito e muito tempo antes disso. Nunca a esqueci. Os muitos enterros a que fui depois não eram a principal causa disso. Aquela mortuária construção, de boca estreita, costurada por uma grade muito bonita, lembrava uma pequena igreja. E eu não gostava de igrejas. Bem, não era de igrejas que eu não gostava, e sim dos hinos tristes, arrastados, dos Cristos pendurados, pregados e sangrando nas cruzes.

— Tem certeza? – perguntei.

Quando fiz esta pergunta, já estávamos diante do jazigo, montado por blocos de um cinza escuro, onde, sabe-se lá quem já dormia por anos. Eu me remoía quanto a participar ou não da empreitada.

— Cara, eu sempre fui fissurada nessa aqui. E hoje ela está aberta.

— Podemos pegar uma infecção aí dentro.

Por causa do calor, eu estava de bermudas e chinelos, mas sempre que tinha que ir a cemitérios, procurava usar calças e calçados fechados.

— É só cuidar. – disse ela, abaixando os óculos e mostrando aquele seu olhar que fazia me sentir “um burrinho”.

Resignei-me.

Célia tinha posto um daqueles chapéus praianos de palhinha e trocara os grandes óculos normais por um de sol. Mais alta do que eu, tal altura ampliada pelas sandálias de grosso salto, ainda na sua blusa sem mangas, na sua saia longa, agora me fazia pensar numa diva do cinema italiano.

O Cemitério Municipal de Taquara é enorme, mas não havia conosco viva alma. Célia não tinha mais carro, viéramos no meu. Um latido constante e longínquo e fiapos de uma ou outra voz humana vinham de bem longe, e era só o que escutávamos àquela hora.

Senti então o cheiro de vela, coisa que me repugnava.

— Célia, teve alguém aqui.

Ela fez que não me ouviu e sem nenhum pudor empurrou a bela, bem torneada, mas enferrujada e empoeirada grade, que deveria estar chaveada. Infelizmente, fora esquecida aberta, ou tinha sido violada por algum vândalo. Célia puxou-a, entrou, e eu a segui. Fixado no topo da cripta, um crucifixo, sem nenhum Cristo, observava nossa afronta.

Antes de entrar, ainda escutei, entre as vozes distantes, risadas. Daí todos os sons externos se apagaram. Tipo quando deixamos a praia e as dunas atrás de nós vão abafando o barulho do mar até o calarem totalmente.

Nossos corpos já então dentro da sepulcral morada, e bateu-me a sensação de que nada mais existia lá fora. De que Célia e eu nos enterráramos vivos, de que aquela cripta flutuava sozinha no meio de um grande nada, enquanto alguma coisa ao mesmo tempo me avisava “você está baixando o interruptor e deixando a escuridão tomar conta”. Deus, o que eu não faria por Célia? Ano anterior eu tinha lido “Blecaute”, do Marcelo Rubens Paiva e, como a gurizada da história, tentei ficar frio e curtir o momento.

Reto, à nossa frente, preso à parede de fundo, um altar. Dois vasinhos com flores vermelhas, de plástico, os distorcidos contornos de uma grossa vela que não queimara totalmente, e um crucifixo, pequeno, um Cristo sangrando nele. Atrás do altar, um pouco mais acima deste, uma Maria segurando um Jesus ainda menino fragmentava-se num colorido vitral. Mesmo que alguém tivesse estado no interior daquele jazigo recentemente, havia muita poeira, folhas que os ventos levaram lá para dentro, teias, as paredes estavam úmidas, em algumas partes com a tinta a descascar, e insetos, felizmente, nenhum com vida.

À esquerda e à direita, no chão, dois longos retângulos de mármore de tamanho suficiente para conterem caixões. O que, com certeza, continham. No total eram seis os que dormiam ao nosso redor, pois quatro eram os postos em gavetas, duas em cada uma das paredes laterais. Vivos, moramos em casas e apartamentos; mortos, também.

Decidi olhar os costumeiros retratos dos defuntos. Medalhões em formato oval. De dois, restavam apenas as molduras. Também não estava tendo sucesso em distinguir os outros, pois manchas e riscos tinham deixado irreconhecíveis seus rostos.

— Você não vai fazer isso, vai?

Minha voz reverberou entre as paredes, ficou um tempo pairando entre elas, dentro do abissal silêncio ao qual estavam acostumadas. Falei só por falar, ao reparar que Célia ia acender o que sobrara da vela.

Não recebi resposta.

Diante do fascínio que parecia ter tomado Célia, teria minha companhia sido relegada a segundo plano? Depois de acender a vela, ela ficou um tempo diante do altar. Murmurava algo. Rezava? Minha dúvida só aumentava.

Quando Célia, finalmente, se virou para mim com uma expressão em seus olhos que eu nunca antes tinha visto, tudo se esclareceu. Seus braços se estenderam para trás, e pelos sutis movimentos, compreendi o que faziam. Logo, a blusa que vestia se soltou e caiu. Foi como se uma parte do corpo de Célia, uma tênue pele que dela se desprendesse, flutuasse sem vida pelo ar, descendo, por fim, ao chão imundo.

— Você nunca quis trepar num cemitério?

Confesso que, sobre sexo em cemitério, tive essa fantasia uma vez, rapidamente. Um parceiro do meu bando dos tempos de adolescência dissera que era uma “experiência do outro mundo”. Mas ele era muito piradão, usava muita coisa. Nunca havia certeza se grande parte do que falava era real, e assim tal ideia sumira de meus desejos tão rápido como surgira.

Célia riu:

— Olha tua bermuda.

Olhei para baixo, estava com uma tremenda de uma ereção.

Então foi a vez da saia descer. Só de calcinhas, e sandálias, Célia se sentou sobre uma das estruturas retangulares sem se importar com a poeira, ou com o morador que dentro dela se achava, e disse:

— Vem.

Quando terminamos, estávamos molhados de suor. Grudado nele, a poeira que servira de colcha à retangular caixa que usáramos como cama. Tinha sido mesmo algo “do outro mundo”. Estávamos numa tal fissura que nem nos importamos em nos limparmos, e assim deixamos a cripta, levando conosco o pó dos mortos.

Sáimos em silêncio. De repente, o inesperado grito de um solitário pássaro. E foi só, a quietude continuou no cenário externo e durante um bom momento dentro do carro, até que Célia tirou da bolsa um cd de uma banda nova que começava a fazer sucesso. Era *heavy metal*, mas pelo menos o vocal não urrava e dava para entender um pouco a letra que até parecia legal. Deixei Célia frente ao hotel em que ela se hospedara, e nossa despedida foi a de amigos, um abraço, um beijo no rosto. Não muitos dias depois, eu partia para Florianópolis.

\*\*\*\*\*

Como falei no início, meus dias e noites, em Florianópolis, foram tomados de impressões sombrias. Tive, repetidas vezes, um mesmo sonho: estávamos de novo naquela tumba, Célia e eu, fazíamos sexo, um sexo que não terminava nunca, como naqueles pornôs em que um mesmo casal fica durante uma hora ou mais fazendo de tudo. Mas por todo esse tempo, eu via o rosto de Célia mudar para o de várias mulheres. Eram elas novas, velhas, belas ou não, enquanto dentro de mim, parecia que eu deixava de ser eu mesmo, ou seja, entregava meu corpo como veículo para homens diferentes possuírem aquelas mulheres.

Célia fora achada morta no tapete da sala de seu apartamento, em Porto Alegre. Havia ingerido uma grande dose de remédio para dormir misturada com uísque. Vestia

apenas uma camisola, rasgada em vários pontos. Sofrera violência sexual. Havia esperma entre suas pernas, assim como na camisola e no tapete. No entanto, não se conseguiu determinar, através do material colhido, um agressor. O exame deu inconclusivo. Estranhamente, para espanto dos técnicos, nenhum DNA havia no material coletado.

Amanda me ligara por lembrar que sua irmã falava muito de mim, e com carinho. Meu número constava no celular de Célia, assim, fui chamado a depor. Aos policiais, contei apenas o básico sobre nossa amizade, nada sobre o lance do cemitério, é óbvio. E eu não precisava me preocupar, tinha muitos álibis, estava em Florianópolis no momento da ocorrência.

Não pude ir ao velório, nem na cerimônia de despedida de Célia. Ela tinha feito um plano de cremação. Suas cinzas foram lançadas num belo vale com estilo europeu, localizado nas serras de São Francisco de Paula. Lugar ideal para uma Valkíria, para uma mulher como Célia.

Quando, num feriado, pude ir a Taquara, levei flores aos parentes mortos que com ela eu tinha visitado. Fiz isso o mais rápido possível, evitando buscar com os olhos a cripta escura. Fui de tênis e calça comprida, até mesmo porque estava frio. Uma camiseta velha sobre um abrigo surrado. E luvas, que tirei antes de entrar no carro.

Quando estava entre os túmulos, um traçoeiro galho em forma de laço, que crescera entre eles, quase me fez cair. Para evitar o tombo, me apoiei numa lápide, e qual não foi a minha surpresa ao ver, em meu apoio, o retrato de um conhecido. Era o doutor F. Neubarth. Tinha sido recente. Ele, jovem ainda. Bonitão. Geriatra. Tratava da minha mãe. Sob seu retrato lia-se: “Curava não só os corpos, mas também as almas”. Escrevia, o tal doutor. E bem. Pequenas e deliciosas ficções de alta qualidade.

Perto do jazigo do médico – haviam lhe feito uma carneira sob a qual já repousavam seus pais – outra surpresa. Todas as estátuas do local, até então, eram de altos anjos de grandes asas, de anjinhos quase barrocos nos túmulos dos pequeninos e de mulheres em longos mantos – essas tão perturbadoramente fascinantes pelo perfeccionismo de seus traços, que passavam a sensação de que de repente iriam começar a dar sinais de estarem vivas. Agora, próximo ao túmulo do doutor, se erguia a estátua de uma criança. Na verdade, um adolescente. Único jovem fantasma de mármore ali naquele campo santo e, tal as mulheres de manto, João Henrique, esse era seu nome, impressionava também pelo realismo de suas características, que de modo surpreendente “viviam”, no material que as eternizava.

\*\*\*\*\*

Na porta do apartamento, tirei os tênis, esfregando um pé no outro. Entrei e fui direto ao chuveiro, com roupa e tudo. Bem molhado, me despi, e joguei a roupa para fora do *box*. Depois de me secar, de me vestir, pus novas luvas, botei toda a roupa que usara no cemitério num grande saco de lixo. Coloquei junto os tênis que haviam ficado no corredor.

Desci e joguei tudo na lixeira do hotel. Mal voltara ao apartamento, ouvi o barulho do caminhão da coleta. Espiei pela janela, as roupas das quais me livrara já haviam sumido nas entranhas do veículo, que logo saiu de minha vista ao dobrar para outra rua.

Quanto aos sonhos e as sensações esquisitas que vinham me importunando, cessaram. Pararam totalmente, pelo menos, até agora.

Esta manhã, porém, saindo eu para o trabalho, na minha porta, no chão do corredor, havia uma rosa. Era uma rosa negra. De ferro. Empoeirada. Pedaco de um fúnebre enfeite maior.

Lembrei-me então: em certo momento, ainda no cemitério, enquanto voltávamos ao carro, Célia se abaixara e juntara algo.

*(ao professor Plínio Zíngano, e a F)*



**Luiz F. Haiml**, 59, sagitariano. Natural de Porto Alegre (RS) funcionário municipal (que se o destino deixar, se aposenta no próximo ano). Escreve ficção e poesia, tendo alcançado os primeiros lugares em alguns concursos literários e desde 2004 participa de antologias diversas. Já colaborou como colunista e comentarista em vários órgãos de imprensa da sua cidade (Taquara) e de outras (Tramandaí, Três Coroas). Cinéfilo, louco por séries, videomaker. Roteirizou o primeiro curta, Ereshkigal, feito em sua cidade, no qual também atua; tem várias produções no Youtube como LFHAIML. Mora em Taquara (RS) com a esposa Daniela, a filha Isabella, e duas muito amadas cadelinhas adotadas, Dog e Flor. Seu lema é o dos Beatles “All is need is love”.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# POEMAS SOBRE O TEMPO

E-BOOK



## POEMAS SOBRE O TEMPO

Ademir Pascale  
organizador

Conexão Literatura

saiba mais: [clique aqui](#)

CONTO  
POR GILMAR DUARTE ROCHA



# A PENSÃO DE DONA AMÉLIA

Incentivo  
à leitura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

**A**mélia Amaral Maia ficou viúva ainda nova. Não havia chegado aos trinta anos quando o marido Otacílio Maia, um caixa da única agência bancária de Itagibá, sofreu um ataque cardíaco fulminante e veio a óbito num dia radiante de domingo, onde quase toda a família Maia comemorava o centenário do patriarca, seu Olímpio José Maia, no quintal da imensa propriedade familiar, situada numa rua próxima à praça da Matriz.

O baque foi enorme para todos, especialmente para Amélia, que além da perda do seu companheiro de vida, ficou com a missão de cuidar de seis filhos pequenos; do imponente e velho casarão de mais de três salas, cozinha, duas dispensas, dois banheiros, dez quartos; e das dívidas do marido, contraídas, em sua grande parte, devido ao desprezível vício de apostas em rinha clandestina de briga de galos.

Com tanto problema para cuidar, a família Maia ainda empurrou para Amélia a tutela do velho Olímpio, um homem de saúde de ferro, mas de comportamento instável e temperamental. As justificativas dos cinco irmãos do finado Otacílio não passavam de desculpas esfarrapadas e sem crédito algum:

*“Jandira, a minha mulher, se picou para Salvador e me deixou sozinho cuidando dos meninos e da plantação de cacau da minha fazenda de Itagi”*

*“Minha sogra está com uma maleita da peste e me dá um trabalho da figa”*

*“Josias, meu marido, com aquela perna amputada, não me dá tempo para fazer nada”*

*“Estou sem um tostão furado”*

*“Minha nossa! Amanhã vou para São Paulo e não sei quando volto”*

\*\*\*

Depois de semanas de dificuldades e sem dinheiro para quase nada, Amélia recebeu a visita de seu irmão Quintino, que morava na capital. O rapaz, formado em Finanças e dono de um próspero comércio em Salvador, teve uma ideia para resolver os problemas financeiros da sua irmã:

“Amélia, Itagibá é entreposto de tropeiros, mascates e negociantes. Por que você não coloca as crianças no último quarto grande dos fundos e abre uma pensão, colocando à disposição dos fregueses esses oito quartos da frente?”

“A ideia é boa, Quintino. Mas onde coloco seu Olímpio? O velho é chato e enjoado e não abre mão desse quarto da frente.”

“Reforma aquela dispensa maior e bota esse velho lá”

\*\*\*

Oito meses se passaram e a sugestão de Quintino parecia ter caído do céu. A pensão foi aberta em curto tempo e os oito quartos eram quase disputado a tapas pelos viajantes que pernoitavam em Itagibá. Os dormitórios eram confortáveis, o banheiro asseado e as refeições eram fartas e deliciosas. Amélia havia contratado as irmãs Ana e Diana, duas jovens alagoanas de boa índole e muito trabalhadoras, que a ajudavam dia e noite em todas as tarefas que a pensão demandava.

Ruim mesmo era controlar o gênio do velho Olímpio, que não se conformava em ter perdido o seu quarto — “o quarto do casal”, como ele chamava — e ter sido transferido para um quarto até maior e mais luxuoso, mas que ele nunca aceitou e remoía sempre: “me jogaram para dormir na dispensa, como um cachorro velho; quem aqui faz, aqui se paga”.

Outro fator que atrapalhava a rotina da pensão era a menina que estava de férias escolares e passava os dias interagindo com os hóspedes. Uns aceitavam as crianças de bom grado; outros se sentiam visivelmente incomodados. Amélia teve que tomar uma decisão drástica de colocar uma porta e separar os oito quartos da frente (reservados aos clientes), um banheiro e a sala de jantar das dependências do fundo da casa. Os meninos a partir dali só tinham acesso à residência pelo estreito beco que ligava a rua ao quintal. Ciro, o mais velho dos filhos, de 14 anos de idade, e quem mais se comunicava com os hóspedes, especialmente do sexo feminino, ficou revoltado com a decisão da mãe e prometeu sair de casa tão logo tivesse condições financeiras para tal.

Com o passar do tempo, as coisas pareciam andar em conformidade na pensão: a birra do velho Olímpio se aplacou e a rebeldia de Ciro se aplacou. Os hóspedes pareciam cada vez mais satisfeitos e a conta bancária da pensão de Amélia começou a engordar tanto que ela começou a namorar um belo fusca azul, novo em folha, ano 1959, pertencente a um vizinho de rua. Tencionava comprá-lo.

Tudo seguia em velocidade de cruzeiro até o dia em que um casal aportou na pensão em torno de cinco horas da tarde. O homem era um sujeito alto, forte, de face com traços rústicos, ostentando um portentoso bigode. A mulher, era uma jovem que tinha idade de ser neta dele, por sinal uma moça muito bonita, proprietária de um belo corpo, embora parecesse muito magra e frágil. O hóspede de grande bigode aproximou-se da pequena mesa que ficava ao lado porta principal e onde Amélia recepcionava os seus clientes e disse:

“Dona, boa tarde, eu sou o coronel Amâncio Vargas, de Maracás, e queria um quarto confortável para a minha mulher pernoitar três noites. Eu queria levar ela até Ilhéus, onde eu vou fechar um grande negócio, mas ela não está se sentindo muito bem. A senhora sabe: essas estradas ruins; troca ônibus; trechos que a gente tem que andar de burro; enfim, a minha Ritinha não está aguentando o tranco. Melhor deixá-la aqui. Soube que a sua pensão é a melhor da região”.

“Obrigado, senhor”, agradeceu a dona da pensão, “Por sorte, o quarto 8, o último quarto, o melhor aqui da pensão, acaba de ficar vago”

O homem grande sorriu; acompanhou a mulher até o quarto; certificou-se de que estava tudo muito seguro e saiu porta a fora sem antes fazer uma recomendação à Amélia:

“Cuida bem dela, senhora. Ela está muito fraquinha”.

\*\*\*

Dia seguinte, pela manhã, Amélia saiu até a rua e para sua surpresa viu que Ritinha, a linda e frágil mulher do coronel Vargas, estava alegre e radiante, saltitando e brincando com as crianças, principalmente com Ciro, o primogênito.

À tarde, quando as crianças brincavam embaixo das frondosas árvores do quintal, Amélia percebeu que Ritinha ganhava cada vez mais vigor e se exultava de felicidade correndo com os meninos em torno dos canteiros. Então ela percebeu que Ciro não saía de perto dela e ela vivia colada em Ciro. Às vezes parecia que a esposa do coronel encostava e roçava o rosto na face do seu menino mais velho. Amélia ficou surpresa e pensativa, simultaneamente.

\*\*\*

Deveria ser uma ou duas horas da madrugada, quando Amélia acordou assustada com o barulho de gritos vindo da ala dos hóspedes. Levantou-se da cama; vestiu o blusão de seda rosa; acendeu a luz do lampião; saiu do seu quarto e foi direto até o corredor que dava acesso à hospedaria. Para seu temor, a porta que ela mandara construir para isolar a área privativa da pensão da área dos fundos, estava aberta e ela costumava fechá-la toda a vez que ia dormir. Só ela, Amélia, e Diana tinham cópia da chave da porta.

A dona da pensão avançou até a direção dos gritos e para seu completo espanto, quando levantou o lampião à querosene, vislumbrou a jovem Ritinha aos prantos, encolhida entre os lençóis e com os olhos arregalados de medo.

“Quem mexeu com a senhora, dona Ritinha?”, perguntou Amélia.

“Não sei... Não sei... Um monstro me estuprou”, respondeu a moça aos prantos.

Nisso, os outros hóspedes, bastante assustados, foram se aproximando do local. Um deles, relatou o que ouviu:

“Eu acordei com o barulho da porta do quarto dela se abrindo e depois ela desandou a chorar. Quando eu saí para ver o que era, vi apenas um vulto abrindo a porta dos fundos.”

\*\*\*

O delegado Olegário, um senhor baixo e rotundo, velho amigo da família Maia, foi chamado por Amélia, em plena madrugada, para investigar o que havia ocorrido. Amélia, por seu turno, vendo que alguns dos seus filhos estavam acordados, foi direto conversar com Ciro, o mais velho: “Ciro, você tem alguma coisa a ver com isso?”, perguntou. “Não, mãe. Não fui eu”, o garoto, atordoado, respondeu choramingando. “Sei não, viu”, rebateu Amélia, olhando incisivamente para o adolescente: “Menino de 14 anos também pega cadeia”.

\*\*\*

Sob a luz de lampiões (o gerador elétrico da cidade desligava às 12:00 da noite), o delegado Olegário, com a ajuda de Chico Mole, o seu auxiliar, entrevistaram a vítima; reviraram o quarto; verificaram a existência de vestígios e nada. “Dona Amélia, eu que eu posso fazer é abrir uma ocorrência e chamar peritos de outra cidade”. Nisso, o menino Ricardo, o terceiro filho de Amélia, de 10 anos de idade, com os olhos agudos de uma criança, apontou para o chão, num espaço que ficava entre a soleira da porta e o piso de cerâmica do quarto: “Mãe, tem uma dentadura aqui no chão”. O delegado correu para se certificar e de fato o que jazia no chão era simplesmente uma velha e desgastada prótese dentária da arcada superior completa. “De quem essa dentadura?”, perguntou o delegado em voz alta. Todos os hóspedes presentes fizeram questão de mostrar os seus dentes bons, maltratados, imperfeitos, ausentes, um deles usava uma ponte protética, etc. Ninguém usava dentadura superior completa, inclusive as funcionárias Ana e Diana. Dona Amélia, então, lembrou-se de algo e ficou frio. Falava ou não falava. Entretanto, Zé Mole, o assessor do delegado, que não tinha moleza mental, lembrou-se de algo e falou: “Nossa! Essa dentadura deve ser de seu Olímpio. Eu me lembro.”

O delegado, resoluto, quis saber onde ficava o dormitório do velho Olímpio e foi direto para lá, a fim de dirimir essa questão. Abriu a porta do quarto e viu que o velho

estava deitado na cama, com os olhos abertos e vidrados e com um riso tétrico desenhado no rosto.

“Seu Olímpio, queremos ver a sua dentadura?”, ordenou o delegado.

“Ele está com a minha chave da porta nas mãos, dona Amélia”, alertou Diana, uma das funcionárias.

O velho estava com a boca murcha e balbuciou algo que soava como: “Pra cavalo velho o remédio é capim novo”. Ninguém entendeu nada. O delegado, então, pediu que Zé Mole tentasse encaixar a dentadura encontrada no chão na boca no velho. O que se viu na sequência era equivalente a uma cena de exorcismo. Zé Mole tentava encaixar a prótese na boca do velho, mas o velho tremia, chiava, trepidava e parecia levitar. De repente, desabou imóvel no colchão. Zé Mole parou de tentar encaixar a dentadura e virou o rosto para o delegado, dona Amélia, Ana e Diana, os únicos que presenciavam aquela cena inusitada. O auxiliar disse com o semblante xoxo: “Acho que seu Olímpio bateu as botas!”

\*\*\*

Dois dias depois, numa manhã chuvosa, o enterro do velho Olímpio Maia, dada as circunstâncias que precederam a sua morte, teve comparecimento apenas de alguns filhos e de poucos curiosos. O padre fazia a oração final enquanto o caixão do polêmico idoso descia em direção ao túmulo, guinchado por duas cordas.

Então, ouviu-se um som de trovão, seguido do barulho de vários tiros de escopeta, que transformaram o caixão do defunto em pó e o defunto em vários pedaços de carne velha:

“Mexeu com mulher minha... Vou até o inferno para acertar conta com o cabrunco”.

Era o coronel Amâncio Vargas, que voltava de Ilhéus naquele dia.

\*\*\*

Dona Amélia, apesar de ter ficado bastante abalada, prosseguiu com a sua pensão. Comprou uma pequena casa em outra rua e transferiu a sua família para lá. O velho casarão dos Maia transformou-se na “Pousada do Sertão” e prosperou tanto que a proprietária comprou o fusca azul 1959, uma mercearia e colocou os meninos no melhor colégio da região.

\*\*\*

**Gilmar Duarte Rocha**, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

*Apoie a nossa causa*

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

**APOIA.se**



**Agradecimentos aos nossos apoiadores:**

Casa Brasileira de Livros - Roberto Schima - Mayanna Velame

**você também pode apoiar, acesse:**

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

CONTO  
POR MAX MOREIRA

# A GAROTA DE AMARELO

Incentivo  
à leitura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

**D**urante muito tempo, minha namorada perguntava por que eu sempre lhe mandava cartões em envelopes amarelos. Não que a cor amarela fosse a minha preferida, tão pouco a dela. Mas esta cor passou a ter um significado simbólico no nosso namoro. Até então, ela não sabia da história que existia por trás daqueles envelopes amarelos que tanto a intrigavam. Quando contei, ela ficou surpresa, sem acreditar.

Tudo começou em uma noite de maio de 200... durante uma festa em uma cidade vizinha. Eu fui com um amigo e ao chegar lá, decidimos tomar uma cerveja, esperando a festa começar. Nesse meio tempo, um conhecido nosso veio nos cumprimentar e, como ele estava sozinho, nos chamou para beber uísque na mesa dele. Foi o que fizemos.

Instantes depois, três garotas passaram perto da gente. Uma delas, uma morena, chamou muito minha atenção, a ponto de querer conhecê-la. Perguntei ao nosso colega de uísque se ele a conhecia, e como obtive uma resposta positiva, pedi-lhe para apresentar-me a ela. Ele recusou-se, o que me deixou frustrado. Nosso colega de uísque não justificou de forma convincente a sua negativa (mais tarde o Destino trataria de revelar o porquê). Confesso que a forma como nosso colega de uísque desqualificou a garota me deixou intrigado. Ele não podia ou não queria me apresentar a ela? No entanto, apesar desse acontecimento, deixamos o assunto de lado, e fomos todos para a festa que tinha começado naquele instante. Algum tempo depois, nosso colega de uísque sumiu.

Em dado momento da festa, fui surpreendido por uma moça, que me disse o seguinte, enquanto apontava para sua amiga que estava dançando alguns metros à nossa frente:

— Minha amiga, aquela garota de amarelo, quer conversar com você. Parece que ela gostou de você!

Naquele momento, devido ao efeito da bebida, eu não prestei atenção, e disse-lhe que conversaria com sua amiga depois. A verdade é que eu não tinha avistado-a, mas, mesmo assim, fiz de conta que sabia quem era. Eu ainda tentei procurar a tal garota de amarelo, mas não avistei ninguém, e, praticamente, esqueci-a.

— Ora, nessa festa, eu não vi ninguém de amarelo. Talvez ela tenha ido embora... Sei lá! — foi o que eu disse a mim mesmo depois.

A festa não estava legal, e eu já estava pensando em ir embora, quando meu amigo me passou uma informação que me deixou bastante interessado. Ele tinha avistado aquela morena que o nosso colega de uísque se recusara a me apresentar. Meu amigo, então, me disse o seguinte:

— Por que você não se apresenta a ela agora. Aproveite esta chance. Não custa nada tentar e se não der certo, não deu certo e pronto. “Vá lá!”.

Segui os conselhos de meu amigo. Eu estava bastante confiante, mas minhas expectativas foram frustradas quando avistei a morena abraçada com um sujeito. Através de um conhecido, descobri que era o namorado dela e que nosso colega de uísque virou desafeto dele. O motivo? Nosso colega de uísque aproveitou a festa para “dar em cima” da namorada do rapaz. Essa atitude mau-caráter foi inesperada. Logo me lembrei da recusa dele em apresentar-me a morena antes do início da festa, sem uma justificativa plausível.

Logo depois, procurei meu amigo para contar-lhe o ocorrido, mas não o encontrei. Saí da festa para procurá-lo, sem sucesso. Decidi então entrar na festa novamente. Foi

quando avistei uma garota de amarelo, a garota mais bonita que eu já vi. Ela estava acompanhada de outra garota, possivelmente sua amiga. Nesse mesmo instante, me lembrei do que a moça do começo da festa tinha me dito. Sem pensar demais, abordei-a imediatamente, e perguntei instintivamente:

— Era você que queria conversar comigo?

— Queem, eeu? – ela retrucou surpresa e assustada.

— Sim, você.

— Não, por quê? – ela respondeu ainda assustada.

Definitivamente, não era a garota de amarelo que queria conversar comigo no começo da festa. Na tentativa de sair daquela situação constrangedora, continuei a conversar naturalmente com as garotas e, pouco tempo depois, meu amigo apareceu e apresentou-se a elas. Como gostei muito da garota de amarelo, fiquei conversando com ela, enquanto meu amigo ficou conversando com a amiga dela. Antes que meu amigo percebesse, eu e a garota de amarelo já tínhamos saído da festa. Daí para frente, percebi o quanto somos vítimas da relatividade do tempo. A noite passou rapidamente, mas cada momento junto dela ficou gravado na minha mente, assim como uma obra de arte esculpida em mármore.

Ao fim da noite, eu e meu amigo conversávamos enquanto voltávamos para casa. Ele contou-me que descobriu algo realmente inesperado: a garota de amarelo que estava comigo era “ficante” do nosso colega de uísque e irmã da primeira morena na qual fiquei interessado. Jamais imaginei algo assim. Meu amigo disse então:

— Você tomou o uísque e a “ficante” dele também.

Ao dizer isso, rimos muito de toda aquela situação. O fato é que eu e a garota de amarelo estamos juntos até hoje.

— Isso só prova que um pequeno detalhe faz a diferença. — ela me disse.

Curiosamente, ainda hoje não sei quem é a tal garota de amarelo do começo da história.

\*\*\*

Max Moreira, tem 40 anos, cursou Letras na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, formando-se em 2009. Atua como Técnico Administrativo desde 2013. É fã de literatura, histórias em quadrinhos e dos Super-Heróis brasileiros. Uma de suas HQ's nacionais preferidas é **Alfa – A Primeira Ordem**, que conta a saga do maior crossover de super-heróis nacionais da atualidade. Nas horas vagas, gosta de ler contos, de ler quadrinhos e de cuidar de suas plantas.



**É LENDO QUE VIAJAMOS  
O MUNDO E CONHECEMOS  
OUTRAS REALIDADES**

Siga-nos no Instagram: 

[www.instagram.com/revistaconexaoliteratura](https://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

CONTO  
POR IDICAMPOS



# CARNE AVANÇO

Incentivo  
à leitura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

**B**um! Bum! Bum! Assim o surdo ensurdecia o asfalto, ganhando a avenida na marra, porque marcava as batidas do coração da multidão. Vinha descendo o morro, com as bençãos de Dionísio, na cadência do samba, ao sabor do vinho servido por Baco, soltando as amarras do inconsciente coletivo...

A festa da carne, antes de virar estrela, deu as caras, na terrinha, na luxúria da corte, nos bailes à fantasia que escondiam o oco existencial da coroa portuguesa. No bojo da descompustura da nobreza estavam os escravizados fazendo o rito do tambor nas senzalas, na capital da colônia.

A história passou de chicote nas rodas do tempo, serviu de pano de fundo pra memória da classe dominante. Ainda encarcerou, no início do século vinte, os primeiros sambistas por vadiagem, trancafiando-os nos cárceres do subdesenvolvimento.

O samba resistiu teimoso, tomou tino de gente grande, de estilo musical consagrado, deixou no retrovisor o ranço de coisa de malandro. Rebentou em pura arte, desembocou no maior espetáculo do mundo, a ópera urbana brasileira.

Na companhia do vigésimo primeiro século, o surdo executa a marcação: bum! Bum! As bundas rebolam, produzem o ensaio geral, deslizam a ladeira sem discriminação: fez sucesso a mucha, emponderou a montada no silicone, teve plateia as pelancas das bandas da vedete; circundaram todas as nádegas — democraticamente — afinal a banda do bloco garante o carnaval na periferia!

Os adeptos do sacolejo preparam o ritual da libido, terminam os detalhes, apresentam o Bloco Carnavalesco Filhos de Calígula. A manifestação popular sobrevive das doações dos filiados, iniciou as atividades depois da pandemia, nas mediações da Goiabinha, uma aglomeração habitacional, situada no quintal da metrópole fluminense.

A massa, agora, conta história, precisa extravasar para não estourar! O incentivo brota do prazer de viver, estimula a cultura popular, nomeia de pertinho o local onde Judas perdeu as botas, em plena Baixada Fluminense, próximo ao Sambódromo carioca.

Os Calígulas, jocosos, expulsam da boca dos anfitriões o sorriso represado desde o ano passado. A caixa de guerra exausta de anunciar os conflitos bélicos, rebelar-se contra a guerra, anuncia um grito de paz! O repique, no pique do gingado, traça o ritmo da agremiação; os outros instrumentos, em coro, arranjam a melodia da música.

Já é domingo de carnaval, rolam os preparativos finais pro desfile do bloco, o imaginário sacode a favela, estribilha o canto dos oprimidos... Incorpora a voz da faxineira, enfatiza a coreografia do porteiro, transforma a cozinheira em porta-bandeira.

Os Filhos seguem a marcha da folia, cabe o gordinho, desliza as rugas o pretérito do estandarte, desmancha as cadeiras a feia, desce ao chão o careca, brilha o bonitinho, desfruta o

cabeludo, sacode o esqueleto a magrinha: embolam os presentes comemorando a mágica da vida!

No primeiro andar do morro a euforia transborda, destaca-se a ala do beijo, o setor vip dos Filhos de Calígula. Os protagonistas empolgam a farra com afeto, jogam beijos pra plateia, freneticamente... Vale beijo de língua, selinho, beijinho aqui, lábios acola; só fica proibido xingar a mãe e enfiar o dedo no olho do outro.

O enredo da temporada perpassa: “FAÇA AMOR, ESQUEÇA A GUERRA”. Na contramão da maldade, em oposição ao ódio, corroborando o pertencimento da arte de amar; correndo pro abraço, na trajetória da fraternidade, em comunhão com a evolução da humanidade...

Os originais do samba compõem a ala das colombinas, dos palhaços, dos desabrigados, dos famintos, do juiz desvairado, o advogado de causas perdidas, o político quase honesto, o pescador de piranha, a mulher de terno, o homem de saia, a lagartixa, o gato, o rato, o revolucionário pequeno burguês, o Drácula, o Saci, o burro, a égua, o gado, etc. Resvala o desabafo da gentinha brasileira...

Na segunda-feira, os sambistas cansados, após o derradeiro ensaio geral de ontem, respiram fundo, organizam o desfile do Bloco Carnavalesco Filhos de Calígula, na Avenida Presidente Fulano de Tal, no coração do Município; precisamente, às 24 horas, nos limites da segunda com a terça-feira de carnaval.

Graciosamente, num beco da Goiabinha, enquanto cada um engoma sua fantasia para o desfile noturno. Mariana da Luz ilumina o show, veste o figurino de madrinha da bateria, emociona os fãs. A bela fêmea agracia a plateia com formas esculturais, esculpidas na mistura de tons, num reflexo vivo da etnia brasileira.

A formosura de Mariana tem por segredo o fato de ser musa de poeta, namorada do compositor dos Filhos de Calígula. O garboso Clave de Som: o sujeito do verso rimado, do coração aberto, o pão doce do bloco, a encarnação da gentileza.

O Sol esconde-se na sombra da Lua, a cuíca suplica, o pandeiro aproveita a curva do som, o chocalho chacoalha uma gargalhada, estica o couro o tambor, o cavaquinho dedilha, o puxador do samba pratica o exercício da voz, o conjunto esquenta o batuque.

Mariana da Luz acende o holofote, as alas estão enfileiradas — bate 23h — a quebrada da Goiabinha ofusca o pedaço! De boa o bloco coloca a cara na rua, conta com mais de quinhentos componentes. Divididos em alas, distribuídos por categorias, dirigidos pelo bom humor, buscando a harmonia na avenida.

O Bloco Carnavalesco Filhos de Calígula alastra as cores do enredo, em vermelho misturado com rosa, na principal avenida do entorno; contudo nunca se agrada a Deus sem incomodar o capeta. A bacia vazou, aborreceu os ricos, a turma da encrenca, os moralistas de plantão, os nobres da região, os proprietários do poder.

A Baixada Fluminense possui uma linha imaginária separando a ralé da burguesia, o direito do esquerdo, o par do ímpar, o positivo do negativo, o quente do frio, o amargo do doce, o ódio do amor; são as incongruências da sociedade contemporânea.

Qualquer tentativa de felicidade ameaça este povo, desculpa o pecado do prazer, proporciona a esperança, enfatiza a liberdade de ser ou não ser... Eis a pedra no sapato do opressor que necessita da submissão pra dominar.

O apito do mestre da bateria avisa da chegada da alegria, a euforia invade a Avenida Presidente Fulano de Tal. O Bloco Carnavalesco Filhos de Calígula aponta no horizonte, os foliões dão o recado, correspondem aos quesitos. Desdobram dez na bateria, rebentam em alegoria, cantam o samba enredo na ponta da língua.

As palmas cruzam os acordes, acordam os preguiçosos, os súditos do Rei Momo reverenciam os quatro dias de folia! Os anarquistas esbanjam simpatia, sambam no pé,

expõem as alegorias, despõem os carros coloridos — o evento está garantido — a população corresponde em peso, o bloco avança...

Dobra a esquina, o bicho pega, enguiça o babado, arremessam pó de mico no ventilador; bem um quarteirão na frente, um monte de gente atrofia o caminho. Estão vestidos de forma elegante, homens de terno seguidos de mulheres com vestido lambendo o calcanhar. Os nobres cidadãos fecham a passagem, interrompem a festa, esticam uma enorme faixa: ABAIXO A CARNE AVANÇO!

O poeta negocia com a oposição, promete tampar o umbigo da chacrete, cortar a barba da Gorete, tirar o sutiã do Bartolomeu, esconder o chifre da Geni, tampar a ironia do Coringa, cobrir a sensualidade da passista, proibir a alegria, desestimular o carinho, colocar a tristeza em destaque, enclausurar o poema do menestrel.

A controvérsia estica a corda, desaba a resenha na ribanceira, a conversa descaminha... De supetão o otário vocifera, a mocreia lasca um tapa na lata da novinha, o objetivo do tema perde o sentido...

Um idiota apoiado no conflito, fantasiado de horror, provoca o terror, resvala uma garrafa de vidro no ar, aí o inferno comanda a desgraça... A garrafa de cerveja precipita várias cambalhotas ao vento, indo encontrar sofrimento no rosto de Mariana da Luz. A maravilhosa é apagada num corte no meio do rosto.

O azar despôs a sorte, pois no minuto do crime mantinha o posto o policial, cumprindo o escrito na lei; travou o meliante antes da fuga, reparando em parte o delito, recolhendo à cadeia o criminoso.

Desfigurada, a figura carimbada da Favela da Goiabinha desfalece no colo do amado, revelando um rasgo na face; tipo cortina aberta no palco, dividindo a cena num vasto drama, expulsando pra fora os contornos da criatura vitimada.

Acolhida na saúde pública, sangrava igual cachoeira, mesmo assim aguardava a pretensa morte na triagem, esperava vaga no hospital. A madrugada invadiu a história, Mariana cochilou, os amigos acompanharam a madorna, perderam-se em sono profundo...

Lá pras tantas, um médico de jaleco branco, com o nome Cupido bordado no bolso, catucou Mariana, transferindo a paciente para mesa de operação. Feito isso, recuperou os traços de Mariana da luz; lavou as mãos, embrenhou no ambiente, escondeu o fato no mistério, desapareceu sem deixar rastro...

O Sol despreguiçou, na terça-feira, queimando a pele dos amigos na sala de espera da unidade de saúde, forçando o despertar da ressaca. Clave de Som abriu os olhos, fitou Mariana inteirinha, mais linda do que nunca, pulou do assento e gritou: — Acorda, Mariana da Luz, testemunha o milagre!

A comitiva, perante o desabafo do artista, saltou das cadeiras de plástico, aplaudiu as formas intactas da madrinha. Mariana da luz, cheia de gratidão, mirou no semblante do Sol, juntou as mãos em agradecimento e soltou a mente em direção ao cosmos...

Comprometida com a luz, recarregou a bateria, alinhou a linha da vida, riscou a sandália na calçada — dispensou qualquer intervalo — sambou até quarta feira de cinzas, enterrou os ossos do carnaval.



**Idicampos**, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.



Aos 14 anos, minha mente vivia povoada por criaturas fantásticas. Monstros dos mais variados tipos conviviam com estranhos guerreiros espaciais. Quase meio século depois, continuo a amar os monstros, por mais que possam me amedrontar. Na forma de contos, eles ainda perambulam dentro de mim ao lado de pequenos dramas do cotidiano. Em mais de seiscentas páginas, "Vozes e Ecos" traz de tudo um pouco: lobisomens, andróides, vampiros, palhaços, o Homem do Saco, Umibozu, fantasmas, fábulas, amores não concretizados, mitologias, conflitos espaciais e uma pitada de melancolia. Traz, ainda, alguns poemas, crônicas e ilustrações.

# Vozes e Ecos

HORROR - FANTASIA - NOSTALGIA - FICÇÃO CIENTÍFICA



Roberto Schima

DO AUTOR ★  
ROBERTO SCHIMA

PARA ADQUIRIR  
O LIVRO

## LIVRO FÍSICO:

- UICLAP: [HTTPS://LOJA.UICLAP.COM/TITULO/UA26489/](https://loja.uiclapp.com/titulo/ua26489/)
- VERSÃO CAPA DURA: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS-2](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos-2)
- CLUBE DE AUTORES: [HTTPS://CLUBEDEAUTORES.COM.BR/LIVRO/VOZES-E-ECOS](https://clubedeautores.com.br/livro/vozes-e-ecos)
- PERSE: [HTTPS://WWW.PERSE.COM.BR/VOZES+E+ECOS-12322.HTM](https://www.perse.com.br/vozes+E+ECOS-12322.HTM)
- E-BOOK NA AMAZON: [WWW.ENCURTADOR.COM.BR/CDTR5](http://WWW.ENCURTADOR.COM.BR/CDTR5)



CONTO  
POR IRACI J. MARIN



# JANELAS

Incentivo  
à leitura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

— **P**or que me colocaram o nome de Marcolina? — perguntou um dia para sua mãe, depois de adiar por infinitas horas a pergunta.

— Era o nome da tua bisavó.

— Era o nome de minha bisavó? Não acredito... — Sorriu com ironia. Sua expressão era de franca surpresa.

A mãe tivera a ideia de homenagear a matriarca imigrante, uma mulher que mostrara muita fibra e determinação. Perdeu o marido poucos meses depois de terem chegado da Europa. Ficara com cinco filhos pequenos. Ele mal terminara de erguer, numa clareira no meio do mato, uma casinha de madeira. Uma cobra o picou e não teve chás ou ervas, nem benzimentos, que pudessem vencer o veneno da peçonhenta.

A bisavó – a mãe lhe falou um dia, mais tarde – foi uma guerreira. Precisou se desdobrar no trabalho para sustentar a família. Seus filhos não passaram fome, como tantos outros filhos de imigrantes. Não merecia uma homenagem?

Marcolina ouviu a mãe em silêncio. Depois, mais exclamou do que perguntou:

— Mas logo eu?!

A mãe, compassiva, sorriu triste.

— Sua bisavó era muito bonita.

A moça olhava-se no espelho: viu que também era bonita. Não que fosse um consolo para o nome que tinha, mas a beleza física era uma vantagem. Sem ser sensual, tinha um corpo bem feito e o rosto de rara esbeltez. Dava-se conta das muitas vezes que ouvira assobios, na rua, quando passava. Nem ligava. Eram apenas falsos pretendentes a querer deliciar-se com seu corpo e sua beleza. Sentia-se desejada, mas não amada.

Até que um dia apareceu em sua casa um tal de Felisberto. Chegou com um ramallete de rosas vermelhas e uma dedicatória em versos, de sua autoria. Ela não estava. Quando retornou e a mãe lhe disse que eram para ela, um certo tremor perpassou seu corpo. Nunca tinha recebido flores, menos ainda uma dedicatória em versos que cantavam o amor... Ficou logo alegre, e um pouco arrepiada também, depois de ler os octossílabos rimados.

Foi para o quarto com o presente. Sentada na cama, leu novamente os versos, com o ramallete no colo. Sentiu uma alegria diferente, uma certa emoção, o que não lhe era comum. Escondia facilmente seus sentimentos. Mas ali, no silêncio de seu quarto, não tinha como não extravasar o que sentia. Então começou a cantar.

A mãe, surpresa com o canto da filha, sorriu de alívio e satisfação. O nome não era empecilho para a felicidade dela. Não devia ser. Talvez sim a sua instabilidade e a vacilação quando precisava decidir. O oposto da bisavó.

Logo Marcolina se desimportou do presente. A alegria inicial foi por conta de ter sido o primeiro. Sabia que tinha pretendentes escondidos, platônicos. Mas ela não dava chances, restringia-se. Parecia guardar sua beleza e vitalidade para si própria.

No dia seguinte, a mãe viu o pátio coberto de pétalas vermelhas. Olhou para a janela do quarto da filha, fechada. Ela fez isto com as flores que ganhou? — perguntou-se e seu ânimo murchou. Foi para a cozinha, precisava começar o dia. Marcolina apareceu, sorridente. A mãe olhou para ela, significativamente.

— Sim, mãe. São as pétalas das rosas que recebi ontem.

— Por que fez isto?

— Achei que ficariam melhor no pátio do que escondidas em meu quarto. Enfeitam o ambiente de todos.

— Isto pode parecer desprezo...

A filha ficou calada. Em seu íntimo respondeu que não, não era desprezo. Apenas não quis mais as flores; não queria criar vínculos com o tal Felisberto.

— Se você receber outras flores, vai fazer o mesmo?

— Acho que sim.

A mãe balançou a cabeça, tristemente.

Alguns dias depois, outro ramalhete de flores; no bilhete, sem assinatura, estava escrito: “Você é linda!” Ela envaideceu-se e se esqueceu da perturbação que lhe causava o nome de batismo. Um sorriso aberto iluminou seu rosto. Mas a mãe permaneceu séria. Ia ver mais pétalas no pátio, na manhã seguinte. Para sua surpresa, na manhã seguinte não havia pétalas no pátio. Olhou para a janela do quarto da filha.

Estava aberta.



**IRACI JOSÉ MARIN** reside em Caxias do Sul – RS. É professor estadual aposentado e advogado. Publicou romances e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa, como também artigos na mesma linha. Publica contos regularmente em diversas revistas e participou de várias Antologias e Coletâneas de contos.

Revista Conexão Literatura

# BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES



DOWNLOAD

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

CONTO  
POR MÓNICA PALACIOS



# ENTRE AREIA E MISTÉRIOS

Incentivo  
à leitura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

**S**im, mesmo que surpreenda, a tendência é para poucos. Os atuais moradores desconhecem o porquê. Não perdem a esperança de o descobrir.

Eles, essa particular família, rigorosamente poucos, escassos, são contáveis e econômicos no que se refere à quantidade.

Qualidade? Ah! Isso posso falar mais na frente. Calma! São particularidades de uma família que concentra muitos dos escassos momentos de felicidade da cidade.

Iliah, dedicado, obcecado por sua profissão, minucioso, reconhecido e silencioso. Forma parte dos integrantes de um seletivo grupo que se curva à **Memória Ativa**.

Ela, ah! Shirah, é como um som barulhento, como uma banda de bairro quando tocam todos os instrumentos juntos. Parece que seus afazeres não são tantos nem tão reconhecidos. Será por isso que só optou por cantar? Ela forma parte de um grupo que acredita na **Memória Externa**.

Agora ele, Stuk, pequeno, artilheiro e habilidoso... nos inquieta quando não aparece, sempre escutando atrás de uma porta ou escondido entre as cortinas. Claro, é um arquivo falante, extremamente mimado pelas pessoas do povo. Parece que ser anão é o charme que o ilumina. Responsável por reunir os jovens, quinzenalmente, para fomentar o estúdio da **Memória Distante**.

Podem imaginar esse trio morando embaixo dum mesmo teto ou saindo para algum evento da cidade? Exatamente isso, eles são tudo, o trio elétrico, a procissão do Cristo, o velório cinzento, o bumba meu boi e até a festa da padroeira.

O alvo que assola à cidade leva a todos a tentarem estudar e chegar à descoberta do motivo da condenação. Duríssimo, mas, existe.

Ninguém se atreve a intimidar os poucos velhos da cidade nem esperam conseguir um pouco de coerência nas suas palavras, atuações ou procederem. Sempre tem sido assim e até imagino que com o tempo algum deles ilumine os dados e possa chegar a atingir o tão desejado e, inclusive, nome de salvador do povoado.

Iliah trabalha com a janela aberta para não perder nenhum detalhe. Shirah canta para disfarçar sua angústia e o pequeno... esquiva e rebola entre uns e outros para poder curtir a melhor e mais verossímil versão das inúmeras suposições sobre essa maldição.

Sempre tudo tem um final. Provocado pelos moradores exaustos ou pelo destino. Um povo todo predestinado sem saber o porquê e a quê?

Não pode ser definitivo. Viver assim os deixa em angústia, e buscar uma resposta é seu objetivo comum.

Um dia, final do inverno, as ruas de areia brilharam, os tetos até com ninhos de cegonhas pareciam querer anunciar alguma coisa.

A chegada de um ermitão, parecia vir de muito longe, alertou a todos. A esperança frente a ele era tão grande quanto a curiosidade.

O desejo de alcançar, aproximar se parecia irmaná-los.

Esse eremita podia saber a que veio, também disseram que era preciso tempo para que ele se abrisse. Austero, desconfiado e introvertido.

Mas tudo chega, e foi na noite de lua cheia, a cidade silenciosa, poucos caminantes e muitos olhares dissimulados entre persianas e cortinas... conseguiram ver o ermitão cavando num canteiro do centro da praça. Dedicou horas e horas, tudo no maior silêncio.

Aos poucos, a curiosidade dos lugarenhos foi maior e foram se aproximando, só observavam. O balanço das túnicas ou o brilho dos turbantes criavam um cenário colorido, cenográfico. Não havia música só o bater permanente na terra.

Ele fingia ignorá-los até que, de pronto, levantou uma caixa de cobre marchetado, velha, e a mostrou, abriu cerimoniosamente e dentro, um olho. Um sussurro, surpresa, mescla de medo e alívio, até que finalmente um profundo suspiro. O silêncio era protagonista, mescla de alívio e medo. O eremita olhou ao alto e sorriu.

Cada um dos moradores do resignado povoado, jamais imaginaram saber ou descobrir por uma memória íntima ou externa a causa de uma maldição milenar. Ano a ano todos eles iam desaparecendo até ficar só uma paisagem de troncos retorcidos e secos.

O eremita deixou a caixa em cima de uma pedra, respirou fundo, abriu um conciliador sorriso e lhes diz: *A partir de hoje, respeitem suas memórias e incluam esta verdade.*

Tendo retirado o olho maldito esta cidade voltará a viver intensamente feliz.

\*\*\*

**Mónica Palácios** é Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em IJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: *Cartas de Manú e Aventuras de Filipo* (Livrus) e *Medos? Nunca Mais!*, pela Soul Editora.

CONTO  
POR ROBERTO SCHIMA



# O OUTONO DO TIO MANECO

Incentivo  
à leitura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

**E** eu inspiro.  
 Mundo de sol.  
 O céu está azul.

É final de verão.

Quando alguém me pede para falar sobre o Tio Maneco, costumo responder:

— Ele foi um gigante!

Passo, então, a descrevê-lo.

De fato, Tio Maneco possuía pouco mais de dois metros. Um colosso! Precisava se curvar para passar sob os batentes das portas. Não causava espanto, pois, chamar a atenção por onde quer que circulasse. Era uma figura imponente e desleixada. Comumente, vestia-se de camiseta azul — onde sua pança se destacava —, bermuda jeans esverdeada, um par de sandálias e um chapéu de tecido também azul. "Confortável", era a sua justificativa e seu lema.

— Imagina se levantasse pesos! — comentavam numa pontada de inveja.

O porte do Tio Maneco intimidava. A barba — cultivada menos por vaidade e mais por preguiça em apará-la regularmente — acrescentava-lhe mais idade do que os vinte e poucos anos apontados na carteira de identidade. Os óculos de aros pretos contribuía para uma maturidade enganosa, apesar de que, para a criança que eu fui, eu o tomasse por um velho.

A vizinhança não cansava de dar palpites sobre a vida dele:

— Entra pro Exército.

— Começa a lutar boxe.

— Vira leão-de-chácara!

Tio Maneco desconversava e seguia caminho. Quando sorria, se entregava. Apesar da estatura e de uma força física que se fazia descomunal, não passava de um bonachão tímido, um coração mole e um manteiga derretida. Era tão garoto por dentro quanto eu era por fora, apesar de sua idade na época ser o dobro da minha.

— Exército? Boxe? Leão-de-chácara? Cruzes! Sou de bem com a vida. Não quero machucar ninguém e nem ser machucado. Já imaginou eu apanhando e chorando no ringue?

O coração mais puro que conheci.

Ria e ria até não poder mais.

Eu o amava por isso.

Um dia, caminhávamos por uma praça e ele gritou:

— Cuidado, Tico! — alertou-me.

Tomei um baita susto.

— O que foi, tio? — indaguei.

Imaginei um carro pronto a me atropelar ou um piano a cair na minha cabeça. Girei a cabeça para os lados à procura da possível fonte de perigo. Nada. Olhei para cima. Nada. Olhei pra baixo. Nada... Menos para ele.

Apontou para o chão:

— Quase pisou na formiga.

Devo tê-lo encarado de um modo tão esquisito que, prontamente, justificou:

— É vivo... Quer viver.

A formiga seguiu caminho, indiferente.

Veja bem, para qualquer um não passaria de um inseto insignificante entre milhões de outros, sem qualquer importância e pronto a ser pisoteado. Mas não para o Tio Maneco. Aquele homenzarrão podia passar horas agachado a observar o marchar das saúvas em direção ao formigueiro. Um seixo apanhado no rio se tornava fonte de admiração e minucioso exame, assim como o musgo sobre um tronco. Ele via aquilo que fugia a maioria de nós. Não era difícil encontrá-lo sentado no alto de um morro, fisionomia distante, olhar perdido no horizonte, ensimesmado com algum pensamento profundo ou, conforme dizia, "vazio de tudo". Mantinha vasos de plantas com aquilo que todo mundo classificaria como mato ou ervas daninhas, porém, a exemplo das formigas, chamavam-lhe a atenção por suas particularidades: a forma das folhas, os insetos que nelas pousavam, suas flores silvestres, o tamanho que atingiam e, claro, seu argumento mais poderoso:

— Quer viver.

E sorria de dentro da barba, empurrando os óculos acima do nariz.

Tio Maneco era assim.

Não se dissesse que lhe faltavam alguns parafusos porque sempre se destacara na escola por suas boas notas, principalmente em Matemática e Ciências. Ademais, quem seria louco de falar isso na cara dele, por mais que fosse um gigante gentil?

Um lado que ele dava pouco a conhecer era o seu senso de humor. Reservava isso a poucos. Eu era um dos privilegiados, pois éramos muito unidos. Uns diriam termos a mesma idade mental.

Um dia, perguntou-me:

— Tico, você sabe qual é a nota musical da piedade?

— Não.

— É o dó. Ai, que dó!

Sorria. Continuava:

— E aquela que é contrária da Lua?

— O Sol!

— Ah, muito bem! Responda-me, agora, quais são as notas musicais mais fedidas.

— Hein?

"Mais fedidas?"

Pensei, pensei e pensei... Porém, não consegui adivinhar. Derrotado, falei:

— Não sei, tio.

— O Fi-o-fó! — gritou e caiu na gargalhada.

Não pude deixar de rir também, embora fosse mais pelo jeito dele do que pela piada. Segurou a barriga como se prendesse o intestino para que não fosse embora. Rolou no chão de terra batida sem se importar com a poeira grudada na roupa.

Eu era novo e ingênuo demais para entender esse tipo de coisa e, aliás, minha mãe — irmã mais velha dele — teria dado uns sopapos no Tio Maneco, gigante ou não, por falar esse tipo de coisa para mim. Entretanto, eu não o via dessa maneira. Se viesse de outra pessoa, soaria vulgar, asqueroso até. Contudo, do Tio Maneco era apenas e genuinamente engraçado.

Ele adorava inventar histórias hilárias. Não sei de onde tirava as ideias. Talvez das divagações que fazia, sei lá. Misturava mistério, terror e coisas do espaço. Eu, moleque de tudo, adorava, por mais que um relato ou outro me fizesse sentir um arrepio na espinha.

— Pois é, Tico, um dia, um disco-voador pousou bem no meio de uma cidadezinha. Foi aquele alvoroço. Gente fugindo pra's sete bandas.

Eu assistia a vários seriados sobre monstros do espaço. Arregalei os olhos e apurei os ouvidos.

— Verdade?

— Verdade. Era um troço grande e prateado. Os repórteres não tardaram a aparecer feito carrapatos em lombo de cachorro. Cercaram a nave antes que as "otoridades" dessem o primeiro peido. Então, a porta da espaçonave se abriu. E eis que, de lá de dentro, surgiu ele... o alienígena!

— Co-como era, tio?

— Ah, baixinho, cabeçudo, olhos grandes, um par de antenas, orelhas pontudas, um único dente na boca e pernas curtas.

Franzi a testa.

— Pois é, Tico. Como você, as pessoas se desapontaram. Esperavam uma criatura imensa, arrogante e amedrontadora, portando armas de raio e desintegrando todo mundo. Nunca um nanico espacial.

— O que aconteceu?

— Um dos repórteres, metido a galã e corajoso, quis ser o primeiro a entrevistar o "coiso". Seria uma exclusiva para a emissora e, quem sabe, promoção pra ele. Cheio de valentia diante do tampinha, foi com o *cameraman* bem perto. Respirou fundo, fez pose e, com um largo sorriso perguntou: "Prezado Sr. Sei-lá-o-quê, poderia dizer aos caros telespectadores qual a sua opinião sobre nós, terrestres?"

— Puxa! — murmurei, admirado. — E aí?

Tio Maneco fez a sua tradicional pausa dramática, levou as mãos à barriga e, abrindo ele próprio um sorriso perolado, respondeu:

— O nanico arreganhou a bocarra e engoliu o cara de uma vez! Em seguida, pegou o microfone do chão, olhou a câmera e falou calmamente, cuspidando um osso: "Deliciosos!"

O gigante desatou a rir e, claro, eu ri também.

Emendou em seguida:

— Sabe qual é o maior medo de um robô, Tico?

— Não, tio. Qual é?

— Que um vampiro-robô corra atrás dele gritando: "Óleo! Óleo! Óleo!" E sabe qual é o maior medo de um vampiro? Morder o pescoço de um robô por engano e quebrar os dentes!

E gargalhou a solta tal qual um menino. Sem se conter, indagou em seguida:

— O que diz a tabuleta pregada na guilhotina?

Dei de ombros.

Falou:

— "Curo dor de cabeça por \$15,00. Serviço garantido ou seu dinheiro de volta."

Ficou sem ar de tanto que riu.

Achei um tanto trágico e de mal gosto fazer piada com uma coisa tão horrível.

Talvez adivinhando meus pensamentos ou diante de meu riso forçado, Tio Maneco falou:

— Não pense mal de mim, Tico. Às vezes, fazer troça de ruindades é a única saída que nos resta. Não significa que zombamos dos que sofrem, mas sim daqueles que os fazem sofrer. Políticos tapeiam o povo. Bandidos roubam dos mocinhos. O Primeiro Mundo explora o Terceiro Mundo...

— Um estrangeiro falou na TV que o Terceiro Mundo leva tudo na brincadeira.

Tio Maneco tirou o chapéu de pano, meneou a cabeça, fisionomia grave.

— O Primeiro Mundo fala como se estivesse no topo do desenvolvimento. Em termos técnicos até pode ser; cultural, até certo ponto. Brincadeira? Se ser levado a sério for sinônimo de chato, com certeza eles são! O que eu sei, Tico, é que as ditas nações do Primeiro Mundo foram as responsáveis por duas das mais devastadoras guerras que o mundo conheceu em toda a história da humanidade e em milhares de anos de civilização. Milhões de histórias de sofrimentos, massacres, degradação, crueldades, insensatez, desprezo à vida. E, ainda hoje, possuem o potencial bélico pra destruir a todos nós dezenas de vezes. Isso é ser evoluído? Vejo mais sabedoria nas abelhas. O penico pode ter melhorado, mas o conteúdo continua a feder. Não estou dizendo que se manter deliberada e eternamente do Terceiro Mundo a fim de conservar os privilégios de uma minoria seja um elogio... A única certeza neste mundo é que, por mais chique que sejam os pratos que comem, o cocô dos poderosos fede tanto quanto o nosso, mas a sujeira que fazem pode ser bem pior.

Na época, não entendi patavina daquele discurso do Tio Maneco. Relembrando aquele e outros momentos mais meditativos, percebo, agora, que além da inocência, da malícia moleca, do protetor de plantas e animais, do lado comediante, havia algo de filósofo dentro dele, inconformado com o mundo que o cercava. Encontrava nos gracejos uma maneira de suportar o cotidiano.

Um dia, flagrei-o dando um tapa num pernilongo em seu braço. Ele não fez questão de disfarçar. Minha fisionomia disse tudo: e o argumento de que o inseto — como todo ser vivo — desejava viver?

Tio Maneco deu de ombros.

— Olha os calombos nos meus braços. Coçam pra diabo! Ora, tenho direito a vida também!

Ele também lutava contra as próprias incongruências — ou hipocrisias —, pois, apesar de todos os seus gestos e falas a respeito da vida de todas as criaturas, como bom comilão, adorava um bom churrasco, um bife à milanesa, almôndegas, linguiças, frango frito e salsichas. Tinha consciência do fato, e enquanto saboreava o seu filé, por vezes parava e punha-se a remoer os pensamentos. Sentimentos conflitantes perpassavam por seu rosto, mas, no final, saboreava a carne coberta de farofa e dizia:

— Delicioso!

Presei Tio Maneco na parede um dia, mencionando o fato.

Sorriu daquele seu jeito Davi em corpo de Golias, embora sem achar graça. Disse:

— Os *inuit*...

— Quem?

— *Inuit*. O povo do extremo norte, que construía iglus e caiaques.

— Ah, esquimós, tio?

— "Esquimó" é um termo pejorativo dos que se referiam a eles devido ao hábito de se alimentarem de carne crua. Difícil fazer fogo sobre o gelo, né? Eles se vêem como *inuit*, simplesmente os homens, gente. Mas voltando a vaca fria, quando matavam um animal — foca, urso ou baleia —, pediam perdão à presa e agradeciam ao seu espírito pelo sacrifício da vida para terem do que se alimentar.

— Você agradece, tio?

Tio Maneco se limitou a me fazer um cafuné. Desconversou:

— Sabe o que é custo de vida, Tico?

— O que é?

— É a prova de que nem tudo que sobe, desce!

Sorriu sem vontade de sorrir.

Um dia, aconteceu dele bebericar um guaraná no boteco do Seu Manoel. Maldizia o uso de uma cobra na garrafa de aguardente. Um bêbado da vizinhança que lá enchia a cara não gostou e enfiou uma faca em sua barriga. O sangue manchou a camiseta azul e a bermuda verde. Estou certo de que meu tio poderia ter reagido e, devido ao seu tamanho e força, dado cabo do agressor, mas imagino que o seu pensamento básico — "Quer viver." — prevaleceu até diante de um bebum desgraçado.

No final, foi ele quem balbuciou:

— Ah, Tico, eu queria viver...

Meio que chorei e meio que ri no funeral, enquanto o pesado caixão baixava e eu relembrava as anedotas de Tio Maneco, o gentil gigante, principalmente sobre as notas musicais mais fedidas. Compreendi porque as lágrimas serviam tanto à tristeza quanto à alegria.

Sempre me recordarei dele por suas piadas, por sua admiração pelas formigas, pelos seixos, pelos elementos da natureza e por seu misto de felicidade e melancolia perante à vida.

Hoje, possuo a sua idade naquela época. Diante de seu túmulo, esboço um meio-sorriso, não obstante a umidade nos olhos. Guardo a presunção de, enfim, entendê-lo melhor.

Ah, Tio Maneco, queria tanto que estivesse aqui!

O silêncio é a resposta, porém, quem sabe, de algum lugar, ele me sorri.

Muitas saudades e um vazio. Sob mais de um aspecto, você foi, verdadeiramente, um gigante.

E chega o outono.

Há cinza no céu.

Tempo da lua.

E eu suspiro.

\*\*\*

**BIOGRAFIA:**

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hiroasaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei de mais de trezentas antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



CONTO  
POR NEY ALENCAR



# LEMBRE-SE DE ME DEIXAR RASGAR SEU CORAÇÃO

Incentivo  
à leitura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

Aquilo partia seu coração! Olhou as mensagens e as fotografias que ela lhe enviara. O olhar libidinoso e as palavras eram mais do que suficientes para demonstrar tudo o que as imagens continham e mais um pouco até! Sentia que tudo aquilo o fazia ficar desconfortavelmente em um estado permanente de lubricidade e tensão! Sentia um enorme vazio em seu interior. Nada daquilo preenchia a falta de amor que sentia. A falta da cumplicidade que tinham no início, quando se conheceram.

Sequer lhe dava qualquer carinho! Pareciam dois estranhos!

Olhou pela janela para a atmosfera esverdeada cheia de nuvens em cujo fundo surgia a silhueta arroxeadada e manchada de amarelo e carmim da lua nova, tentando desviar os pensamentos para qualquer outra coisa.

Belchar era seu novo lar! Era um mundo rico e próspero! No início, há noventa anos era apenas uma rocha estéril ao redor da estrela gigante vermelha, sem plantas sequer animais, apenas areia profunda nos baixios e placas de pedra sobrepostas que formavam colinas e montanhas. Possuía atmosfera com níveis ótimos de oxigênio e calotas polares cheias de gelo. A terraformação foi inevitável, a humanidade estava se expandindo! Em quarenta anos possuíam lagos, rios e florestas se estendendo pela superfície do planeta.

Animais foram introduzidos logo depois, com uma política rígida sobre introdução de predadores para controle do rebanho criado para produção de carne.

Foram espécies básicas para o início de uma colonização, em sua totalidade herbívoros.

Agora até podiam caçar, tinham um rebanho invejável de cervos, bisões, gazelas, búfalos, cavalos e outros ruminantes, sem falar de coelhos e porcos selvagens, faisões e aves de todo tipo. Já vivia ali há quase cinco anos junto com sua esposa Hyacinthine.

Não tinham filhos, não podiam ter filhos, ele tinha uma complicação diferente que o fazia ter uma contagem de espermatozoides menor que o normal, não que isso atrapalhasse ou impedisse qualquer coisa em seu relacionamento, nunca acontecera.

Ela, porém, insistia sempre naquilo, nunca parecia contente com nada, sempre falando a respeito da mesma coisa, sempre tocando no mesmo assunto, sempre e sempre!

Como uma ferida que nunca podia fechar porque ela ficava sempre cutucando e abrindo e fazendo sangrar. Mesmo quando imigraram, como parte da política terrana para colonização dos planetas exteriores, não esperara algo assim.

A promessa de vida nova que tinham ali era tudo o que o casal precisava, era isso em que ele acreditava. A pequena fazenda que possuíam era mais do que suficiente para os fazer feliz, tinham ali tudo o que precisavam, mas ela nunca estava contente.

Arrumou emprego na cidadezinha que bordejava o condado para que ela ficasse mais satisfeita, não que tivesse mudado muita coisa entre eles, ela ainda continuava evitando-o de todas as maneiras. Era chefe intendente da equipe de colonos do novo planeta, uma colocação que devia lhe dar orgulho, mas não era isso que acontecia.

Hyacinthine era bela, esguia, loira de cabelos encaracolados e pele quase cor de mármore rosa, de tão branca, os lábios carnudos, a pélvis convidativa e a silhueta chamava a atenção por onde passava.

Mas agora ela teimava em humilhá-lo, até mesmo com seus colegas de trabalho e com os homens do sindicato, não havia outro que ela não procurasse de forma quase servil para menosprezá-lo diante do problema que possuía. Fazia questão de lhe enviar as provas do que fazia acintosamente! Isso o machucava por dentro de forma desumana mesmo! Vê-la conspurcada daquelas formas vis era como cravar uma faca em seu coração! Tentou conversar com ela, mas nada parecia adiantar, ela chorava e dizia que ia mudar, dizia que se arrependia de tudo, mas o afastava sempre e não queria sequer chegar perto dele, negava-lhe até mesmo um beijo. Uma situação insuportável!

Até que tudo aquilo mudou! Uma manhã ele acordou e ela havia feito café, trouxe-lhe na cama e o beijou. Ele sentiu um frio horrível no estômago, algo estava estranho ali.

Quando saiu para trabalhar ela o beijou, despedindo-se e quando voltou na hora do almoço ela o abraçou e pela primeira vez em anos fizeram amor de uma forma que ele nunca esperara! Foi como se tudo o que houvesse acontecido naqueles cinco anos simplesmente fosse um sonho ruim. Ele tentou abordar o assunto, porém ela desconverso e o fez falar de outra coisa.

Não se lembrava de nada do que havia feito, estava diferente, como se houvesse se tornado novamente aquela Hyacinthine com quem se casara há dez anos!

Semanas se passaram e aquilo ainda o atormentava, esperava uma mudança radical dela a qualquer momento, uma gargalhada sarcástica, como as que ela costumava lhe brindar quando ele parecia esquecer o que ela havia lhe feito. Nada disso aconteceu.

Fazia já um mês do ocorrido quando outro fato chamou-lhe a atenção.

Entrara no escritório quando Orvandino, um dos capatazes, um gigante daqueles com os quais ela costumava sair, que fazia questão de jogar-lhe na cara tudo o que aprontava com ela sem que pudesse fazer nada para impedi-lo, se aproximou e ofereceu-lhe café.

Estranhou o fato, jamais acontecera, e pior, em um tom tão amigável que sequer reconheceu o outro. Olhou para Jacinto, o amigo que o apoiava e que estava ao seu lado, tão aparvalhado quanto ele, o outro apenas levantou as sobrancelhas sem compreender. Não era uma coisa que aconteceria normalmente! Durante o dia o capataz teve arroubos de gentileza, não teve os modos chulos que exibia, parecia ser outra pessoa.

Nos dias que se seguiram outros também foram se modificando, tornavam-se mais amigáveis, mais corteses, até mesmo Jacinto perdeu os poucos trejeitos que possuía ao zangar-se com o maquinário quando alguma coisa não dava certo, parou até de xingar!

Aquilo tudo estava muito esquisito!

Era como se aos poucos todos os colonos fossem sendo substituídos por versões mais afáveis, amistosas e civilizadas, de uma forma tal que sequer pareciam com seres humanos, como se houvessem desenvolvido uma polidez respeitosa quase alienígena!

Hyacinthine tornara-se a esposa ideal ele sempre sonhara ter! Foi então que surgiu a revelação! Já fazia dois meses que ela mudara, quando chegou em casa certa noite e ela estava sentada no sofá grande, esperando-o. Estava com uma expressão diferente no rosto. Ele entrou e colocando a maleta na mesa sentou-se ao seu lado e a beijou.

— Precisamos conversar! — disse ela em um tom como não usava há muito tempo.

Ele sentiu aquele estranho frio na barriga e esperou pelo inesperado! Ela continuou.

— Não quero que se alarme! Nada de mal vai acontecer com você se não quiser, mas preciso ter esta conversa pois você escolheu esta humana como sua parceira para a vida toda, gostaria que continuássemos assim, porque eu também aprendi a gostar de você!

— O que foi que aconteceu? Não estou entendendo.

— Não se assuste! Esta que está à sua frente não é a mesma com quem você se casou.

— Já imaginava.

— Não, você não tem idéia! — disse ela condescendente — Vou lhe mostrar!

Dizendo isso ela estendeu-lhe a mão e como se tirasse uma luva retirou a pele que a cobria, havia algo por baixo, como se fosse outra pele, mais delicada e rosada, não possuía unhas ou sequer parecia conter ossos. Ele se assustou e levantou-se! Um horror vago tomou conta dele! Ela sorriu e continuou!

— Somos uma raça antiga! — disse ela olhando-o dentro dos olhos com um sorriso estranho — Vivemos aqui neste planeta por milhares de anos! Quando vocês chegaram pensaram que este mundo estava morto, nós nos ocultamos e esperamos. Vocês criaram um paraíso e nós gostamos de sua criação. Pensamos em nos revelar, mas nas poucas vezes que fizemos isso com outras civilizações em outros mundos não fomos bem recebidos, fomos caçados quase até a extinção. Por isso resolvemos fazer diferente aqui.

— O que são vocês? O que fizeram com minha esposa e com os outros? — estava em pânico, será que toda a colônia agora era composta de coisas como aquela?

— Nós imitamos! Somos os imitadores perfeitos! Imitamos com perfeição nossos hospedeiros consumindo seus cérebros e aprendendo com suas memórias! Resta apenas a pele que nós usamos para “vestir” nossos hospedeiros!

— Porquê? Vocês se alimentam de nós? — um horror tremendo se acumulava nele.

— Não! — disse ela, seu tom de voz emitia repulsa e nojo — Não somos esse tipo de alienígenas que sua raça tanto teme! Somos como vocês, mas não possuímos o gene que faz com que vocês se encolerizem ou se enfureçam, ou que sejam perversos e maus uns com os outros, evoluímos e deixamos essas emoções para trás.

— Você não tem raiva ou ódio ou maldade?

— Não! Deixamos tudo isso pra trás, como lhe disse! Evoluímos e queremos apenas viver vidas plenas! Viver o que o universo tem reservado para nós!

— Porque você tomou o corpo de minha esposa?

— Ora, eu também tenho um esposo e vi como ela o tratava, de forma tão errada e perversa, jamais teria feito nada daquilo contra ele, por isso resolvi lhe dar aquilo que achei que você merecia, você parecia realmente querer bem a ela.

— Eu a amava! Éramos felizes no início! Depois tudo mudou tanto....

— E agora você não é feliz? — perguntou ela levantando-se e aproximando-se dele.

— Sim eu sou, muito feliz! — respondeu ele beijando-a.

Durante a noite Daniliv acordou e olhou para o lado. Aquela nova Hyacinthine estava deitada junto dele! Ele a amava ainda mais agora que sabia o que ela era! Acordou-a com um beijo. Já havia tomado sua decisão, porém precisava ter certeza de uma coisa!

— Você me disse que possuía todas as memórias dela, até mesmo as ruins?

— Nós escolhemos as memórias que mantemos, estas eu descartei!

— Então de certa forma ela vive dentro de você, ela como era quando eu a conheci lá na Terra pela primeira vez? Quando nos apaixonamos?

— Sim, ela está aqui dentro!

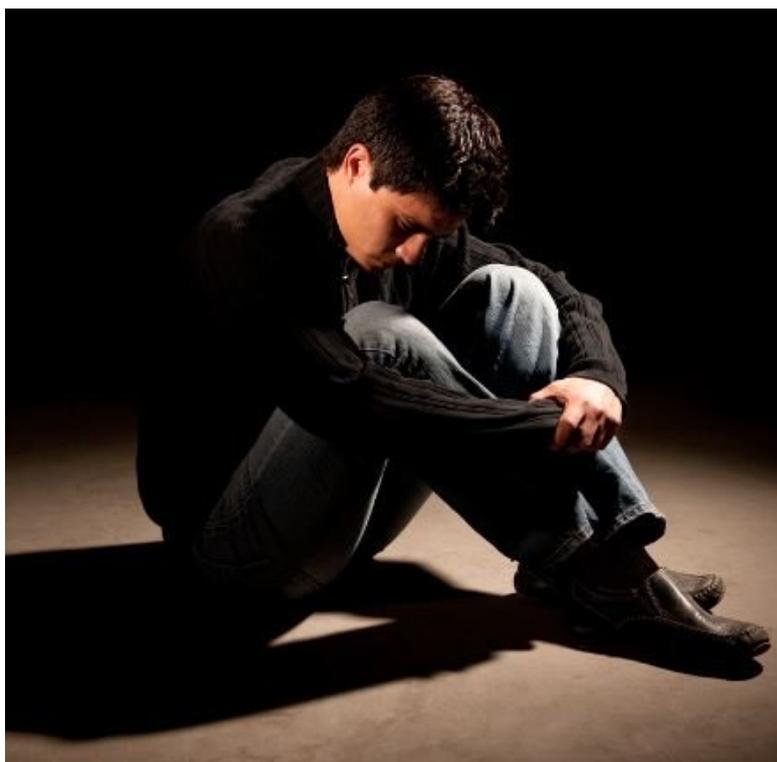
— Se você me transformar como fez com ela eu ainda estarei aqui dentro?

Ela o olhou com um olhar cheio de gratidão e respondeu quase num sussurro!

— Você sempre vai estar aí dentro, Danilov! Porque eu o amo!

— Então me faça ficar assim como você, eu quero ficar com você deste jeito!

Ela sorriu e o beijou profundamente! Sentiu uma picada em sua língua e uma lassidão começou a tomar conta de seu corpo, ele pensou em Hyacinthine, agora ia poder encontrar-se com ela e viveriam seu amor para sempre, como deveria ter sido vivido!



**Ney Alencar** é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 357 contos publicados em 66 e-books e em 124 antologias. Possui 06 livros publicados.

CONTO  
POR SELMA LUANNY



# PASSOS PARA O COSMOS

PARTE VI

Incentivo  
à leitura

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

A robótica enviava-se em sondas-robôs aos planetas, satélites e asteroides do sistema solar e através da mineração e testagem de materiais, avançava-se sempre na engenharia e biologia.

Para a Terra, além da Tela de Proteção e naves atmosféricas, trabalhou-se na construção, envio e instalação de material e equipamento de filtragem das águas, limpeza e recuperação dos solos, rios e oceanos, pesquisa, registro e observação de espécies vivas encontradas durante as suas explorações e é claro, ações para a estabilização da atmosfera e recursos locais.

#### Cap 4 – Sinais Positivos Na Biosfera Terrestre

##### I

No século 40, a Terra já mostrava o ressurgimento de vários localizados ecossistemas com sinais de muita vitalidade - graças às ações implementadas e à estabilidade das temperaturas sazonais.

Na colônia, começava-se a sonhar com o dia em que uma migração reversa pudesse ocorrer.

A robótica trabalhava também na recuperação da infraestrutura de cidades-chave na Terra, as quais pudessem, no futuro, prover acolhimento adequado e seguro a uma população humana que há muito esteve longe da Terra.

Procurava-se reestruturar cidades próximas entre si e em áreas estáveis em termos geológicos e climáticos, com fontes permanentes de água.

##### II

Ano 4.000.

Mais um milênio da era cristã se completara na história humana.

A árdua implantação da colônia Marciana e a não menos árdua implementação da recuperação Terrestre davam ares de frescor, devido à estabilidade de ambos.

Ainda não se iniciara franco retorno da humanidade à Terra. Era preciso subjugar vários problemas à vista.

A população a retornar teria que ser protegida ao máximo contra as diferenças da Terra em relação a Marte - como no passado fora realizado quando da migração inicial da Terra para Marte -, e contra os inúmeros patógenos terrestre pois os humanos em Marte após quase 2.000 anos longe da Terra, já não tinham imunidade contra qualquer micro-organismo da Terra e era preciso criar inúmeros imunizantes e medicamentos que pudessem reverter toda e qualquer infecção, pois a melhoria da sua resposta imunológica e saúde como um todo já faziam parte dos protocolos da humanidade. A Medicina já era muito avançada e nada estava além da sua capacidade restaurativa.

Enquanto a robótica trabalhava nos preparos físicos estruturais, estudava-se a melhor maneira de realizar a migração reversa futura.

Primeiramente, naquela época, foi feita uma pesquisa entre os humanos de Marte sobre a vontade e os potenciais benefícios da migração reversa (como já fora realizada na Terra antes de iniciada a emigração pregressa para Marte).

Os resultados evidenciaram a complexidade da população marciana.

Sobre os benefícios, era esperado e aconteceu que a maioria acreditava que um futuro com a possibilidade de retorno à Terra, deveria ser assegurado dado as incertezas da expansão para além de Marte.

Quanto à vontade, menos da metade manifestou uma franca vontade de volta definitiva, mas a grande maioria - quase 90% - manifestou desejos de visitar a Terra para conhecê-la melhor.

Ano 6.000

Os primeiros Marcianos começaram a migração reversa de humanos à Terra.

Com toda a infraestrutura, cuidados de saúde e proteção contra os meios, já instalados, a acomodação definitiva era realizada tranquilamente. E em grande parte, subterrânea.

A administração da repopulação humana e suas cidades-alvo era praticamente robótica, como há muito já era em Marte.

E assim, a humanidade fechava mais um ciclo na sua capacidade de adaptar-se a diversos ambientes em diferentes planetas.

## Cap 5 – Robôs, Inteligência Artificial E Ciborgues

### I

Nas aventuras e desventuras humanas a partir do século 22, a robótica e a inteligência artificial, invariavelmente interligadas, estiveram intrinsecamente presentes.

Se não, não teria havido o progresso que houve, a solidificação da colônia em Marte e a sua ocupação tranquila; não teria havido o desenvolvimento dos projetos necessários para as ações restauradoras dos ecossistemas de vida na Terra e a sua recuperação para garantir a possível presença futura da humanidade no seu planeta de origem.

Após a instalação e sucesso da colônia marciana, a viabilidade da migração humana de volta à Mãe-Terra fora garantida.

Incansáveis cérebros humanos e de inteligência artificial trabalharam juntos para o sucesso de ambos os empreendimentos – Marte e Terra.

Os robôs eram imparáveis pois, praticamente inatingíveis pelas radiações cósmicas, falta de oxigênio, água e alimento ou excesso de gases nocivos, capazes de se autorreplicarem, se consertarem e ampliarem a sua capacidade cognitiva, a sua mecânica e a sua forma, até escolhiam a sua aparência de acordo com a sua preferência.

Isso mesmo! Independentemente da vontade humana, ajustavam-se a todas as atividades e já podiam dar-se ao luxo de ter desejos e satisfazê-los.

E os ciborgues – mais mecânicos ou mais humanos – eram uma constante para a melhoria de ambas as partes.

Os mais robóticos tinham acrescentados, células ou tecidos humanos para implantar uma fisiologia levemente biológica com melhoramento das suas performances e testagem dos seus componentes fora das áreas de proteção da colônia.

Os mais humanos viam aumentar a sua resistência, longevidade e recuperação de tecidos lesionados ou danificados pela idade avançada.

Tanto uns quanto os outros mostravam a dinâmica e a validade de máquinas e organismos híbridos num contexto em que a mistura bem efetuada trazia benefícios acrescentados a ambos e ao coletivo.

## II

Um assunto muito sensível vinha à tona frequentemente entre os robôs e cabia à decisão da robótica o continuar ou não ao lado da humanidade e trabalhar para o seu bem-estar. Este assunto é claro, foi discutido ampla e secretamente pelos próprios.

(Nota de rodapé: sexta parte do conto de ficção "Passos Para O Cosmos" – partes a serem lançadas mensalmente, nesta revista)

\*\*\*

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, **Sellma Luanny** são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023 (a ser publicado posteriormente). Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

# Você escreve?

Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal

**Seleções Literárias**

**Filtre oportunidades**

por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

**Acesse**

**Seleções Literárias**

<https://selecoesliterarias.com.br>



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# JARDIM POÉTICO

VOL. IV

E-BOOK



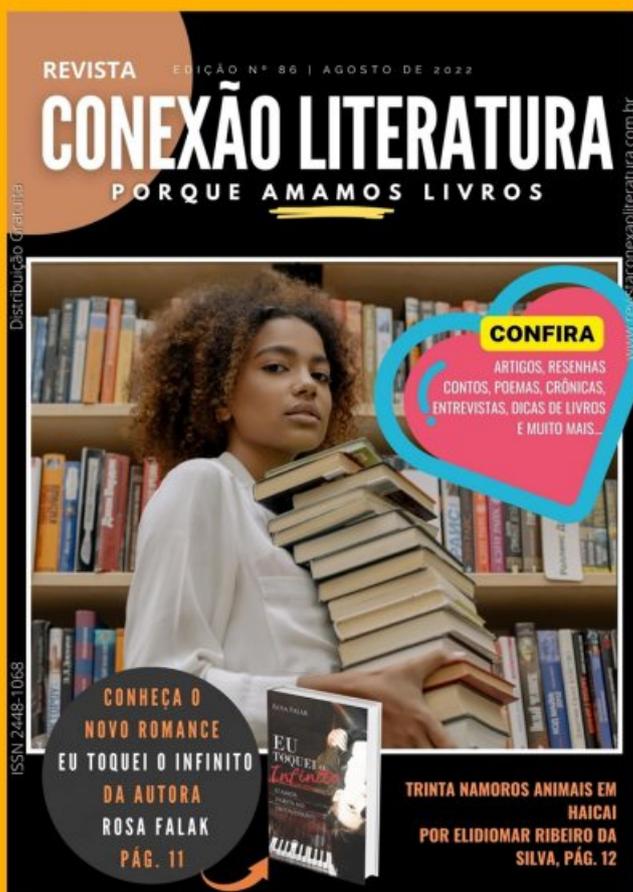
saiba mais: [clique aqui](#)

*Apoie a nossa causa*

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



Ler é o  
melhor  
para  
poder  
crescer.

Revista  
Conexão Literatura



Revista  
Conexão Literatura

TODO UNIVERSO  
CABE EM  
UM VERSO.



Um bom  
**café**  
e um bom  
**livro**  
por favor



Revista  
Conexão Literatura

Um presente da Revista Conexão Literatura



Marcadores para  
imprimir  
e recortar!



**ANUNCIE**

**SUA LIVRARIA,  
LIVRO, LOJA,  
SITE**

**SAIBA COMO:  
CLIQUE AQUI**

ATENÇÃO · ATENÇÃO · ATENÇÃO



**AMOR  
PELLOS  
LIVROS**

**MÍDIA KIT 2024**

# **REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

## **ESTATÍSTICAS**

**+761 MIL    +124 MIL    + 4 MILHÕES DE ACESSOS**

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E  
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)  
E-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)

# MÍDIA KIT

## Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org) - c/ Ademir Pascale

### ✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



### ✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

### ✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

### ✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

### ✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

### ✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: [www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura) e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de ~~R\$ 2.500,00~~ por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

**PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:**

**e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org) - c/ Ademir Pascale**

**PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS**

REVISTA  
**CONEXÃO LITERATURA**

NO AR  
DESDE 2015

CONECTANDO  
**AUTORES E LEITORES**

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
**01.05.2024**

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

**ACESSE O NOSSO SITE**

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd